

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**O OLHAR DE A RAZÃO E DIÁRIO DE SANTA MARIA SOBRE
O EXTRACAMPO NA COBERTURA DO CLÁSSICO RIO-NAL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Felipe Tubino Franco

Santa Maria, RS, Brasil

2015

O OLHAR DE A RAZÃO E DIÁRIO DE SANTA MARIA SOBRE O EXTRACAMPO NA COBERTURA DO CLÁSSICO RIO-NAL

Felipe Tubino Franco

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para
obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Magno Cassiano Casagrande

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia

**O OLHAR DE A RAZÃO E DIÁRIO DE SANTA MARIA SOBRE O
EXTRACAMPO NA COBERTURA DO CLÁSSICO RIO-NAL**

elaborada por
Felipe Tubino Franco

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo

COMISSÃO EXAMINADORA:

Magnos Cassiano Casagrande, Me. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Gilson Luiz Piber da Silva, Me. (Unifra)

Antonio Guilherme Schmitz Filho, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS, 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram, de algum modo, parte desta trajetória. Apesar de todos terem sua importância, há aqueles que merecem agradecimentos especiais.

Agradeço aos meus pais, Feliciano e Gina, por estarem comigo sempre que precisei. Por terem me dado todo o suporte necessário e por me ensinarem a sempre ir atrás dos meus sonhos.

Agradeço o apoio incondicional que recebi de minha namorada Renata, que sempre esteve do meu lado nos momentos mais tensos e importantes.

Agradeço aos meus colegas, os quais foram muito importantes nesta trajetória de quatro anos. Aqui, um agradecimento especial pra galera do “Intercâmbio dos Campeões”, que além de colegas, se tornaram grandes amigos durante o curso, os quais pretendo levar para a vida inteira.

Agradeço também aos meus dois mestres, Magnos Casagrande e Viviane Borelli, que me inseriram no mundo da pesquisa e me conduziram com maestria durante todo o período de realização do trabalho.

E por fim, minha gratidão estende-se ao esporte, mais especificamente ao futebol, atividade que influenciou diretamente na minha inserção ao jornalismo.

RESUMO

Monografia

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

O OLHAR DE A RAZÃO E DIÁRIO DE SANTA MARIA SOBRE O EXTRACAMPO NA COBERTURA DO CLÁSSICO RIO-NAL

AUTOR: FELIPE TUBINO FRANCO

ORIENTADOR: Me. MAGNOS CASSIANO CASAGRANDE

Local e Data de Defesa: Santa Maria, 15 de dezembro de 2015

A presente pesquisa propõe analisar como se dá a cobertura de fatores extracampo do clássico entre Riograndense e Internacional de Santa Maria pelos jornais A Razão e Diário de Santa Maria. Para isso, enquanto objetivo geral, propõe-se descrever e analisar temáticas publicadas pelos jornais que não estão diretamente relacionadas ao que ocorre dentro do campo de jogo. Como objetivo específico, discute-se questões relacionadas ao futebol e seu surgimento, sua chegada na sociedade e a participação da constituição da identidade brasileira, além de sua transformação em negócio e espetáculo. O trabalho apresenta como suporte teórico-metodológico questões relativas ao jornalismo esportivo, valores-notícia e aos efeitos de sentido de tematização. Para a fase analítica elaboram-se quatro categorias de análise: Estrutura, Violência/Segurança, Torcida e Clássicos Temáticos. O corpus de análise conta com 19 matérias publicadas por A Razão e Diário de Santa Maria. Ao realizar um estudo comparativo entre os principais jornais de Santa Maria, constata-se que, em linhas gerais, ambos apresentam situações extracampo em suas coberturas sobre o clássico Rio-Nal. Nas temáticas de estrutura e violência/segurança, a abordagem dos jornais foi semelhante, já em torcida e clássicos temáticos, é possível notar diferenças entre eles.

Palavras-chaves: Extracampo; Cobertura; Clássico Rio-Nal; Jornalismo Esportivo; Futebol

ABSTRACT

Undergraduate Paper

Course of Social Communication - Journalism

THE VIEW OF TWO LOCAL NEWSPAPERS, A RAZÃO AND O DIÁRIO DE SANTA MARIA, ON OFF-FIELD HAPPENINGS IN THE COVERAGE OF THE RIO-NAL FOOTBALL DERBY

AUTHOR: FELIPE TUBINO FRANCO

ADVISOR: MAGNOS CASSIANO CASAGRANDE

Place and Date of Presentation: Santa Maria, December 15, 2015

This research aims to analyze how the media coverage on off-field happenings of the football derby between Riograndense and Internacional de Santa Maria Rio-Nal is done by two local newspapers, A Razão and O Diário de Santa Maria. Therefore, as a general objective, it aims to describe and analyze issues published by the newspapers that are not directly related to what happens on the playing field. As a specific objective, we discussed issues related to football soccer and its emergence, its arrival in society and participation in the constitution of the Brazilian identity, as well as its development into a business and a spectacle. The paper presents issues related to sports journalism, news values and meaning effects of theming as theoretical and methodological support. Four categories of analysis were elaborated for the analytical stage: structure, violence/security, fans and thematic football derbies where a theme, festivity, or commemorative date boosts coverage. The corpus analysis consists of 19 articles published by both newspapers. In conducting a comparative study of the major newspapers of the city of Santa Maria, it appears that in general both papers publish off-field events in their coverage of the Rio-Nal football derby. Regarding the issues of structure and violence/security, the approach of both newspapers was similar. However, with regard to fans and thematic football derbies, it is possible to notice differences between them.

Keywords: Off-field; Coverage; Rio-Nal football derby; Soccer; Sports journalism

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – JOGOS DUPLA RIO-NAL.....	42
QUADRO 2 – ESPECIALISTAS E FIGURAS.....	82
QUADRO 3 - PRINCIPAIS FRASES DAS TEMÁTICAS ABORDADAS.....	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Texto: "Rio-Nal será às 16h"	48
Figura 2 - Texto: "O clássico será às 16h"	50
Figura 3 – Texto: “O dia D do Rio-Nal”	52
Figura 4 – Texto: “Quando teremos futebol?”	53
Figura 5 – Texto: “Quando teremos futebol?”	54
Figura 6 – Texto: “Atraso no começo do clássico 263”	55
Figura 7 - Texto: "Teve balde, rodo e até colchão"	56
Figura 8 - Texto: "Problemas que insistem em voltar"	58
Figura 9 - Texto: "Sobrou confusão e faltou futebol"	62
Figura 10 - Texto: "Foi decepcionante"	63
Figura 11 - Texto: "Futebol ficou em segundo plano"	65
Figura 12 - Texto: "Segurança em pauta"	67
Figura 13 - Texto: "Foco na segurança"	69
Figura 14 - Texto: "Inter-SM faz 3 a 0 no Rio-Nal".	71
Figura 15 - Texto: "Saldo positivo no Rio-Nal"	73
Figura 16 - Texto: "Saldo positivo no Rio-Nal"	74
Figura 17 - Texto: "A torcida jogou junto"	75
Figura 18 - Texto: "Emoção também na torcida"	76
Figura 19 - Texto: "É semana Rio-Nal"	78
Figura 20 - Texto: "Torcidas unidas para o primeiro clássico do ano".	79
Figura 21 - Texto: "Vai, Santa Maria!"	82
Figura 22 - Texto: "Vai, Santa Maria!"	84
Figura 23 - Texto: “É o Rio-Nal Farroupilha"	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUTEBOL: OS PRIMEIROS PASSOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA	14
1.1 APROXIMAÇÃO ENTRE FUTEBOL E SOCIEDADE.....	16
1.2 O BRASIL SE TORNA O PAÍS DO FUTEBOL	19
1.3 FUTEBOL: NEGÓCIO E ESPETÁCULO	23
2 JORNALISMO E FUTEBOL	29
2.1.1 Apontamentos sobre a linguagem esportiva	31
2.1.2 Jornalismo Esportivo: Valores-notícia e Critérios de Noticiabilidade	32
2.3 RIOGRANDENSE E INTER-SM	35
2.3.1 Surge o Clássico Santa-mariense	39
2.4 MÍDIA SANTA-MARIENSE.....	40
2.4.1 A Razão e Diário de Santa Maria.....	40
3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	42
4 ANÁLISE DO EXTRACAMPO DO CLÁSSICO RIO-NAL NO AR E DSM	47
4.1 ESTRUTURA	47
4.2 VIOLÊNCIA/SEGURANÇA	59
4.2.1 Violência.....	60
4.2.2 Segurança.....	66
4.3 TORCIDA	71
4.3.1 Torcedor como notícia	71
4.3.2 Apelo ao torcedor santa-mariense.....	78
4.4 CLÁSSICOS TEMÁTICOS	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

Em tempos de novas arenas, elencos compostos de jogadores conhecidos nacional e internacionalmente, disputa nos principais torneios em âmbito sul-americano, milhares de sócios e roupas de marca, as atenções de torcedores e mídia estão voltadas para os grandes clubes de futebol no Brasil. A exemplo do Rio Grande do Sul, os principais times, Grêmio Football Portoalegrense e Sport Club Internacional, estão sediados na capital Porto Alegre. Por outro lado, a história do futebol no Estado é contada também por outros diversos times que possuem cada um sua história e relevância, cada um em seu tempo.

Em Santa Maria, cidade localizada na região central do Estado e considerada a quinta maior cidade do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 280 mil habitantes, o futebol também possui o seu valor e sua vasta carga histórica. Na cidade, há dois clubes principais, um deles já é centenário, o outro, tem quase 90 anos. Um está ligado aos ferroviários da Viação Férrea, o outro, tem sua identificação com os Correios e Telégrafos.

De um lado a cidade veste o verde e vermelho do Riograndense Futebol Clube, clube ligado à viação férrea, fundado em 7 de maio de 1912 e considerado um dos dez clubes mais antigos do Rio Grande do Sul. Durante os 103 anos desde sua fundação, o Riograndense, como é conhecido, teve em sua história diversos feitos importantes. No outro lado, Santa Maria se cobre com o vermelho e branco do Esporte Clube Internacional, fundado em 16 de maio de 1928. A equipe dominou o futebol local na década de 80, graças a sua forte ligação com os Correios e Telégrafos.

O clássico Rio-Nal, como é conhecido o jogo entre Riograndense e Inter-SM, não esteve presente nas manchetes jornalísticas por um período. Em 2011, o Internacional de Santa Maria disputava a Série A do Campeonato Gaúcho de Futebol, enquanto o Riograndense participava da Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho. Os santa-marienses já contabilizavam cinco anos sem clássicos oficiais na cidade entre as equipes, já que o último havia sido realizado também pela

segunda divisão gaúcha em 2007. Ao final do Campeonato Gaúcho de 2011 Santa Maria começou a pensar em clássico novamente, projetando os jogos que viriam no ano seguinte. Em 2011 o Inter-SM foi rebaixado para a segunda divisão do Estado e jogaria contra seu principal adversário novamente no ano seguinte. O fato de Santa Maria receber novamente uma partida oficial entre os clubes pretendia mobilizar torcedores e meios de comunicação. Para os torcedores, a realização de ir ao estádio para torcer para seu clube no clássico da cidade. Já para os veículos de comunicação, como os jornais A Razão e Diário de Santa Maria, a chance de voltar a colocar o clássico Rio-Nal nas capas dos jornais e levar a rivalidade novamente aos assuntos comentados na semana.

Quando Riograndense e Internacional de Santa Maria se enfrentam, os jornais A Razão e Diário de Santa Maria buscam fazer uma cobertura mais ampla sobre temas relacionados ao jogo. Em semanas de clássico, diversas matérias são publicadas com temas que fogem do convencional treino de jogadores, escalações e crônicas das partidas. Questões que são relacionadas ao futebol, mas ao mesmo tempo possuem relações com a comunidade, a torcida, os jogadores, a história dos times e da cidade, também fazem parte da cobertura. Diante desse contexto, a questão central da pesquisa é analisar que estratégias discursivas os jornais A Razão e Diário de Santa Maria utilizam para tratar de temáticas extracampo? A partir de pré-observações, notamos que os jornais produzem textos com intuito de aproximar os torcedores de seus respectivos times, problematizam questões relacionados à segurança, violência e estrutura, além de inserir festividades na construção do clássico.

O objetivo geral do estudo é analisar o tratamento midiático dado pelos jornais A Razão e Diário de Santa-Maria aos fatores extracampo que envolvem os clássicos futebolísticos entre Riograndense e Inter-SM. Para dar sustentação ao objetivo geral, elabora-se os seguintes objetivos específicos: Refletir sobre as relações existentes sobre futebol e sociedade. Discutir sobre jornalismo esportivo para entendermos algumas relações entre meios de comunicação e esporte e analisar os materiais relacionados ao clássico Rio-Nal. O objeto empírico do estudo é composto por notícias e reportagens que abordam diretamente o clássico no período de uma semana antes e uma semana após a realização da partida. Foram analisados materiais desde o clássico 254, realizado em 04 de março de 2012, até o clássico 265, realizado em 07 de junho de 2015. Desse conjunto inicial de textos selecionou-se um *corpus* de análise composto por 19 matérias.

A importância do presente trabalho se dá pela pouca abrangência que o futebol local possui no âmbito acadêmico, especialmente na questão extracampo. Na escolha dessa temática, pensou-se na importância do clássico entre Riograndense e Internacional de Santa Maria para a cidade. Outra questão que levou a pesquisa ser realizada é o gosto pessoal sobre assuntos envolvidos ao esporte, mais especificamente o futebol. Admirador dos dois clubes da cidade, surgiu como uma oportunidade de mostrar a todos o clássico Rio-Nal e algumas questões que o cercam.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizado através de um método comparativo. Também utilizou-se conceitos relacionados ao efeito de sentido da Tematização para compreender como os jornais tematizam assuntos relacionados aos clássicos para além das partidas. Para isso, foram selecionados textos produzidos por Peruzzolo (2010, 2015) que evidenciam como o enunciador se utiliza de figuras que concretizem o tema proposto por ele. De que maneiras o enunciador sustenta seu discurso ao enunciatário.

A monografia está dividida em quatro partes. Na primeira parte, tratam-se aspectos como a chegada do futebol ao Brasil através de Charles Muller, como o esporte vindo da Europa se aproximou da sociedade brasileira e como a população aderiu ao futebol ao ponto de hoje termos uma identidade nacional diretamente ligada ao esporte. Além disso, fala-se sobre a transformação do futebol de uma simples forma de lazer a um negócio que movimenta enormes quantias de dinheiro ano a ano. Na segunda parte da monografia, apresentam-se questões ligadas ao jornalismo esportivo, a Internacional de Santa Maria e Riograndense, além dos meios de comunicação de Santa Maria. Com relação ao jornalismo esportivo, discute-se um pouco sobre sua história e sobre uma de suas principais especificidades: a linguagem. Sobre os times de Santa Maria, aborda-se o surgimento e seus principais feitos, além da contextualização do clássico Rio-Nal. Para fechar o segundo capítulo, passa-se rapidamente pela história dos meios de comunicação de Santa Maria, com aspectos mais detalhados dos jornais impressos A Razão e Diário de Santa Maria, os quais compõe a pesquisa.

Em um terceiro momento, abordam-se questões metodológicas e os efeitos de tematização utilizados para a escolha dos temas, além de uma explicação sobre temas escolhidos para análise. Para finalizar, realiza-se a análise da cobertura extracampo de A Razão e Diário de Santa Maria no clássico Rio-Nal a partir de 2012 com a abordagem de temas que ultrapassam as quatro linhas do futebol. Assuntos como clássicos tematizados pela mídia, estrutura dos estádios,

segurança/violência e torcedores são abordados na presente pesquisa para compreender o que há além das crônicas esportivas em uma cobertura de um clássico de futebol.

1 FUTEBOL: OS PRIMEIROS PASSOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

No Brasil, o futebol ganhou as proporções que conhecemos devido a uma sociedade que o adotou como prática de vida, de pensar, de agir e de entretenimento. Ao adotar o esporte como prática de seu cotidiano, a sociedade implementou o futebol na sua identidade. Mas antes de falarmos sobre a aproximação do futebol na sociedade, além do futebol como identidade no país, é necessário recorrermos ao passado para mostrar como o futebol chegou nas terras tupiniquins¹.

O futebol chegou ao Brasil em torno de 1894 com Charles Miller, jovem de 20 anos, brasileiro, descendente de ingleses, que, ao voltar da Inglaterra após sua viagem de estudos, trouxe consigo duas bolas de futebol, dois uniformes completos, uma bomba de ar, uma agulha e um livro de regras sobre algo até então desconhecido em solo brasileiro, o *foot-ball*. Para Lucena (2002), o futebol surge no Brasil em um contexto específico de nossa sociedade, cada vez mais urbana e com o encontro de culturas diferentes, com o fim do trabalho escravo, o aumento da imigração e uma série de mudanças que favoreceram a ampliação de ações no sentido de um redirecionamento ao estilo europeu de vida. Com a chegada do futebol, esporte recém vindo da Europa, a sociedade começou a se habituar aquilo que se transformaria em um grande fenômeno cultural de expressão do homem.

Após chegar em solo brasileiro, o futebol começou a ingressar diretamente na sociedade no momento em que passou a ser um lazer para a elite da época, já que “[...] nos primeiros anos do esporte no Brasil, todo o equipamento adequado para a prática do jogo tinha de ser importado” (GUTERMAN, 2014, p.33-34). Aos poucos, o esporte começou a transcender a prática elitista e começou a ganhar às camadas mais populares da sociedade, principalmente através dos

¹ Sinônimo de nacional na língua corrente (literatura tupiniquim, antropologia tupiniquim), os Tupiniquins são um grupo de indígenas brasileiros. Foram o grupo indígena com o qual se deparou a esquadra portuguesa de Pedro Álvares Cabral, em 23 de abril de 1500.

ferroviários ingleses que trabalhavam no Brasil no século XIX. Para Guterman (2014), o contato dos ferroviários, tanto com a elite, quanto com as classes mais populares, fez o esporte ser disseminado mais rapidamente na sociedade. Antes de ser considerado um esporte de massa, o futebol foi também elemento segregador na sociedade, mesmo sendo jogado por todos, as camadas mais pobres e os negros eram barrados das partidas de futebol, tendo permissão de participarem apenas como torcedores. A segregação começou a sofrer mudanças a partir da popularização do esporte na década de 1920 e a mistura entre futebol amador e profissional.

Antes visto como um construtor de caráter, uma atividade de poucos - por se tratar de esporte voltado para a elite - o futebol foi recebido pelo brasileiro em 1919. Na ocasião, o Brasil conquistou seu primeiro título ao vencer o Uruguai por 1 a 0, pelo 3º Campeonato Sul-Americano de Futebol, atualmente conhecido como Copa América². A partida foi marcada pelo governo ter decretado ponto facultativo nas repartições públicas, além de bancos e casas comerciais ficarem fechadas com o objetivo de acompanhar a Seleção Brasileira de Futebol. Fora de campo, um apelo enorme ao povo em prol da seleção nacional, dentro de campo, Arthur Friedenrich² foi o divisor de águas, de acordo com Guterman (2014, p.46)³:

A partir desse gol de Fried, o Brasil notou que seus negros e seus pobres (o que quase dava no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto podiam.

Assim, o brasileiro passou a se identificar aos poucos com o futebol. Além do hábito de acompanhar ou praticar o esporte, o futebol começou a fazer parte da sociedade e aos poucos virou uma das identidades do povo brasileiro.

² Mais informações em ASSAF, R.; NAPOLEÃO, A.; C. **Seleção Brasileira – 90 anos** (1914-2004). Rio de Janeiro: Mauad, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/8dlQEb>>. Acessado em 28 mai. de 2015.

³ Arthur Friedenreich, nascido em São Paulo, em 18 de julho de 1892, ficou conhecido como "El Tigre" ou "Fried", e foi considerado a primeira grande estrela do futebol brasileiro na época amadora, que durou até 1933. Ele marcou o gol da vitória contra os uruguaios na decisão e, ao lado de Neco, foi o artilheiro da competição. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Friedenreich>. Acesso em 18 de maio de 2015. Para ampliar conhecimento sobre 'El Tigre', indico O Tigre do Futebol, de Alexandre da Costa e Friedenreich: A Saga de Um Craque nos Primeiros Tempos do Futebol Brasileiro, de Luiz Carlos Duarte, 2012.

1.1 APROXIMAÇÃO ENTRE FUTEBOL E SOCIEDADE

A relação entre futebol e sociedade não cresceu apenas pelo título da competição sul-americana vencida pelo Brasil e pelo gol de Friedenreich. A inclusão social, o lazer e sua profissionalização contribuíram significativamente para a aproximação do esporte à sociedade brasileira - temos aqui o imbricamento de ambos - e nessa aproximação esses aspectos se cruzam diretamente um fato oriundo de outro. No caso da inclusão social, voltamos ao primeiro jogador que fez história pela Seleção Brasileira, segundo Mario Filho, no livro “O negro no futebol brasileiro”, Arthur Friedenreich. Apesar de seu sobrenome estrangeiro, Filho (2003) o descreve como o “mulato de olhos verdes”.

Os relatos dividem opiniões sobre o primeiro clube a aceitar negros em seu elenco, já que clubes como Ponte Preta, Bangu e Vasco da Gama “lutam” para ficar com o pioneirismo de integrar afrodescendentes em suas equipes. Mas é a história do Clube de Regatas Vasco da Gama e os “camisas pretas” que serviu como expoente para ascensão social dos negros dentro do futebol. Com um elenco formado por negros, operários e suburbanos, o Vasco da Gama conquistara o Campeonato Carioca de 1923, quebrando a hegemonia de times formados apenas por atletas brancos como América, Flamengo, Fluminense e Botafogo⁴. Coelho (2014, p.9), em relação a importância do título vascaíno formado por um elenco repleto de jogadores negros, afirmava que “era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte”.

Ao lado da ascensão racial, a profissionalização do futebol também possuiu sua contribuição para aproximar o esporte da sociedade brasileira. Na ocasião do título carioca ressaltado anteriormente, o futebol ainda tinha seu caráter amador, mas em meados dos anos 1920 até 1930 já era possível perceber uma transição do amador para o profissional, denominado por Guterman (2014) como “falso amadorismo”. Após a conquista brasileira em 1919 e a gradual participação dos negros em alguns clubes no país, a mudança do amadorismo, realidade na época, para o profissionalismo foi se concretizando. No começo, eram os times de fábricas que remuneravam seu “operários-jogadores”, já que ao remunerá-los, as equipes que levavam o nome das empresas serviam como um meio de divulgação da marca. Os “operários-jogadores” que se destacavam durante as partidas eram premiados com um valor após vitórias importantes, dias de

⁴ Mais detalhes sobre o primeiro título carioca do Vasco da Gama disponível em: <<http://www.vasco.com.br/site/conteudo/detalhe/35/1923-os-camisas-negras>>. Acesso em 03 de set. de 2010

folgas do serviço e trabalhos mais leves. Mauro Filho (2003, p.88-89) relata o exemplo do clube Bangu Atlético Clube, do Rio de Janeiro:

Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. [...]. Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores de futebol, teriam lugares garantidos na fábrica. [...] Depois de trabalhar muito, e principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano. E podia ser ainda melhor se continuasse a merecer a confiança da fábrica, do Bangu. Havia o escritório, o trabalho mais suave do que na sala do pano. E o ordenado maior.

A partir de 1930, a profissionalização começou a ser implantada no Brasil para que times brasileiros não perdessem seus atletas para o futebol europeu. O profissionalismo veio de uma ideia conservadora, já que times que negavam a entrada de negros em suas equipes começaram a perder campeonatos. Segundo Máximo (1999, p.186), clubes como Fluminense e São Paulo estavam entre os líderes do movimento profissionalista e com a chegada dos negros em seus clubes, os resultados dentro de campo foram evoluindo e o tratamento com os novos contratados era restritamente profissional, onde os negros assalariados eram tratados apenas como empregados, não prejudicando o quadro social dos “clubes brancos”⁵.

Após a profissionalização do futebol, ricos e pobres tiveram o direito de praticar juntos o esporte chegado a tão pouco tempo no Brasil. Pessoas de todas as classes puderam se inserir no futebol em busca de visibilidade ou do simples fato de praticar o futebol. Com o surgimento da ideia de tornar o futebol profissional, negros e integrantes das classes mais baixas viram ali uma expectativa de futuro e uma situação para que pudesse serem reconhecidos:

Para os jogadores, buscar o profissionalismo significava a sobrevivência imediata. Significava também o sonho de ascensão socioeconômica para muitos daqueles que não encontravam tal oportunidade no mercado de trabalho. E isso era especialmente verdade quanto aos negros, que ainda sofriam com a discriminação orientada da época escravagista (MOSCA, 2006, p. 62).

Com cada vez mais adeptos, o futebol teve o papel de estreitar relações entre as pessoas. Como falado anteriormente, o futebol chegou sendo um jogo apenas praticado pela elite, após lutas e entraves sociais, a sociedade brasileira pode desfrutar do esporte, sem distinção de classe ou de cor. Assim, o futebol aproximou ricos, pobres, brancos, negros e índios, trabalhadores das mais diversas áreas e pessoas de inúmeras localidades, todos que tinham um mesmo desejo: jogar

⁵ “Clubes Brancos” é um conceito de Mário Rodrigues Filho no livro “O negro no futebol brasileiro”.

futebol. Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. também atribuem à profissionalização do futebol o desenvolvimento de um processo e “democratização” e a possibilidade de ascensão social e econômica da população de classes inferiores:

Com efeito, as mudanças nas condições de exercício do futebol após o profissionalismo beneficiaram imediatamente os setores econômica e socialmente desfavorecidos, na medida em que ao mesmo tempo permitiram maior igualdade de acesso aos meios necessários ao bom desempenho esportivo e funcionaram como porta de ingresso à economia formal (isto é, o futebol constitui-se num espaço onde esses setores da população podiam almejar um emprego que não necessitasse de longos períodos de aperfeiçoamento pessoal, anos de educação formal etc.). [...] A defesa do amadorismo – explícita ou implicitamente – era a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito às elites urbanas. [...] Sem o profissionalismo não haveria meios pelos quais os extratos socioeconômicos inferiores pudessem fornecer sistematicamente jogadores de futebol com o devido preparo atlético para competir em torneios oficiais, organizados pelas ligas (HELAL, GORDON, 1999, p.157).

A sociedade viu no futebol um esporte simples de ser jogado e compreendido. Para Murad (2007), o futebol alcançou esse enorme nível de popularidade por ser um jogo simples (possui 17 regras contra 1800 do futebol americano, por exemplo), democrático, espontâneo e, principalmente, barato. O grande sucesso do futebol, foi justamente de ser o mesmo jogo praticado em qualquer canto do Brasil, seja no interior ou nas grandes capitais. Outro pequeno aspecto que aproximou a sociedade do esporte que se popularizava no país, foi o fato dele promover a comunicação entre seus praticantes, “o esporte promove a comunicação; envolve pessoas numa participação conjunta; oferece-lhes símbolos comuns, uma identidade coletiva e uma razão a solidariedade” (LEVER, apud CARVALHAES, 1994, p.65). A participação conjunta e a identidade coletiva fez surgir uma relação de pertencimento a um grupo em que os integrantes possuem a mesma afinidade. No caso do futebol, o pertencimento se dá pelos torcedores de um mesmo time que possuem o mesmo objetivo. Hoje, caracterizamos o futebol como uma expressão cultural, semelhante a outras atividades culturais, como a arte, música, dança ou teatro. Melo (2000, p.16) afirma que o esporte, de forma geral, deve ser entendido como atividade cultural, e dessa forma:

Devemos compreender a cultura a partir de sua circularidade. A cultura que é produzida no seio das classes mais abastadas da sociedade e sofre influência da cultura das camadas populares. E tais camadas apreendem as manifestações geradas pelas classes ricas, conferindo novos sentidos e significados. Qualquer relação de dominação pressupõe uma resistência por parte do dominado; que nunca é completamente dominado, mas devolve ao dominador influências que acabam por reorientar os sentidos originais. E, provavelmente, foi assim que o futebol se propagou por vários países do mundo. Logo, o futebol era um “vírus”, que, mundialmente, foi

contaminando pessoas de diferentes classes sociais, e etnias e nacionalidades, superando até mesmo os rígidos limites impostos pelas religiões.

Na sociedade, esse pertencimento se mostra evidente em partidas de futebol realizadas nos dias atuais, onde milhares de torcedores se aglomeram dentro dos estádios, quando pessoas desconhecidas uma das outras - mas identificadas com um mesmo clube - acabam por estabelecer uma relação de idolatria, tudo isso pelo fato de pertencerem a um mesmo grupo. Machado (2000) sugere que o futebol tece na sociedade uma malha alternativa, onde caracterizações e formações grupais se diferenciam das formas comuns visíveis em nossa dinâmica social. Nessa situação de pertencimento, para o autor, limites regionais se estreitam, emblemas e cores são cultuados, clãs são formados, classes sociais deixam de existir. Dentro desta sociedade são todos torcedores.

A partir da maior relação do povo com o futebol, o esporte se torna, ao passar dos anos, um fenômeno que é conhecido e praticado em todo mundo. Essa dimensão global do alcance e da importância do futebol nos tempos de hoje pode ser vista através da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), entidade máxima do futebol mundial, com 209 países filiados⁶, enquanto a ONU (Organização das Nações Unidas), principal órgão relacionado a questões entre nações, possui 193 países membros⁷. Isso nos mostra parte da importância do futebol, onde temos mais países filiados a uma entidade desportiva do que a uma organização que trata de questões políticas, econômicas e sociais de todo o mundo.

1.2 O BRASIL SE TORNA O PAÍS DO FUTEBOL

Depois de passar por diversas questões até chegar ao acesso a todos, o futebol se estabeleceu como uma grande forma de lazer, entretenimento e causador de emoções para o povo. A forte identificação dos torcedores com o esporte se dá pelo fato de haver uma ligação emotiva com o que acontece dentro de um campo de futebol. A tensão direcionada a uma partida, a expectativa do gol, a tristeza pela derrota, a conquista de um título, são emoções as quais qualquer torcedor se identifica, acarretando uma gama de emoções, paixões e significados assimilados pela sociedade. Podemos relacionar as emoções de uma partida de futebol com as vividas na vida real como alegria, tristeza, superação e adversidades.

⁶ Informações obtidas em <<http://www.fifa.com/associations/index.html>>. Acesso em 16 de jun. de 2015.

⁷ Informações obtidas em <<http://nacoesunidas.org/conheca/paises-membros/>>. Acesso em 16 de jun. de 2015.

Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome... Este sim é o verdadeiro ópio do povo! Faz esquecer-lo de que são explorados, subdesenvolvidos... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado! (GUTERMAN, 2014, p. 162-163)⁸.

Em relação ao trecho acima, publicado por Henfil em O Pasquim durante a Copa de 1970, trata-se de um dos inúmeros exemplos que temos para ligar a paixão brasileira ao futebol. Busca-se então, na Seleção Brasileira de Futebol e na política, alguns fatores que nos auxiliem a chegar na criação desse nacionalismo brasileiro. É através do nacionalismo que se percebe que a seleção nacional e a política se complementaram naquela ocasião. A ligação entre futebol e nacionalismo começa a se fortalecer a partir da Copa do Mundo de 1938, realizada em território francês, quando a população pôde, pela primeira vez, ouvir os jogos nas transmissões de rádio no mesmo instante em que aconteciam no continente europeu. Criava-se a “sensação de uma experiência coletiva – o ouvinte do jogo no Rio, sabia que os torcedores em São Paulo estavam acompanhando o mesmo jogo, no mesmo momento” (GUTERMAN, 2014, p.82). Aos poucos, o jargão “o país do futebol” foi ganhando força, seja pelas atuações dentro de campo ou pela grande empatia dos brasileiros a esse esporte. Para o autor, foi a partir de 1938 que o futebol começou a fazer parte da identidade do brasileiro:

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como ‘país do futebol’, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo (GUTERMAN, 2014, p.84).

Não foi apenas pela transmissão dos jogos pelas ondas do rádio que o ano de 1938 tornou-se um dos marcos de construção da identidade brasileira com o futebol. Na época, o país estava sendo governado por Getúlio Vargas, que havia assumido o poder em 1930, e a partir de sua posse, trouxe consigo o nacionalismo e a seleção brasileira como seus principais aliados na política. A aproximação dos torcedores com a Seleção Brasileira não foi por acaso, pois a Copa de 1938 foi a inserção definitiva do futebol na Era Vargas. Segundo Guterman (2014, p. 81),

⁸ O texto de Guterman retoma uma crônica de Henfil na edição nº 51 do jornal O Pasquim de 1970, p.11.

“estava claro que o esporte em geral se transformara em veículo da afirmação da superioridade nacional”, o qual foi percebido também por Getúlio Vargas.

O então presidente do Brasil conseguiu perceber a força da relação futebol/povo quando, entre os anos de 1939 e 1944, conseguia reunir milhares de pessoas no estádio do Vasco, em São Januário. Com isso, era possível analisar o poder que aquele espaço tinha sobre a população em massa. O projeto getulista abrangeu o esporte como tema central para a transformação do brasileiro e também para a superação de diferenças políticas, dois quesitos fundamentais para se consolidar o regime da época (GUTERMAN, 2014, p. 71). O autor afirma que Getúlio Vargas havia declarado para João Lyra Filho, responsável pelo esporte no Estado Novo, que compreendia os desportos, sobretudo o futebol, como capazes de exercer uma função social importante. Com isso, Getúlio tentou aproximar seus eleitores da Seleção Brasileira da época. Aos poucos criava-se um nacionalismo do torcedor para com a equipe que representava o país em competições mundiais. Rinaldi (2000, p.169), também traz a questão de que a Era Vargas se utilizou da Copa de 1938 para aproximar o torcedor do futebol, ao mesmo tempo que essa aproximação cumpria um papel político:

No Brasil a Copa do Mundo de 1938, ganha uma atenção especial, justamente para desenvolver a propaganda pró-varguista usando mais uma vez o populismo como uma alternativa de apoio pró-seleção que encarnava ali uma metáfora do período desenvolvimentista do próprio país, representado pelo apelo da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) em campanhas de propagandas onde todo o povo era convocado juntamente com os jogadores para a disputa da competição na França.

Outro aspecto sobre a relação de futebol, política e identidade, foi a ida do Brasil ao Mundial da França em 1938 com jogadores negros e brancos integrando o elenco que disputaria a competição. Segundo Guterman (2014, p.81), isso traduziu os objetivos varguistas da época, onde se mostrava a importância da miscigenação brasileira, “inclusive no que dizia respeito à harmonia social, tão perseguida pelo regime” da época.

Falamos que a Copa de 1938 estreitou a relação entre torcida e seleção, criando uma identidade ao povo brasileiro. A partir desse sentimento é possível perceber a importância do futebol como elemento de definição social, o qual foi devidamente utilizado pelo governo da época. Como vimos no começo desse subcapítulo, Guterman (2014, p.84) traz o ano de 1938 como o marco histórico da descoberta do Brasil como o “país do futebol” e o governo da época

como um grande agente promulgador, pois houve um aproveitamento político em relação a importância cultural que o futebol havia conquistado:

Getúlio Vargas – embora pessoalmente fosse aficionado de golfe – não poderia ficar alheio a esse fenômeno cultural. [...] tratou de vincular o futebol ao Estado e explorou cada centímetro da paixão brasileira a favor de seus projetos de coesão social.

A identificação do brasileiro com o futebol cresceu ano a ano após disputas da seleção brasileira em Copas do Mundo. Em 1950, quando o país sediou pela primeira vez um campeonato mundial, a população se aproximou ainda mais do futebol. Mas ao fim da competição o Brasil foi derrotado pelos uruguaios por 2 a 1, em um Maracanã com mais de 190 mil torcedores⁹, a identidade nacional e futebolística brasileira ficou ameaçada, a qual renasceria após as conquistas das Copas de 1958 e 1962. Na Copa de 1970, a inserção da programação via televisão foi primordial para reforçar a identidade brasileira com a seleção de futebol. No ano em que o Brasil conquistou o tri-campeonato, o país estava no regime militar, governado por Emílio Garrastazu Médici¹⁰, e a implementação da televisão serviu de integração da população, “pela primeira vez a Copa do Mundo, evento de maior interesse dos brasileiros, foi transmitida ao vivo” (GUTERMAN, 2014, p.181). Assim como o rádio em 1938, a televisão de 1970 serviu, segundo Guterman (2014, p.182), para “reforçar o caráter ‘nacional’ do país em construção pelo regime militar”, já que nos mesmos moldes dos anos 30, o torcedor de um estado brasileiro poderia sentir-se próximo de um outro torcedor - morador de uma outra localidade - pois era evidente que estariam fazendo a mesma coisa: acompanhando os jogos da Seleção Brasileira. Cria-se um “sentido de proximidade”, como salienta o pensador francês Alain Touraine em artigo na Folha de São Paulo por ocasião da Copa de 1998, na França:

na sociedade capitalista contemporânea, que acelera a produção de um sistema, gerando isolamento e desenraizamento, o futebol produz relações de proximidade e identificação entre pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas pelo mundo.

⁹ Informações de público na final da Copa do Mundo de 1950 foram obtidas em: <<http://placar.abril.com.br/materia/almanaque-veja-algumas-curiosidades-da-copa-do-mundo-de-1950/>>. Acesso em 03 de set. de 2015.

¹⁰ Emílio Garrastazu Médici foi um militar e político brasileiro. Foi o Presidente do Brasil, entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974, durante a ditadura militar do país. Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/governo-de-emilio-medici/>>. Acesso em 21 de set. de 2015

Após os momentos de alegrias e decepções com a Seleção Brasileira, nota-se que a identidade do torcedor brasileiro em relação a seleção nacional está em declínio. Nesse sentido, Helal traz algumas considerações e perspectivas sobre os diferentes momentos relacionados à torcida brasileira e sua seleção:

A derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação brasileira. Já as vitórias em 1994 e 2002 e a derrota na final para a França em 1998 - bem como as derrotas em 2006 e 2010 - não transcenderam o terreno esportivo e foram comemoradas e sofridas como vitórias e derrotas esportivas. Claro que a Copa do Mundo possui uma estrutura narrativa que estimula os nacionalismos. O encanto desta competição encontra-se justamente no fato de acreditarmos que as nações estão representadas por 11 jogadores. O futebol não é a nação, mas a crença de que ele move as paixões durante um Mundial (HELAL, 2010. p.37-38).

Helal (2003) ainda ressalta que esse declínio se dá também pela globalização do futebol quando temos diversos jogos e campeonatos jogados pelo mundo inteiro, próximos a nós, transmitidos em tempo real, seja pela televisão ou internet. Assim, o torcedor que antes só tinha a seleção brasileira como impulso para assistir e torcer no futebol, hoje tem a possibilidade de se interessar e ter apreço por diversas outras seleções.

No próximo subcapítulo iremos tratar do futebol como negócio e espetáculo. Como esse esporte, que começou apenas como esporte de elite e lazer das classes mais pobres ganhou tamanha magnitude e o que fez com que ele fosse inserido como produto dos meios de comunicação.

1.3 FUTEBOL: NEGÓCIO E ESPETÁCULO

Apresentamos nos itens anteriores situações e acontecimentos que possibilitam separar a história do futebol no Brasil em vários capítulos: a chegada do futebol ao país, sua influência na sociedade brasileira, o esporte da elite, paixão e identidade popular e, por fim, o futebol como negócio e espetáculo. Como vimos anteriormente, o profissionalismo começou a ser pensado a partir de 1920 na fase do “falso amadorismo”. Em um pensamento rápido, podemos citar o profissionalismo no futebol e relacioná-lo com a ideia da transformação do esporte em negócio. O *foot-ball* que quando chegou ao Brasil era visto apenas como uma atividade voltada para o lazer, começou a ganhar seus traços de negócio quando trabalhadores começaram a jogar por

dinheiro em equipes de empresas. Como explica Guterman (2014), essa profissionalização acelerou o processo do futebol como negócio, pois as competições começaram a atrair os melhores jogadores, os quais eram disputados por clubes, cada um querendo pagar uma quantia maior ao atleta para poder recebê-lo em sua equipe. Assim, clubes com maior poder aquisitivo conseguiam comprar os melhores jogadores e conquistar os campeonatos que disputavam, situação semelhante aos dias de hoje, onde os times que possuem mais dinheiro são os que tem os melhores jogadores e, geralmente, são os que conquistam os primeiros lugares.

Em relação aos jogadores, que após a mercantilização do futebol viraram mercadoria, Guterman (2014) ressalta que a vontade dos atletas em conseguir ganhar dinheiro fora do Brasil com a prática do futebol veio desde a época do “falso amadorismo”, que aumentou após a abertura da Europa ao recebimento de jogadores brasileiros. Como por exemplo, Guterman (2014) relata que craques como Falcão, Zico, Edinho, Sócrates, Júnior e Toninho Cerezo atuavam em território italiano, dando assim uma expansão no fornecimento de jogadores brasileiros ao futebol internacional. Foram as competições internacionais, como a Copa do Mundo, juntamente com a globalização, que ajudaram a alavancar o potencial econômico do futebol, tornando-se assim uma indústria voltada apenas para lucros oriundos desse esporte. Seguindo os pensamentos de Guterman (2014, p.231), a Copa do Mundo de 1982 quebrou as fronteiras do esporte.

A partir da Copa da Espanha, em 1982, a ideia de que o futebol não tinha mais fronteiras definitivamente se consolidou, e menos de dez anos depois a Europa se transformaria no destino obrigatório dos maiores jogadores do mundo, fazendo do futebol uma multinacional de astronômica lucratividade.

A busca por melhores salários e visibilidade nos gramados internacionais vem crescendo constantemente no território brasileiro. Guterman (2014) traz alguns números que evidenciam essa procura de jogadores brasileiros para atuarem no futebol internacional. De acordo com o autor, 136 atletas foram embora do país em 1985. Em 1995 o número cresceu para 381. Já em 2008, em um panorama mais atual, cerca de 1.176 jogadores foram atuar longe do país. Relatos mais recentes, apresentam que mais de 1.500 atletas brasileiros foram para o exterior em 2013¹¹, seja através de venda, empréstimo ou transferência. Além de atrair os jogadores brasileiros em busca de uma vida melhor fora do Brasil, o futebol como negócio se constitui como um segmento

¹¹ Dados retirados da coluna Esporte Futebol do jornal Estadão. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mais-de-1-5-mil-jogadores-brasileiros-foram-vendidos-ao-exterior-em-2013,1118398>>. Acesso em 24 de set. de 2015.

significativo na economia mundial. A FIFA, entidade máxima do futebol, é quem mais se beneficia com o patamar em que o futebol chegou. No caso da Copa do Mundo de 2014 realizada em território brasileiro, a entidade faturou aproximadamente R\$ 16 bilhões de reais, valor que foi considerado recorde de renda pelos eventos já realizados pela entidade¹². Franco Júnior (2007, p.179) exemplifica que:

João Havelange afirmou certa feita que a FIFA é a maior empresa multinacional do mundo, pois segundo seus cálculos o futebol emprega direta e indiretamente 450 milhões de pessoas. Se a cada uma delas estiver ligada uma família de cinco membros isso representa 2 bilhões de pessoas ou quase um terço da população mundial vivendo de futebol. Ele movimentou grandes capitais, algo em torno de 180 bilhões de dólares em 1999, 200 bilhões em 2000, 250 bilhões em 2005.

Com toda essa importância econômica é que o futebol, além de negócio, virou também espetáculo. O espetáculo futebolístico é essencialmente um negócio, gerido por grandes empresas e por veículos de comunicação sejam elas de televisão, rádio, jornal ou internet. Lovisoló (2012) ressalta que a popularização do futebol não teria existido se não fosse a aliança com o espetáculo, seja no estádio, no rádio, no noticiário ou na televisão. O futebol de hoje, principalmente o brasileiro, está diretamente ligado com os meios de comunicação, principalmente as emissoras de televisão, as quais possuem os direitos de transmissão dos jogos. A pesquisa Esporte Clube IBOPE Media¹³ revela que a televisão é o meio preferido em que os brasileiros acompanham os esportes, totalizando 72%. Rádio com 21% e Internet com 16%, fecham a lista. Em relação ao esporte mais procurado pelo brasileiro, o futebol é líder nos quatro principais meios de comunicação. Cerca de 92% das pessoas que assistem esporte pela televisão consomem futebol. O jornal (95%), internet (88%), rádio AM (97%) e rádio FM (95%) completam a lista de meios de comunicação.

Como visto na pesquisa do IBOPE, a televisão é um dos principais meios para a propagação do conteúdo esportivo. Os valores pagos pelas emissoras passaram a ser um dos principais orçamentos dos clubes durante a temporada. A Rede Globo, uma das principais

¹² Fifa faturou 16 bilhões com a disputa da Copa do Mundo: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-fatura-r-16-bilhoes-com-a-disputa-da-copa-do-mundo-no-brasil,1653669>>. Acesso em 27 de out. de 2015.

¹³ Esporte Clube IBOPE Media: Abrangendo as 12 principais regiões metropolitanas brasileiras, as pesquisas foram realizadas entre os meses de abril e julho de 2011 com uma amostra de 9 mil entrevistas por onda, representando mais de 50 milhões de brasileiros acima de 10 anos. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Esporte%20Clube%20IBOPE%20Media%20revela%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o%20do%20brasileiro%20com%20os%20esportes.aspx>> e <<http://sindicatodeatletas.com.br/arquivos/imprimir.php?noticia=2083>>. Acesso em 04 de nov. de 2015.

emissoras compradoras dos direitos do futebol brasileiro pagou entre 2009/2011 um total de R\$ 343 milhões de reais entre os times da primeira divisão e os integrantes do Clube dos 13. No período de 2012/2015 foram investidos R\$ 986 milhões de reais nas transmissões de jogos. A partir de 2016, a Rede Globo irá investir ainda mais nos campos de futebol, serão R\$ 1,7 bilhões de reais, sendo que o Clube de Regatas Flamengo e o Sport Clube Corinthians Paulista serão os maiores beneficiados, já que cada um receberá da emissora R\$ 170 milhões de reais¹⁴.

Os dados retratados durante essa parte do trabalho apenas evidenciam a importância que o futebol tem quando ele é abordado como negócio e como ele se tornou um espetáculo onde o lucro é uma das principais preocupações. Aqui, diferentemente do que vimos anteriormente, quando tratamos da chegada do futebol e de sua aproximação com o povo brasileiro, tentou-se mostrar um pouco dos valores financeiros que circulam no esporte mais popular do país. Além disso, tentou-se mostrar como o futebol, esporte que começou como forma de lazer, foi transformado em negócio. Acerca dessa nova forma do futebol, em que tudo é baseado em interesses financeiros, Lovisolo (2012, p.85) conclui: “o futebol espetáculo, preocupado com os lucros, estaria destruindo a beleza do esporte”. Seguindo a ideia de Lovisolo, o futebol atual estaria se entregando ao negócio, já que jogadores trocam de clube em função do salário e grandes times europeus são comprados por milionários¹⁵. Assim, o futebol começa a tratar a maior parte de suas questões através do dinheiro.

1.4 ESTADO DA ARTE

Para compreender como os jornais santa-marienses cobriram o clássico Rio-Nal, necessita-se discutir também as relações entre a mídia e o futebol. Para isso, foi realizada uma pesquisa como parte da construção do estado da arte para atender o objetivo de analisar trabalhos de autores que tratam de questões e conceitos que pudessem ajudar na elaboração e no pensamento sobre a pesquisa desenvolvida. Foram buscados temas como cobertura do esporte pela mídia, especialmente do futebol, clássicos nacionais, regionais e locais e questões relacionados ao jornalismo esportivo. Pesquisou-se trabalhos acadêmicos em sites como Google

¹⁴ Todos os dados referentes às cotas de televisão foram retirados do site do jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/08/1675465-para-globo-modelo-de-divisao-das-cotas-de-tv-e-positivo-para-o-futebol.shtml>>. Acesso em 24 de set. de 2015.

¹⁵ Clubes europeus viram “brinquedo” de bilionários. <<http://esportes.terra.com.br/futebol/clubes-europeus-viram-brinquedo-de-bilionarios,65b8edf6cad42410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em 27 de out. de 2015.

Acadêmico, no Banco de Teses da Capes, no portal EFDeportes e no Laboratório de Pesquisa em Comunicação do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Para realizar a pesquisa, utilizou-se as palavras-chave: jornalismo esportivo, futebol, cobertura e clássicos. Dos trabalhos encontrados, elegeu-se para uma leitura mais apurada aqueles que tinham relação mais direta com a questão central da pesquisa.

Machado (2009) analisou a cobertura do jornal Zero Hora no clássico Gre-Nal, onde foram escolhidos, pela sua relevância histórica, os jogos de 1992, 1994, 2004 e 2009. O autor utilizou como metodologias a análise topográfica e análise de conteúdo. Como aporte teórico, usou Eliseo Verón, Muniz Sodré, Viviane Borelli e Fausto Neto para explanar sobre o conceito de midiaticização. Machado (2009) também utilizou Alsina (2009) para tratar do conceito de acontecimento. Para contextualizar o jornalismo esportivo, citou José Carlos Marques, Hérodoto Barbeiro e Patrícia Rangel. Com isso, Machado (2009) apontou que durante esses anos, tanto o planejamento gráfico quanto a cobertura realizada pela Zero Hora sofreram alterações e evoluções em suas coberturas jornalísticas.

Já Rosauro (2006) traz a questão do agendamento e cobertura da mídia gaúcha, mais especificamente dos jornais Zero Hora, Correio do Povo e O Sul nos clássicos Gre-Nais que decidiram a final do Campeonato Gaúcho de 2006. Para a pesquisa, foram analisadas as capas, contra-capas e títulos das editorias de esporte que fizeram parte da cobertura dos clássicos. O autor utilizou como metodologia a análise de estratégias discursivas. Rosauro usou como aporte teórico Maxwell McCombs e Donald Shaw para tratar sobre o agendamento e, para refletir sobre a noticiabilidade, utilizou os conceitos de Nelson Traquina e Mauro Wolf.

Outro trabalho pesquisado foi de Barbosa et al. (1999), onde foram analisados os órgãos florianopolitanos de comunicação de massa no “clássico do século” entre Figueirense e Avaí¹⁶. O trabalho faz uma análise midiática sobre as sessões esportivas dos jornais A Notícia, Diário Catarinense e O Estado, além de emissoras de rádio e televisão. Durante a apresentação do trabalho, o autor mostra como o clássico é representado pelos jornais e como empresas comerciais e os próprios clubes se aproveitam da imagem do clássico para realizarem suas jogadas de marketing. Para falar sobre marketing esportivo foi utilizado o conceito de Ernani

¹⁶ O “Clássico do Século” foi disputado em 1999, quando os rivais se encontraram pela primeira vez na Copa do Brasil. O duelo caseiro definiu qual equipe de Florianópolis seguiria para a segunda fase. A primeira partida foi no Orlando Scarpelli. O Leão venceu por 2 a 1 e poderia ter eliminado o jogo de volta, porém, não aproveitou o bom momento na partida. Na volta, na Ressacada, o empate por 0 a 0 garantiu a vaga para o Avaí. Fonte: www.diariocatarinense.com.br. Acesso em 26 de maio de 2015.

Bevilaqua Contursi. Os autores concluíram que o esporte se apresenta em todas as mídias, onde diferentes estratégias e maneiras são utilizadas para disseminação nos meios de comunicação.

O estado da arte realizado para essa pesquisa auxiliará no melhor entendimento sobre a cobertura jornalística de meios impressos, a relação do esporte, principalmente o futebol, com a mídia e como o jornalismo esportivo trata desses eventos esportivos. Além de compreender como o meio impresso produz seu material jornalístico voltado ao futebol em dias de clássicos.

2 JORNALISMO E FUTEBOL

Abordamos nas seções anteriores a chegada do futebol ao território nacional, as influências do esporte na sociedade e na identidade brasileira e sua mudança para uma atividade econômica. Como que um esporte, que começou a ser praticado apenas pelas elites, passou a ser inserido em todos os lugares, passando a ser acolhido pelos meios de comunicação e visto por esses como algo rentável, ganhou espaço nas manchetes jornalísticas. O próximo subcapítulo trará justamente a questão do jornalismo esportivo para tratar um pouco dessa ramificação do jornalismo.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO

Falar em jornalismo esportivo nos tempos modernos pode parecer algo simples, já que estamos acostumados a quantidade de informações recebidas diariamente, sejam elas através do jornal, televisão, rádio, internet ou smartphones. Entre essa quantidade incontável de informações que chegam a cada segundo, muitas delas são de âmbito esportivo e entre elas o futebol ganha o seu destaque. Ao ligarmos a televisão ou o rádio, ou na frente do computador - seja nos sites informativos ou nas redes sociais - as notícias relacionadas ao futebol estão sempre disponíveis. É possível obter informações de diversos times nacionais ou internacionais com a facilidade que há na obtenção desses dados. No entanto, este cenário nem sempre foi assim.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. [...] Como poderia uma vitória nos campos valer mais que uma importante decisão sobre a vida política do país? (COELHO, 2014, p.7-8).

Foi em 1910, segundo relatos de Coelho (2014), que o conteúdo esportivo surgiu no Brasil com publicações no jornal *Fanfulla*, de São Paulo. As matérias esportivas não formavam

opinião, mas atingiam os imigrantes italianos que moravam na capital paulista. O autor fala sobre a relação entre esse periódico e a Sociedade Esportiva Palmeiras, que teria surgido devido a anúncios feitos pelo jornal para a fundação de um time.

O primeiro diário de exclusividade esportiva no Brasil foi o *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, em 1931. No meio impresso, Coelho (2014) ainda cita a *Gazeta Esportiva*, em 1928, quando fazia parte do jornal *A Gazeta*. A *Gazeta Esportiva* se tornou um diário esportivo apenas em 1947 e a crescente dos grandes cadernos esportivos aconteceu no final da década de 60 com a chegada do *Caderno de Esportes do Jornal da Tarde*. Na época, mais pela falta de espaço nos meios impressos do que pelo interesse do público, o esporte era noticiado por algumas colunas no meio das páginas de jornais. Mas “com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão” (COELHO, 2014, p.10). Nos dias de hoje é possível obter informações esportivas por vários meios impressos, seja pelos jornais diários ou esportivos e através de revistas especializadas em esportes¹⁷.

Assim como o jornal impresso, o rádio foi se inserindo ao meio esportivo aos poucos. Como trouxemos anteriormente ao falar sobre a identidade do brasileiro ligada ao futebol, o rádio aproximou a população ao transmitir ao vivo a Copa do Mundo de 1938. Nos anos 1970, o rádio esteve presente nas transmissões esportivas. As tradicionais Globo, Jovem Pan, Tupi, Record e Bandeirantes levavam a emoção aos torcedores com a transmissão conhecida como “Carrossel”, “tipo de transmissão que saltava de um jogo a outro antes que ele acabasse (COELHO, 2014, p.28). Segundo Barbeiro e Rangel (2013), na década de 1990 houve a preocupação com o jornalismo esportivo em relação a seu pertencimento ou não ao jornalismo. Discutia-se se ele fazia parte do jornalismo ou ele ficava como uma parte técnica, com regras e verdades únicas. A partir dessa própria indecisão é que os autores ressaltam que, frequentemente, o jornalismo esportivo se confunde com entretenimento.

¹⁷ No Brasil, o jornal o Lance! e a revista Placar são exemplos de produções voltadas exclusivamente ao esporte.

Nesses novos tempos, onde temos revistas especializadas em esportes e canais que exibem 24 horas por dia em sua programação temas relacionados ao esporte, o jornalismo esportivo possui maior visibilidade, importância e relevância em comparação com décadas passadas.

Com a quantidade de eventos que acontecem diariamente no mundo esportivo, essa área do jornalismo acaba, quase sempre, a tratar dos mesmos assuntos e ficar como refém da indústria dos meios de comunicação:

a pauta na imprensa esportiva virou burocracia, refém de horários, processos industriais. Podemos até falar que o esporte hoje é pautado pela agenda. Os jogos são na quarta-feira, quinta-feira, sábado e domingo, o time treina na segunda, terça e sexta-feira, a televisão transmite tudo. Assim, as notícias resumem-se ao jogo que acontece amanhã, ou o que aconteceu ontem. Durante a semana, o noticiário fica dominado por esses eventos seguidos das entrevistas coletivas dos times de futebol (BARBEIRO E RANGEL, 2013, p.26).

A partir dessa rotina na produção do jornalismo esportivo é que algumas diferenças na construção de notícias esportivas acabam se evidenciando.

2.1.1 Apontamentos sobre a linguagem esportiva

Entre todas as editorias dentro dos meios de comunicação, é inegável que o esporte é uma das áreas em que há uma liberdade para a criação das matérias que não parece ficar tão evidente como por exemplo, nas editorias de política e economia. Assim como as demais áreas, o esporte também tem suas gírias, as quais são empregadas de formas diferentes através da linguagem. A linguagem utilizada no futebol se apresenta como uma nova e interessante forma de interação social. Segundo Barbeiro e Rangel (2013), a linguagem no meio esportivo nunca teve sua estrutura bem definida, pois o surgimento de uma caracterização sempre veio através de erros e acertos.

Em uma contextualização sucinta, ainda de acordo com Barbeiro e Rangel, em 1932 a linguagem esportiva era provida de emoções. Nos anos 1950, prosas e crônicas esportivas faziam sucesso nos jornais impressos. Entre 1980 e 1990, o acontecimento esportivo era narrado de uma maneira mais fria, a linguagem era mais descritiva com um equilíbrio entre contar o fato e passar emoção ao leitor. Nos tempos contemporâneos temos os meios com suas próprias linguagens para

tratar do mesmo tipo de assunto: o esporte. Conforme Barbeiro e Rangel (2013), as televisões adotam o jornalista-personagem, onde o profissional tenta retratar o momento e a emoção ao seu telespectador, como descer em um rapel, por exemplo. Os jornais e as revistas seguem para a descrição dos fatos, conteúdo sobre bastidores com a comprovação e explicação de fatos que circulam nos eventos esportivos. Por último, a internet, que por se tratar de um meio onde a informação circula rapidamente, muitas vezes o que vale é que a notícia chegue ao site o mais rápido possível. As notícias devem ir aos portais pouco tempo após o seu acontecimento.

Ao ler textos esportivos publicados na mídia impressa é normal se deparar com termos bélicos. O gramado vira campo de batalha. Os times se tornam inimigos. Os técnicos são chamados de comandantes e os jogadores de exército. Toda essa ambientação em uma partida de futebol desencadeia diversos novos jeitos para tratar de lances ou acontecimentos antes, durante e depois das partidas de futebol.

Para derrotar o adversário, muitas vezes é preciso que o artilheiro do time acerte a pontaria no gol da outra equipe. Durante a realização das partidas é preciso atacar, defender e seguir as táticas ordenadas pelo técnico. A vitória, em algumas ocasiões pode ser obtida devido as armas secretas de cada equipe e quem dispor de mais vontade pode massacrar, derrotar, liquidar com o adversário. “O tiro deve ser certo, a intervenção perigosa. É preciso ir a revanche, mostrar agressividade, fazer jogadas ofensivas e violentas. Avançar, Investir. Dar combate. Furar o bloqueio. Dominar as ações. Levar perigo ao campo adversário. Liquidar com o inimigo. Massacrar” (FERNÁNDEZ, 1997, p.63), é desta forma que o autor trabalha com a aplicação de termos bélicos no jornalismo esportivo.

Mas, independentemente das metáforas utilizadas para retratar a temática esportiva, o jornalismo esportivo necessita seguir algumas regras, as quais orientam a seleção de acontecimentos e sua consequente transformação – ou não - em notícia.

2.1.2 Jornalismo Esportivo: Valores-notícia e Critérios de Noticiabilidade

[...] Parte do show está lá. O brilho individual dos jogadores, as disputas táticas entre os técnicos, os gritos da torcida - quando ela existe. Tudo isso está lá. Assim como estão o mau estado do gramado, o erro do árbitro, a atuação bizarra de um jogador. Todos os elementos para construir uma boa matéria jornalística está ali [...] Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto um evento esportivo (COELHO, 2014, p.64).

Para Coelho (2014), a matéria esportiva está de fácil alcance para o jornalista, mas é preciso ter um conhecimento mais aprofundado sobre o que está se tratando para saber o seu valor noticioso. No mundo esportivo circulam diversos tipos de matérias diariamente. Informações que antecedem a partida, as crônicas dos jogos, treinamentos, contratações e dados históricos são alguns dos temas que permeiam o jornalismo esportivo. No meio de tanta informação é necessário definir qual acontecimento é mais merecedor de virar notícia.

No meio dessa instantaneidade da informação, o jornalismo segue alguns critérios para filtrar o que é notícia e, conseqüentemente, atrair a atenção de seus leitores - no caso da mídia impressa. Os valores-notícia entram como convenções dos profissionais de jornalismo para separar o que é notícia do que não é. Para Wolf (1999, p.195), os valores-notícia precisam constituir uma resposta à pergunta: “quais os acontecimentos considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?”.

Nelson Traquina (2005, p.96), ressalta que os valores-notícia utilizados pelos profissionais na construção de matérias são itens básicos na cultura jornalística. Segundo o autor, critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia, os quais julgam serem merecedores de se tornarem matéria noticiosa (TRAQUINA, 2005, p.63). Os valores-notícia integram o que tratamos como acontecimento. Alsina (2009) traz o acontecimento como o início da produção da notícia. O autor também ressalta a questão do acontecimento jornalístico, o qual é visto como “toda variação comunicada do ecossistema, através da qual seus sujeitos podem sentir implicados” (ALSINA, 2009, p.139). O autor trata o ecossistema como o ambiente em que vivemos. Assim, Alsina (2009, p.134-140-141) entende como diferença entre um acontecimento tradicional e um de cunho jornalístico a questão da comunicação, se o conhecimento aplicado é comum a um conjunto de pessoas e se a prática for realizada de maneira coletiva.

Para relatar um acontecimento, os profissionais de jornalismo usam alguns critérios de noticiabilidade: objetividade, instantaneidade, periodicidade, novidade, proximidade e relevância. Tuchman (1993) define quatro procedimentos para auxiliar na busca pela objetividade: 1) a consulta de todas as fontes possíveis, ouvir a opinião de todos os lados na matéria; 2) a obtenção de dados que deem credibilidade ao jornalista, como documentos e gravações; 3) o uso de aspas em trechos das matérias, pois citações de fontes deixam os fatos falarem por si só; e 4) a estruturação da notícia deve ser feita para abordar os fatos mais importantes no começo. O segundo critério é a instantaneidade, explicado por Franciscato (2005, p.114) como o “intervalo

de tempo entre a ocorrência de um evento e a sua transmissão e recepção por um público”. No esporte, o que aconteceu durante um dia de treinamento de alguma equipe ou as partidas realizadas em um campeonato devem ser noticiadas o mais brevemente possível. Ao exemplo do futebol, temos essa divulgação de fatos também em tempo real, com a transmissão de partidas via televisão, rádio ou internet.

A periodicidade tem sua relevância ao trazer uma sequência de fatos ao leitor. No âmbito esportivo, a crônica que irá relatar como foi o jogo virá sempre após as notícias de como foi a preparação do clube para a partida, quais as formações escaladas pelo técnico, quais os jogadores à disposição para a partida, informações já sabidas através às edições anteriores do jornal. Outro critério é a novidade. Fatos novos acontecem diariamente e precisam ser informados. Franciscato (2005) traz a novidade como um fator contribuinte para que a sociedade receba informações sobre novas ações, situações, debates e opiniões. No esporte, a novidade é vista através de novas contratações, por exemplo.

Proximidade e relevância são outros critérios de noticiabilidade. O primeiro, caracterizado tanto pela proximidade geográfica quanto pelo âmbito social. Em relação à proximidade geográfica pode-se entender como exemplo as notícias de uma cidade, bairro ou região. Já as de proximidade social dizem respeito ao interesse de determinado grupo de pessoas na troca de informações. Para Alsina (2009, p.10), “proximidade essa que envolve certos efeitos psicológicos de identificação e implicação afetiva”. Por fim, a relevância tem o objetivo de trazer a informação que possa ser importante para o público. São acontecimentos que possam ter algum impacto na vida das pessoas:

A significação pode ocorrer por sintonia cultural ou por relevância no acontecimento. Portanto, aumenta a possibilidade de seleção se um acontecimento está de acordo com os interesses e com a cultura de uma determinada comunidade. Qualquer jornalista sabe que, quando o time local de futebol ganha, vendem-se mais jornais (ALSINA, 2009, p.158).

No jornalismo esportivo, muitas vezes a relevância se dá através da proximidade. Em Santa Maria, as publicações de Inter-SM e Riograndense possuem uma relevância para a comunidade, já que se trata de times locais. Relevância a qual não teria o mesmo significado caso os times de Santa Maria fossem inseridos em jornais de Porto Alegre, por exemplo.

Assim, conclui-se a partir da abordagem realizada acima, que os meios de comunicação se baseiam em diversos fatores ao trazer informações esportivas ao público em geral. No caso dos

jornais impressos, as informações podem ser noticiadas também por questões de políticas editoriais e, supostamente, o que o público quer saber ou não.

2.3 RIOGRANDENSE E INTER-SM

No primeiro capítulo, abordamos a importância que as ferrovias tiveram para a aproximação do futebol para com a população brasileira. Em relação ao futebol santa-mariense, afirma-se que ele não poderia ter sido descoberto se não fosse a classe trabalhadora dos ferroviários.

Em Santa Maria, e em muitos municípios do Rio Grande do Sul alcançados por ferrovias, o futebol amador e profissional surgiu, espalhou-se e obteve reconhecimento em função da presença marcante de ferroviários e seus clubes. Tanto que, em 7 de maio de 1912, fundaram o seu clube de futebol mais representativo, o Rio-Grandense Futebol Clube de Santa Maria (FLÔRES, 2012, p. 41).

Antes de sua fundação em 7 de maio de 1912, o Riograndense Futebol Clube¹⁸, chamado de “clube da Rua Pedro Gauer” era o destino de amigos e famílias que procuravam um lazer durante o final de semana e uma fonte de renda extra para alguns ferroviários. Após seu surgimento, o “Periquito”¹⁹, como é conhecido popularmente em Santa Maria, caracterizou-se por ser um clube ligado a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), empresa que incentivava o esporte entre seus trabalhadores. Segundo Flôres (2012), a partir de 1920 o clube das cores verde e vermelho²⁰ de Santa Maria também obteve um vínculo com a Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea (Coopfer), já que muitos atletas eram seus funcionários. O nome do clube, segundo o autor, foi influenciado pela forte representação política do Rio Grande do Sul, desde o Império, passando pela República.

¹⁸ Riograndense Futebol Clube. Disponível em <www.riograndensefc.com.br/site/default/>. Acesso em 12 de set. de 2015.

¹⁹ Esta escolha muito provavelmente decorreu da localização do seu campo e estádio, junto ao sopé do morro e cercado por árvores, predominando entre elas eucaliptos, um dos preferidos para os ninhos de papagaios, de onde seus filhotes foram carinhosamente denominados. Provavelmente, nos arredores do estádio, viviam os papagaios, e por corruptela, em função daquilo que as pessoas à época conheciam sobre pássaros, foram denominados “periquitos”, mas também, talvez, em função da sua igual coloração, predominantemente verde (FLÔRES, 2014, p.117).

²⁰ As primeiras cores do Riograndense Futebol Clube foram o branco e o encarnado, considerados os símbolos da paz e da guerra, sendo o branco o emblema da concórdia e da união, e o encarnado, a força e coragem. As cores atuais, verde e encarnado, foram aprovadas ainda nos primeiros anos de vida do Clube, conforme consta no estatuto do Clube em 1914 (FLÔRES, 2012, p.50).

Nos mais de 100 anos de existência, como qualquer outro clube de futebol, o Riograndense Futebol Clube teve importantes momentos em sua história. Seu primeiro título foi conquistado em 12 de junho de 1913, quando foi o campeão de Santa Maria²¹. O ano de 1921 marcou a maior conquista em âmbito estadual do Riograndense, vice-campeão estadual após perder o título para o Grêmio em um quadrangular final²². Além dos títulos, o Riograndense fez história em Santa Maria ao trazer a primeira partida de caráter internacional no município em 1931. “Os jornais da época de Santa Maria fizeram uma grande promoção da partida, tanto que o comércio fechou as portas para que os torcedores pudessem comparecer em ‘massa’ nos Eucaliptos” (LUZ, 2002, p.27).

O jogo foi realizado na Chácara dos Eucaliptos²³, então casa do clube santa-mariense, onde recebeu o clube uruguaio Olympia F. B. C., de Montevideu. O time esmeraldino venceu a partida por 1 a 0 e não há registros em relação ao autor do gol do jogo. Passados alguns anos após seu jogo internacional, o Riograndense marcou mais um ponto importante em sua história. Em 1958, ano em que Santa Maria completava 100 anos, Riograndense e Internacional de Santa Maria disputaram o Campeonato Citadino e o título de Campeão do Centenário. Assim como relata Flôres (2012), o primeiro jogo realizado em 1958 acabou empatado, já o segundo e decisivo jogo foi vencido pelo Riograndense, no dia 14 de janeiro de 1959, por 2 a 0. Voltando à 1958, o Riograndense teve um de seus principais feitos na sua história, apesar de não ter sido um título. O clube de Santa Maria derrotou o Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro pelo placar de 2 a 1. O feito foi de tamanha importância, pelo fato do adversário ser o campeão carioca daquele ano, ter o técnico que mais tarde assumiria a Seleção Brasileira de Futebol, João Saldanha, e ter em seu time nomes importantes do futebol da época como Beto, Tomé, Adalberto, Servílio, Garrincha e Paulinho²⁴. Jogadores como Garrincha, Didi, Pampolini, Zagalo e Nilton Santos não vieram à Santa Maria pois estavam servindo à Seleção Brasileira na preparação para a

²¹ Conforme Sobrinho (1998), o Riograndense teria sido campeão de Santa Maria em sequência dos anos de 1913 até 1923.

²² Após vencer os rivais regionais das cidades de Cachoeira do Sul, Cruz Alta e Tupanciretã, o clube, então declarado Campeão da 3ª Região, disputou um quadrangular realizado em Porto Alegre, junto com o Grêmio Football Porto-Alegrense, Grêmio Esportivo Brasil e Esporte Clube Uruguaiana.

²³ O Riograndense sediou seus jogos na “Chácara dos Eucaliptos” até a construção do Estádio dos Eucaliptos em 1935. Na partida de inauguração do novo estádio, o time de Santa Maria perdeu de 7 a 1 para o Sport Club Internacional, de Porto Alegre.

²⁴ O jogo foi realizado no dia 1º de maio de 1958 no Estádio dos Eucaliptos e fez parte das comemorações do 46º aniversário do clube esmeraldino e das festividades de Santa Maria.

Copa do Mundo na Suécia. Desde então, poucas conquistas trouxeram entusiasmo ao time esmeraldino, mas a rivalidade com o Esporte Clube Internacional sempre esteve presente.

Em 1928 a cidade de Santa Maria recebeu o seu clube vermelho e branco. Documentos ilustrados na obra “E. C. Internacional Santa Maria/RS - Almanaque dos 80 anos - 1928/2008” de Candido Otto da Luz trazem o dia da fundação do Inter-SM como uma incógnita, pois registros falam em 10, 12 ou 16 de maio. Independentemente do dia em que foi fundado, o Esporte Clube Internacional surgiu como resultado de reuniões entre um grupo de jovens que praticavam o *football* na época, mais especificamente no Café Guarany, as quais tinham o objetivo de fundar um novo time para cidade, já que as notícias da época falavam apenas de um time - o Riograndense.

Victorino Pereira da Silva, jovem de 20 anos, na época garçom do Café Guarany, cansado de ler as mesmas notícias dias após dias, meses após meses, sempre enaltecendo as vitórias de um único clube - o Riograndense - resolveu mudar tudo e criar um novo clube de futebol. Um clube grande que fosse forte o suficiente para derrotar o Riograndense [...] que tivesse um nome de expressão mundial, como universal ou assemelhado, que não fosse só regional como o Riograndense (LUZ, 2008, p.18).

Com o objetivo de ter um nome mais expressivo que o outro time da cidade, surgiu em 1928 o Esporte Clube Internacional²⁵. O clube nasceu, conforme a obra de Luz (2008), com as cores da bandeira alemã - preto, amarelo e vermelho. Mas com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o envolvimento da Alemanha as cores foram mudadas e o vermelho foi escolhido para fazer parte do uniforme do Inter-SM. Na mesma obra, Victorino Pereira Silva, em entrevista para o jornal Diário do Estado, em 1951, disse que ao pensar em um nome e nas cores, teria cogitado o nome de Sport Club Internacional. A cor verde também foi cogitada para o Inter-SM, mas segundo Victorino, se esse time seria o rival dos ferroviários, como eles teriam as mesmas cores? Assim a decisão do vermelho foi a solução para as cores do clube. Assim como o Riograndense, o Inter-SM teve seu apoio durante seus primeiros passos. Enquanto os ferroviários foram responsáveis pelo crescimento do rival, os Correios e Telégrafos sustentaram o crescimento do Inter-SM. Como falamos anteriormente nesse trabalho, ao tratar da sociedade inserida no futebol brasileiro, empregados buscavam destaque dentro de campo para receberem melhores empregos e salários, isto fez com que o Internacional de Santa Maria alcançasse bons resultados e crescesse na cidade.

²⁵ Esporte Cube Internacional. Disponível em <<http://www.intersm.com.br/>>. Acesso em 18 de set. de 2015.

Nos quase 90 anos de história o Esporte Clube Internacional conquistou sua primeira vitória ainda em 1928 contra a equipe do União de Jacuhy (atual cidade de Sobradinho)²⁶. Mas foi na década de 1980 em que o Inter-SM teve seus principais feitos. Em 1980, o Internacional acabou na terceira colocação no hexagonal final do Campeonato Gaúcho e assim se classificou para a disputa da Taça de Prata (Série B) do Campeonato Brasileiro. Com a disputa da segunda divisão brasileira, o Estádio Presidente Vargas²⁷ passou por uma reestruturação de acordo com exigências da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Ainda em 1981, o Internacional foi Campeão do Interior²⁸ e se classificou para a Taça de Ouro de 1982, atual primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Em 1982, o time de Santa Maria chegou até a segunda fase da competição nacional²⁹ quando encerrou sua participação com uma vitória sobre o Vasco da Gama de Roberto Dinamite no Estádio Presidente Vargas³⁰ por 3 a 0. O Inter-SM encerrou seus melhores momentos na década de 80 com a terceira colocação na Taça de Prata de 1984 ao chegar na semifinal e ser derrotado pelo Clube do Remo nas semifinais da competição³¹.

Passados os anos, o Internacional de Santa Maria ainda conquistou mais um terceiro lugar no Campeonato Gaúcho de 2008, quando foi eliminado nas semifinais pelo Juventude³². Ainda em 2008, o clube fez sua última aparição em uma competição nacional, ao disputar o Campeonato Brasileiro da Série C e ser eliminado na primeira fase³³. Em 2009 e 2010 o Inter-SM

²⁶ O site do clube relata a primeira vitória do clube contra o União pelo placar de 3 a 1, com dois gols de Jango e um de Gury. Disponível em <<http://www.intersm.com.br/#!/historia/c7ib>>. Acesso em 18 de set. de 2015.

²⁷ Consta no site do clube que a construção do Estádio Presidente Vargas foi realizada em 1943, o qual teve seu nome em homenagem ao sexto aniversário do Estado Novo, comemorado naquele ano. O terreno foi doado pelo então prefeito Miguel Meirelles. Para a inauguração do estádio, tivemos um clássico Rional, com derrota colorada por 4x0.

²⁸ O título de Campeão do Interior veio após a vitória sobre a equipe do São Borja por 1 a 0, gol marcado por Valdo. O jogo foi realizado no Estádio dos Eucaliptos em 29 de novembro de 1981.

²⁹ Na primeira fase os adversários foram o Anapolina (Goiás), Londrina (Paraná), Joinville (Santa Catarina) e XV de Jáu (São Paulo). Na segunda fase enfrentou Operário (Paraná), América (Rio de Janeiro) e Vasco da Gama (Rio de Janeiro).

³⁰ O jogo foi válido pelo retorno da segunda fase da Taça de Ouro. Após perder no turno, por 7 a 0 para o Vasco da Gama em São Januário, o Internacional venceu o time carioca por 3 a 0 o time carioca em Santa Maria. O conhecido Roberto Dinamite jogou nos campos santa-marienses e viu Robson, Toninho e Valdo darem a vitória para o time local.

³¹ Internacional de Santa Maria e Clube do Remo empataram em 0 a 0 no Estádio Presidente Vargas, em Santa Maria. Em Belém do Pará, vitória do time da casa por 3 a 0.

³² O Inter-SM venceu o jogo de ida em Caxias do Sul por 1 a 0 e perdeu no Estádio Presidente Vargas no jogo de volta por 4 a 2.

³³ Na primeira fase da Série C de 2008, o Inter-SM enfrentou Toledo, Engenheiro Beltrão e Marcílio Dias.

ainda disputou a primeira divisão do Campeonato Gaúcho, quando acabou rebaixado para a segunda divisão estadual em 2011.

2.3.1 Surge o Clássico Santa-mariense

Comentar sobre clássicos no futebol brasileiro nos faz lembrar das grandes equipes de cidades como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre. No Rio Grande do Sul, as disputas futebolísticas também tiveram, ao longo do século XX, os seus grandes clássicos municipais interioranos, a exemplo daqueles das cidades de Santana do Livramento, Bagé, Pelotas e Caxias do Sul. Por seu lado, Santa Maria, como um grande centro ferroviário, também teve o seu: o Rio-Nal (FLÔRES, 2012, p.87).

O clássico Rio-Nal, como é conhecido a partida entre Riograndense e Internacional de Santa Maria, começou a ser chamado por esse nome a partir de meados dos anos de 1940-1950. Até então, segundo Flôres (2012), o clássico era chamado pela imprensa de Inter-Rio. A primeira partida entre as equipes foi válida pelo Torneio Início, realizada em 13 de maio de 1930 e acabou empatada em 1 a 1. O Riograndense foi o primeiro vencedor do clássico, quando derrotou seu rival por 3 a 0 em 10 de julho de 1932. Já a primeira vitória do Inter-SM veio 10 anos após o surgimento do clássico, 1 a 0 em 10 de maio de 1940. Como em qualquer clássico brasileiro, torcedores se vangloriam por alguns feitos de seus times contra o arquirrival. Segundo Flôres (2012), o clássico Rio-Nal tem suas maiores goleadas a favor do Riograndense. O autor retrata os 10 a 2 em 1934 e os 9 a 1 de 1936, as duas maiores goleadas do clássico, ambas do Riograndense Futebol Clube.

Pensar em Riograndense e Internacional de Santa Maria sempre remeterá à cidade da região central do estado do Rio Grande do Sul, mas um dos 265 clássicos já disputados aconteceu fora de Santa Maria. Para Flôres (2012, p.88), a dupla Rio-Nal jogou em Tupanciretã, no Rio Grande do Sul, em 30 de março de 1952, em jogo válido por um quadrangular, o qual acabou com vitória do Inter-SM por 7 a 3.

Desde seu surgimento, os números do clássico santa-mariense são favoráveis ao Riograndense. No total foram realizados 265 clássicos, com 112 vitórias do Riograndense, 92 vitórias do Inter-SM, além de 61 jogos que terminaram empatados³⁴. O Riograndense também foi

³⁴ O clássico de número 265 foi realizado no dia 7 de junho de 2015 válido pela Divisão de Acesso do Campeonato Gaúcho. A partida terminou com a vitória do Inter-SM por 4 a 0 no Estádio dos Eucaliptos. Disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2015/06/com-publico-de-192-pessoas-nos-eucaliptos-inter-sm-massacra-o-rival-4776588.html>. Acesso em 18 de dez. de 2015.

o clube que mais marcou gols no clássico, 449 no total, contra 345 do time do Inter-SM. Portanto, levando em conta toda a carga histórica dos clubes da cidade, o apoio ao futebol do interior e a facilidade na produção de informação nos dias de hoje, o clássico ganha visibilidade nos meios de comunicação de Santa Maria.

2.4 MÍDIA SANTA-MARIENSE

Com jornais impressos desde 1883, passando também por emissoras de rádio, redes de televisão até chegarmos nos sites jornalísticos, Santa Maria, possui dois jornais diários, A Razão e Diário de Santa Maria. No âmbito televisivo, é possível destacar as emissoras privadas, RBS TV (filiada à Rede Globo), TV Pampa (filiada à Rede Record) e TV Câmara, além das emissoras públicas e/ou comunitárias, no caso da TV Campus da Universidade Federal de Santa Maria, a Televisão Santa Maria e a TV Unifra do Centro Universitário Franciscano. Nas ondas do rádio, os destaques santa-marienses ficam por emissoras AM e FM. Entre as AM, Santamariense, Guarathan, Imembuí, Medianeira e Universidade são as principais. Nas FM, as rádios Atlântida, Gaúcha, Antena 1, Carai, Comnorte, Medianeira e Nativa fazem a cobertura local pelo meio radiofônico.

No meio impresso, Santa Maria teve seu primeiro jornal em meados de 1883 com a Gazeta do Norte. Depois dele, outros surgiram, como o Jornal de Santa Maria, também em 1883. Em 1884, surgem o Gazetinha e o Imperial. Outros jornais como Santamariense (1885), A Província (1886), O Combatente e A Federação (1887); O Popular (1888); Liberdade, O Leque, Pescador, Peio, Carará e O Campestre (1899), também fizeram parte da história da mídia impressa na cidade, segundo Ribeiro (1993). Atualmente, Santa Maria conta com dois jornais diários, A Razão e Diário de Santa Maria e um jornal semanal, A Cidade.

2.4.1 A Razão e Diário de Santa Maria

Fundado em 9 de outubro de 1934³⁵, o jornal A Razão tinha como objetivo os acontecimentos internacionais, como a Segunda Guerra Mundial, noticiada desde seu início em 1939. Desde então, mudanças aconteceram. Na questão tecnológica, o jornal teve suas passagens

³⁵ Informações obtidas através o site do jornal A Razão. Disponível em <<http://www.arazao.com.br/sobre/>>. Acesso em 01 de jul. de 2015.

por impressora rotoplana, impressora rotativa, até chegar na impressora colorida. Após mudanças, o jornal direcionou suas atenções aos acontecimentos locais por conta da venda do jornal aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, quando A Razão começava a tratar de assuntos municipais. Em 1988 a empresa De Grandi Ltda. assume a direção do jornal, a qual está com vínculo até os dias atuais. Junto a chegada da nova direção A Razão começou a tratar de assuntos também nos âmbitos estaduais, nacionais e internacionais. O jornal também possui sua versão online (www.arazao.com.br) e sua circulação atinge hoje mais de 40 municípios da região central e fronteira oeste do Estado³⁶.

Mais recente que o jornal A Razão, o Diário de Santa Maria, veículo do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), foi criado em 19 de junho de 2002. Atualmente, abrange 36 municípios da região central do RS e sua sede fica na cidade de Santa Maria.³⁷ Segundo pesquisa do *Google Analytics*/Janeiro 2015, o Diário SM é o líder em leitura da região central do estado com uma tiragem superior a 550 mil exemplares por mês, além de ser um dos 50 jornais impressos de maior circulação no Brasil³⁸. Um dos mais importantes jornais de circulação diária em Santa Maria também possui sua versão online ([www.http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/](http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/)).

Em relação a editoria de esportes de ambos os jornais santa-marienses, a situação é semelhante em termos de profissionais. No jornal A Razão há um profissional que cuida da editoria de esporte e que também realiza funções nas demais editorias. Com a prioridade destinada a dupla Rio-Nal, onde a cobertura é mais aprofundada, o A Razão também notícia de forma própria as informações de Grêmio e Internacional. Já no Diário de Santa Maria, há dois jornalistas ligados ao setor de esportes, e assim como o A Razão, ambos auxiliam nas demais editorias. No Diário as matérias da dupla Rio-Nal são feitas pelos próprios jornalistas do veículo, enquanto os conteúdos dos times de Porto Alegre são recebidos pela Zero Hora, jornal do Grupo RBS sediado na capital gaúcha.

Após apresentar os times de Santa Maria e seus principais periódicos, aborda-se sobre as estratégias metodológicas realizadas para a análise de matérias publicadas por A Razão e Diário de Santa Maria na cobertura extracampo do clássico Rio-Nal.

³⁶ Informações retiradas da página do jornal no Facebook. Disponível em https://www.facebook.com/jornalarazao/info?tab=page_info>. Acesso em 23 de set. de 2015.

³⁷ Informações obtidas através o site da empresa RBS. Disponível em <https://www.assinanterbs.com.br/portal/portal-do-assinante/sobre/institucional>>. Acesso em 23 de jun. de 2015.

³⁸ Informações obtidas através o site do Grupo RBS. Disponível em <http://comercial.gruporbs.com.br/veiculos/diario-de-santa-maria/>>. Acesso em 23 de set. de 2015.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Após abordarmos o surgimento de Riograndense e Inter-SM, mostrando sua criação e seus principais feitos no futebol, partimos para a identificação e seleção das matérias jornalísticas publicadas por A Razão e Diário de Santa Maria, veículos também já citados no capítulo anterior. Consideramos, durante a busca, matérias relacionadas ao clássico Rio-Nal, com a preferência de veiculação em um período estipulado de uma semana antes ou depois do acontecimento do jogo. Num primeiro momento, obtivemos como objeto empírico 120 matérias referentes a quatro anos de clássico. Entre todas as publicações, 58 foram obtidas no jornal A Razão e 62 pelo Diário de Santa Maria. O total de textos recolhidos foi obtido através de compras de jornais impressos e, pesquisas ao acervo físico do jornal A Razão e visitas à redação do Diário de Santa Maria para a obtenção dos arquivos digitais.

Durante a pesquisa, levamos em consideração os clássicos entre Riograndense e Inter-SM realizados entre os dias 04 de março de 2012 e 07 de junho de 2015. No total, doze jogos fizeram parte das matérias coletadas. A coleta de material foi feita entre os clássicos 254 e 265. Escolheu-se o ano de 2012 como ponto inicial para a pesquisa, pois ele que marcou o retorno de partidas entre a dupla Rio-Nal na cidade de Santa Maria. A última partida havia ocorrido em 2007 pela Divisão de Acesso do Campeonato Gaúcho. De 2008 a 2011, o Inter-SM disputou a primeira divisão do campeonato estadual, enquanto o Riograndense permaneceu na segunda divisão, fato que impossibilitou a realização de um clássico nesses quatro anos.

Quadro 1: Relação dos clássicos analisados entre Riograndense e Inter-SM

Clássico 254 - 04 de março de 2012	Inter-SM 2x2 Riograndense	Divisão de Acesso 2012 – 1ª Fase
Clássico 255 - 05 de maio de 2012	Riograndense 2x1 Inter-SM	Divisão de Acesso 2012 – 1ª Fase
Clássico 256 – 29 de agosto de 2012	Riograndense 3x2 Inter-SM	Copa FGF Hélio Dourado
Clássico 257 – 12 de setembro de 2012	Inter-SM 3x2 Riograndense	Copa FGF Hélio Dourado
Clássico 258 – 01 de maio de 2013	Inter-SM 1x2 Riograndense	Divisão de Acesso 2013 – 1ª Fase
Clássico 259 – 04 de fevereiro de 2014	Inter-SM 1x0 Riograndense	Amistoso
Clássico 260 – 08 de fevereiro de 2014	Riograndense 0x0 Inter-SM	Amistoso
Clássico 261 – 01 de março de 2014	Riograndense 2x1 Inter-SM	Divisão de Acesso 2014 – 1ª Fase
Clássico 262 – 01 de março de 2015	Inter-SM 3x0 Riograndense	Divisão de Acesso 2015 – 1ª Fase
Clássico 263 – 05 de abril de 2015	Riograndense 2x1 Inter-SM	Divisão de Acesso 2015 – 1ª Fase
Clássico 264 – 17 de maio de 2015	Inter-SM 2x2 Riograndense	Divisão de Acesso 2015 - 2ª Fase
Clássico 265 – 07 de junho de 2015	Riograndense 0x4 Inter-SM	Divisão de Acesso 2015 – 2ª Fase

Fonte: Elaborado pelo autor

Em um segundo momento selecionamos entre as 120 matérias encontradas, aquelas que falassem de alguma forma do extracampo do duelo santa-mariense³⁹. Tendo em vista a análise de novos fatores do clássico Rio-Nal, foram selecionadas 65 matérias que apresentavam assuntos diferentes da tradicional cobertura jornalística esportiva: jogo, treino, pós-jogo e especulações. Nas publicações pré-clássico, foram desconsiderados textos que tratassem de treinos para a partida e definições de equipes, por exemplo. Já nos textos pós-clássico, assuntos como a crônica da partida que retrata o jogo em si - gols, melhores momentos e cartões - não foram considerados.

Nas 65 matérias que abordaram o extracampo do clássico, foi possível encontrar alguns temas recorrentes na cobertura jornalística que tratavam de assuntos ligados indiretamente ao campo de futebol. Através de observações prévias separou-se quatro categorias de análise envolvendo a cobertura extracampo do clássico Rio-Nal: estrutura, segurança/violência, torcida e clássicos temáticos. Ao elencarmos os quatro temas para fazer parte da pesquisa, escolhemos um *corpus* de análise formado por 19 matérias. As quatro temáticas foram escolhidas devido a constante aparição nos materiais analisados, o qual evidenciou-se uma quantidade relevante de informações a serem analisadas.

³⁹ Extracampo é aquilo que acontece fora do campo de futebol; o extragramado. Disponível em <<http://br.significado.de/extracampo>>. Acesso em 29 de out. de 2015.

No quesito estrutura, o assunto é voltado diretamente para os estádios de Inter-SM e Riograndense. Na ocasião, os textos evidenciam a precariedade das estruturas que recebem o clássico Rio-Nal. Falta de energia, campo alagado e problemas nas vistórias dos estádios são alguns dos pontos encontrados e noticiados pelos jornais nas semanas de clássico. Em relação à segurança/violência, decidimos unir as duas questões, pois nota-se que ambas estão imbricadas. Apenas há segurança por medo de haver a violência. Apenas há violência por dificuldades de segurança. Durante a Semana Rio-Nal, assuntos ligados a segurança – reuniões com torcedores, escolta de torcida adversária e notas alertando itens que poderiam ou não entrar ao estádio – foram recorrentes. Já a violência apareceu em momentos em que ocorreram brigas entre torcedores - dentro e fora dos estádios - e vandalismos ao redor dos estádios.

Em relação a assuntos que abordavam a torcida, dois aspectos foram levantados: a aparição da torcida perante os meios de comunicação e o apelo dos jornais e/ou clubes para que o torcedor comparecesse ao clássico.

A aparição da torcida nos jornais deu-se em casos que não houve atos de violência, sejam entre torcedores de Inter-SM e Riograndense ou entre a mesma torcida. Nesse quesito, o bom comportamento da torcida virou parte do clássico. Já no apelo dos meios para com os torcedores, alguns textos trouxeram a campanha “Viva o Clássico Rio-Nal”. Outro ponto que tentou evidenciar a tentativa de aproximação do público com o seu time foi em uma matéria especial sobre a estreia dos clubes na Divisão de Acesso em 2015.

Por fim, o último quesito pertinente ao extracampo observado após a seleção de 65 textos foi o que chamamos de Clássicos Temáticos. Nesse quesito foram analisados clássicos que fugiam da habitual construção jornalística. A utilização de linguagens características de certas datas comemorativas foram utilizadas para permear a construção da notícia. Eventos como Semana Farroupilha, Carnaval, Páscoa e o Centenário do Riograndense foram assuntos aproveitados por A Razão e Diário de Santa Maria para trabalhar de modo diferente o clássico da cidade.

A investigação utiliza o método comparativo que traz semelhanças e/ou diferenças entre as estratégias discursivas produzidas entre um e outro veículo de comunicação na cobertura do clássico. Para Michel (2005), “esse método procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e as similaridades entre elas”. Em relação ao aporte metodológico, faz-se uma revisão bibliográfica, que segundo Stumpf (2010):

é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMP, 2010, p.51).

Sobre os assuntos selecionados nos textos previamente analisados, utilizamos Adair Caetano Peruzzolo e seu conceito de Efeitos de Tematização para chegarmos a temas que fazem parte do extracampo do clássico Rio-Nal. Para Peruzzolo (2015, p.201), “tema é um objeto teórico ou empírico - mas sempre linguístico - a ser constituído em narrativa de uma fala”. O autor ainda complementa que tema é “a ideia ou núcleo delas, que sustenta um pensamento sobre o modo de ser, fazer, crer, sentir e/ou pensar de um sujeito ou sobre um objeto ou função”. Peruzzolo traz o tema como algo abstrato ao falar que é o que sustenta um pensamento sobre determinada questão.

Quando escolhemos alguns temas para abordar o extracampo do clássico santa-mariense, estamos fazendo referência a valores, como afirma Peruzzolo (2015). Ao abordarmos aspectos como violência e estruturas, por exemplo, estamos relacionando esse aspecto a valores pré-estabelecidos. Buscamos nos textos que característicos os meios de comunicação apresentam para corroborar essa temática. No caso, como o enunciador passa a veracidade que quer transmitir ao seu leitor:

Ao desenvolver um tema [...] o enunciador tece o discurso com uma trama de argumentos, que são diferentes temas que se imbricam para estruturar os valores de condutas, sentimentos e pensamentos [...] com o intuito de produzir efeitos de sentido, que permitam auferir um princípio moral, pois, fundamentalmente o que um enunciador pretende é fazer o destinatário acreditar nos valores que sustentam o discurso, que propõe (PERUZZOLO, 2015).

Na investigação de um tema, observam-se também figuras que atendem e contribuem, mesmo que minimamente, para a construção da tematização textual. Para Peruzzolo (2015, p.203), “um esquema narrativo é revestido com temas, e depois, pode receber figuras” e figurativizar seria “constituir uma imagem para referenciar as representações vividas”. Assim, o enunciador primeiramente escolhe o tema o qual irá abordar para depois revesti-lo com figuras que referencie a temática.

Segundo Peruzzolo (2015), temas e figuras se diferenciam por se referirem a coisas abstratas e concretas, respectivamente. O tema é algo abstrato, pois baseia-se em valores. Para

Peruzzolo (2015, p.202), o tema “não remete ao mundo natural, mas aos valores de vida do homem”. O autor exemplifica a questão do tema com o seguinte trecho: “Se dizemos ‘*Maria é bonita*’, propomos o tema da beleza da Maria (um valor) ou, também, Maria (enquanto pessoa do sexo feminino) em relação a sua beleza (um atributo seu)” (PERUZZOLO, 2015, p. 202). Com isso, o autor mostra que o tema da beleza é considerado algo abstrato, assim como a relação entre Maria e uma característica sua.

Já a figura tem o papel de concretizar a temática referida pelo enunciador com o intuito de passar referências que sustentam o tema para o enunciatário. Fiorin *Apud* Peruzzolo (2015, p.213) afirma que figura “é o termo que remete a algo no mundo natural árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc”. Com isso, Peruzzolo sustenta que as figuras são elementos concretos que auxiliam na caracterização dos temas – elementos abstratos. Segundo Bertrand *Apud* Peruzzolo (2015, p.216) considera-se figurativo “tudo o que pode ser diretamente referido a um dos cinco sentidos tradicionais [...]; em suma, tudo o que se liga à percepção do mundo exterior”. A figurativização é exemplificada da seguinte forma por Peruzzolo (2015, p.203):

Se dizemos “João tem o cofre cheio de escudos de ouro”, referimos de modo figurativo que João é rico. [...] Mostrar que “João é rico” pressupõe necessariamente objetos que manifestem esse modo de ser. “Cofre cheio de escudos de ouro” é seguramente uma dessas maneiras, pois que se dizem ideias e valores dizendo-se objetos.

Ao longo das análises que seguem realizamos leituras discursivas em busca de figuras que possam contribuir para a afirmação de temas propostos pelos enunciadores. Além disso, buscou-se discursos que sustentem a tematização através de argumentos, informações, sentimentos e valores repassados aos enunciatários.

4 ANÁLISE DO EXTRACAMPO DO CLÁSSICO RIO-NAL NO AR E DSM

Ao longo da explicação sobre as estratégias metodológicas para a construção do presente estudo, mencionamos que separamos 65 matérias. Todos os textos estão diretamente relacionados ao modo como A Razão e Diário de Santa Maria construíram a temática e apresentaram ao enunciário⁴⁰. Das 65 matérias, selecionamos para fazer parte do nosso *corpus* de análise 19 matérias. Por questões de importância foram analisados em cada categoria apenas os textos que trouxeram mais contribuições para o trabalho.

4.1 ESTRUTURA

Na presente temática, procura-se analisar a cobertura de DSM e AR acerca de aspectos relacionados as estruturas dos estádios. Três fatos na temática de estrutura chamaram a atenção durante a análise: falta de luz, problemas com vistorias e campo em péssimas condições. A estrutura, tema principal, foi caracterizada com figuras que se mostraram significativas para enfatizar essa questão. Termos como defeito, problemas, vistoria, alagamento, balde, entre outros, contribuíram para que o enunciatário levasse ao enunciário a ideia de uma estrutura deficiente dos estádios.

O primeiro quesito referente a estrutura é o problema de iluminação dos estádios. Em 29 de fevereiro de 2012, AR e DSM informaram em suas edições sobre o horário de realização do clássico que seria alterado devido a problemas na parte de iluminação do Estádio Presidente Vargas.

⁴⁰ Será utilizado a partir de agora as siglas AR para A Razão e DSM para Diário de Santa Maria.

A RAZÃO Quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012 **13**

Rio-Nal será às 16h

Clássico que abre a Série Intermediária do futebol gaúcho estava marcada para às 18h30 de domingo

Um defeito numa das torres de iluminação do Estádio Presidente Vargas forçou a direção do Inter/SM a alterar o horário do clássico Rio-Nal de domingo, para às 16h, em vez das 18h30. A Baixada poderá receber um público de até 8.500 pessoas com as arquibancadas móveis da prefeitura, sendo que dois mil ingressos foram colocados à disposição do Riograndense. Para o torcedor colorado, serão 6.548 acomodações - a atual capacidade da Baixada. Inter/SM e Riograndense duelam pela 1ª rodada da Chave 1 da Série Intermediária do futebol gaúcho.

Os dois mil torcedores do Rio-

Reprodução Internet



Continental
Pneus de tecnologia alemã.

55 3304 4546
BR 392 - km 01, 2367
Santa Maria - RS
www.gppneus.com.br

grandense serão acomodados nas arquibancadas móveis da prefeitura, que serão colocadas no setor sul do estádio - tendo como referência o Cemitério Ecumênico Municipal. O presidente colorado Mauro Martins, acredita que o conserto na torre à direita no pavilhão social seja demorado em função do defeito - o que estaria cortando a corrente e impedindo o acendimento de todas as luminárias. O assessor da presidência do Riograndense, Antônio Palharini, o Peninha, acredita que as duas mil entradas do torcedor periquito sejam esgotadas entre quinta e sexta. "Estão vendendo mais que pastel em carreira em dia de chuva", brincou o dirigente.

Inter/SM - Dos seis jogado-

Marcelo De Franceschi/Especial/A Razão



Jogadores do Periquito aprimoraram a forma física à tarde nos Eucaliptos

Rafael Dassi/A Razão



O atacante Fabiano Veiga é uma das esperanças de gol do Inter/SM no domingo

Marcelo De Franceschi/Especial/A Razão



Figura 1 - Texto: "Rio-Nal será às 16h"
Fonte: A Razão, 29 de fev. de 2012, p.13

A matéria do jornal AR com o título “*Rio-Nal será às 16h*” (Figura 1), explica nas primeiras linhas do texto os motivos da mudança de horário: “*Um defeito numa das torres de iluminação do Estádio Presidente Vargas forçou a direção do Inter/SM a alterar o horário do clássico Rio-Nal*”. O DSM segue pelo mesmo viés ao ter em seu título “*O clássico será às 16h*” (Figura 2) e tratar em seu primeiro parágrafo que “*o horário da partida foi revisto e mudou em função de problemas na iluminação do Estádio Presidente Vargas*”. Nota-se que nesse primeiro caso, ambos os jornais trazem a estrutura do estádio do Inter-SM como o principal fato da notícia. Para confirmar o problema na iluminação, ambos os meios recorreram ao presidente do Inter-SM como fonte para obter outras informações e motivos para a decisão pela mudança de horário do jogo.

No AR, o enunciador apresenta o relato do presidente do clube através de uma citação indireta:

O presidente colorado Mauro Martins, acredita que o conserto na torre à direita no pavilhão social seja demorado em função do defeito - o que estaria cortando a corrente e impedindo o acendimento de todas as luminárias.

Também em forma de citação indireta, o DSM traz informações obtidas por Mauro Martins que dão credibilidade ao assunto:

A previsão do presidente do Inter-SM é melhorar a qualidade da iluminação da Baixada em um período de 30 a 40 dias. [...] Conforme Mauro da Silva, o transformador da Baixada não estaria dando conta de manter todas as luminárias acesas. Uma parceria com uma empresa de nível nacional deve ser fechada em breve para reformas no estádio. A prioridade seria o sistema de iluminação.

Nesse caso, ambos os jornais mostram que o problema de iluminação no Presidente Vargas acarreta diretamente na realização das partidas⁴¹. No AR, o termo “defeito” retratado pelo enunciador e “conserto na torre” e “defeito” oriundos de uma fonte, são levados ao enunciatário com o objetivo de comprovarem os problemas do estádio e os motivos pelo qual o jogo terá seu horário antecipado. Já o DSM não traz termos, mas, expressões que dão concretude à questão estrutural do estádio como: “problemas de iluminação” citado pelo enunciador e “melhorar a qualidade da iluminação”, “não estaria dando conta de manter todas as luminárias acesas” e

⁴¹ Nos textos sobre problemas de iluminação apenas o Estádio Presidente Vargas, do Inter-SM, foi citado. O Estádio dos Eucaliptos, do Riograndense, até hoje não possui torres de iluminação.

“prioridade seria o sistema de iluminação”, citados pela fonte, que evidenciam as falhas do Estádio Presidente Vargas.

RIO-NAL Problemas na iluminação do Estádio Presidente Vargas impedem jogo à noite

O clássico será às 16h

O clássico Rio-Nal que marcará a estreia dos clubes santa-marienses na Divisão de Acesso do Campeonato Gaúcho será disputado à luz do dia. Depois de ser remarcado das 15h30min para as 18h30min do próximo domingo, o horário da partida foi revisto e mudou em função de problemas na iluminação do Estádio Presidente Vargas. Na segunda-feira à noite, saiu a decisão: Inter-SM e Riograndense se enfrentarão às 16h de domingo, na Baixada. A abertura dos portões será às 14h.

– Como o mando de campo é nosso, a gente define o horário. Tínhamos a ideia de botar às 18h30min para fugir do horário de Inter e Grêmio, mas não conseguimos regularizar a luz. Como temos projeto para isso, não adianta arrumar uma coisinha apenas – justifica o presidente do Inter-SM, Mauro da Silva.

No Riograndense, a mudança foi recebida com aprovação. Segundo o presidente Julio Cesar Ausani, seu time não entraria em campo se a iluminação não apresentasse melhores condições.

– O clássico volta para as 16h, que era a nossa ideia inicial. Temos de considerar o público, principalmente, aquele que faz uso do transporte coletivo. À noite, fica mais complicado, além de que o horário avançado prejudica pessoas que têm de trabalhar segunda mais cedo – completa o presidente Ausani.

A previsão do presidente do Inter-SM é melhorar a qualidade da iluminação da Baixada em um período de 30 a 40 dias. Seria o suficiente para receber três jogos noturnos da primeira fase, todos marcados para as 20h30min: contra o São Paulo-RG, em 18 de abril, contra o Rio Grande, em 25 de abril, e contra o Brasil-Pe, em 2 de maio. A incógnita é quanto ao jogo de 28 de março, contra o Guarani-VA, que também seria disputado às 20h30min.

Conforme Mauro da Silva, o transformador da Baixada não estaria dando conta de manter todas as luminárias acesas. Uma parceria com uma empresa de nível nacional deve ser fechada em breve para reformas no estádio. A prioridade seria o sistema de iluminação.

Outro assunto que ganha a atenção da diretoria é o contrato com a empresa Kopp, de Santa Cruz do Sul. As catracas eletrônicas e o placar eletrônico, que estão desativados e assim permanecerão, são de responsabilidade da empresa e não receberam manutenção, como estava previsto. O clube espera a retirada dos equipamentos e a revisão do acordo para evitar maiores custos.

Figura 2 - Texto: "O clássico será às 16h"

Fonte: Diário de Santa Maria, 29 de fev. de 2012, p.12

Outra questão da estrutura observada na cobertura do extracampo do clássico Rio-Nal, relaciona-se à vistoria do Corpo de Bombeiros nos estádios da dupla para a realização das partidas. Falta de vistoria ou demora da própria e/ou demora dos clubes a aderirem as normas de segurança foram aspectos que fizeram com que o Clássico 258 fosse transferido de março para

maio de 2013. Nesse período, os jornais AR e DSM publicaram inúmeros textos que cobriam o dia-a-dia da vistoria dos estádios. O AR trouxe cinco matérias, enquanto o DSM relatou os fatos em oito oportunidades. Para fins de análise sobre as vistorias, escolhemos uma matéria de cada veículo. Os textos analisados foram os do dia 27 e 29 de março de 2013, publicados por AR e DSM, respectivamente.

A sub-temática da vistoria, além de contribuir para manifestações do tema mais amplo como a estrutura, foi escolhida para compor a temática de estruturas pelo fato de que foi a única vez que os jornais santa-marienses trouxeram o assunto em uma semana de clássico Rio-Nal. O caráter único está ligado a cobertura de algum jogo entre Riograndense e Inter-SM, já que questões de vistoria podem ter sido relatadas antes ou depois de partidas que envolviam outros jogos da dupla. Como citado anteriormente, a questão da vistoria teve uma ampla divulgação até a realização da partida. Ressalta-se que foi o único Rio-Nal em que a vistoria foi pertinente e não por acaso. O Clássico 258 foi o primeiro encontro entre os times de Santa Maria em 2013, mesmo ano em que ocorreu a tragédia da Boate Kiss⁴². Com isso, a preocupação dos órgãos públicos e dos meios de comunicação centrou-se na avaliação dos alvarás dos estádios de futebol de Santa Maria e em aspectos relacionados à acessibilidade.

No jornal AR, o enunciador escolhe “*O Dia D do Rio-Nal*” (Figura 3) como título da matéria, em referência ao caráter decisivo que o dia 27 de março teria para a realização do clássico do dia 31 de março. O termo Dia D foi utilizado como figura pelo enunciador, já que está diretamente atrelado a questões estruturais dos estádios. É nesse momento que o jornal traz as situações do Estádio Presidente Vargas - local marcado para receber o clássico - e do Estádio dos Eucaliptos:

[...] nenhum dos estádios de Santa Maria está apto para recebê-lo. A baixada ainda aguarda a vistoria definitiva do Corpo de Bombeiros e, depois, da Brigada Militar. Já o Estádio dos Eucaliptos, do Riograndense, reprovado na inspeção, espera pela resposta do seu projeto de adequações à Resolução Técnica 017 de 2012, que já foi analisado em Porto Alegre e retornou para Santa Maria. E, por enquanto, não há repostas objetivas para a resolução dessas questões e a confirmação, enfim, do Rio-Nal para domingo.

⁴² Maior tragédia do Rio Grande do Sul, a ‘Tragédia da Boate Kiss’ matou 240 pessoas em uma casa de shows de Santa Maria. Após a tragédia, comprovou-se que a boate funcionava com alvarás vencidos e uma acessibilidade irregular para o seu espaço físico. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/tragedia-incendio-boate-santa-maria/platb/>>. Acesso em 04 de out. de 2015.

No trecho apresentado encontra-se termos pouco utilizados quando o assunto é clássico Rio-Nal: “vistoria”, “Corpo de Bombeiros”, “inspeção”, “Resolução Técnica”. Todos termos remetem a um contexto estrutural, já que algumas questões dentro do estádio impediam a realização da partida. Logo, a presença desses termos sustenta a ideia de que questões precisam de solução. São esses termos que o enunciador utiliza como figuras para tratar e evidenciar a temática da estrutura.

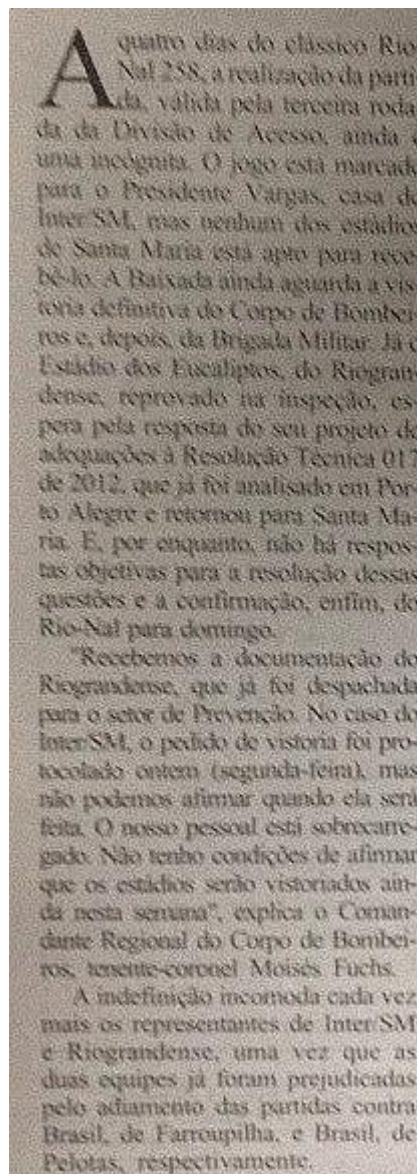


Figura 3 – Texto: “O dia D do Rio-Nal”
 Fonte: A Razão, 27 de março de 2013, p.14

A cidade, que está voltando aos poucos a sua rotina normal após a tragédia do dia 27 de janeiro, que vitimou 211 pessoas, poderá ter futebol profissional no domingo dia 7 de abril, um domingo. Isso porque, depois de Riograndense e Inter-SM adiarem jogos da competição em função de atraso nos trâmites de liberação dos seus estádios junto aos bombeiros, uma reunião realizada na manhã de ontem, com a corporação, deu ânimo e perspectiva aos presidentes dos dois clubes profissionais de Santa Maria.

O encontro, que ocorreu na sede do comando regional, em Santa Maria, contou com a presença dos presidentes Juliano Leite, do Riograndense, e Luiz Claudio Mello, do Inter-SM. Eles estavam acompanhados dos representantes jurídicos dos clubes. Por parte dos bombeiros, quem ficou na incumbência de recebê-los foi o capitão Daniel Dalmaso Coelho.

O encontro teve como finalidade pedir agilidade ao processo de liberação dos locais para a realização das partidas. Após o encontro, os mandatários da dupla saíram otimistas. Conforme Juliano Leite, eles receberam a garantia de que, no início da próxima semana, o Estádio Presidente Vargas deverá ser inspecionado, bem como o Riograndense deverá ter uma resposta definitiva quanto à análise do projeto de adequações entregues à corporação.

O mandatário alvirrubro, Luiz Claudio Mello, afirma que entende o posicionamento dos bombeiros e que os clubes tentarão se adequar às exigências da Resolução Técnica 017. Além disso, os dirigentes fizeram um pacto de que o clube que tiver o seu estádio liberado primeiro emprestará para que o rival também possa jogar.

Clubes teriam de apresentar documentos

O representante do Corpo de Bombeiros, capitão Daniel Dalmaso Coelho, não quis falar sobre o assunto. Porém, o comandante geral do Comando Geral de Polícia Ostensiva (CRPO) Central, coronel Jaime Machado Garcia afirma que está por dentro do assunto e, inclusive, cita algumas pendências:

– Conversei com os presidentes e disse que tão logo nos entregarem sete documentos que exigimos para a segurança de locais que recebem público, irei junto com a comissão para avaliar os estádios – disse.

Segundo ele, os principais documentos seriam o Plano de Prevenção Contra Incêndio (PPCI), o Plano de Contingência (refere-se às rotas de fuga em caso de acidente) e um laudo que ateste que as arquibancadas suportam a quantidade de torcedores.

Figura 4 – Texto: “Quando teremos futebol?”

Fonte: Diário de Santa Maria, 29 de março de 2013, p.12

Enquanto AR citou em sua matéria termos e situações incomuns para o clássico, o DSM (Figura 4), logo no início do texto, rememora o acontecimento da Boate Kiss ao dizer que “a cidade, que está voltando aos poucos a sua rotina normal, após a tragédia do dia 27 de janeiro [...] poderá ter futebol profissional no domingo”. A situação evidencia que as questões de vistoria por parte do Corpo de Bombeiros estão diretamente atreladas a tragédia na casa noturna. Outro aspecto de destaque relaciona-se com as “diferenças das resoluções utilizadas nas vistorias dos estádios da Divisão de Acesso” (Figura 5). Um conteúdo diretamente relacionado ao extracampo. Em parte do texto, há uma comparação entre a Resolução Técnica dos bombeiros e Brigada Militar, o Plano de Prevenção Contra Incêndio (PPCI) e outras três Normas Brasileiras (9077, 9050 e 5419). Assim como em AR, o DSM utiliza termos que extrapolam a partida de futebol em si, como por exemplo: “trâmites de liberação”, “bombeiros”, “inspecionado”, “projeto de adequações”, os quais servem como figuras que concretizam a temática da estrutura. Estes termos não são habituais no jogo em si, mas recorrentes para a organização do jogo - naquilo que o cerca – e contribuíram para que o enunciador passasse determinado entendimento acerca da infraestrutura dos estádios de Santa Maria.



Figura 5 – Texto: “Quando teremos futebol?”

Fonte: Diário de Santa Maria, 29 de março de 2013, p.12

A sub-temática vistoria foi abordada pelos jornais impressos apenas no primeiro clássico após a tragédia em Santa Maria. A cobertura dos clássicos anteriores e posteriores ao de número 258 não apresentou mais essas preocupações. Infelizmente não podemos afirmar se os jornais possuíam conhecimento das documentações e se os tipos de vistorias e adequações eram realizadas frequentemente nos estádios de futebol de Santa Maria.

Para fechar a categoria estrutura, escolhemos analisar o tratamento dos jornais a respeito de um fato ocorrido num dos clássicos mais recentes, o de número 263. O clássico 263 teve inúmeros exemplos, no dia de sua realização, que evidenciaram a falta de estrutura do Estádio dos Eucaliptos. Recorremos aos textos publicados por AR no dia 06 e do DSM em 06 e 07 de abril de 2015.

O jornal AR trouxe um dia após a realização do clássico, além da habitual crônica do jogo, uma parte destinada diretamente aos motivos que ocasionaram o atraso da partida (Figura 6). Motivos os quais, o enunciador mostra que são ligados a temática da estrutura.

ATRASO NO COMEÇO DO CLÁSSICO 263

O clássico Rio-Nal de número 263 teve um componente curioso antes do seu início. Um ponto de alagamento localizado à direita do gramado, próximo a linha lateral, onde corre um dos assistentes, fez com que a partida atrasasse em 50 minutos. Colaboradores do Riograndense, componentes da comissão técnica e até jogadores, tentaram solucionar o problema, retirando a água com baldes, tonéis e um colchão para reter o líquido, mas de nada adiantou num primeiro momento.

A arbitragem do clássico, capitaneada por Rafael Klein, retardou inclusive a entrada no campo, a espera que a água fosse escoada. De acordo com o árbitro, o problema foi verificado e houve a solicitação para a resolução do problema, ainda no início da tarde, algo que acabou não acontecendo.

A se lamentar que não foi a primeira vez que ocorreu esse imprevisto. Em dias de chuva é comum que a linha lateral do gramado dos Eucaliptos seja sobreposta pela água e o assistente tenha dificuldades em andar por ali.

O episódio além de atrasar o começo do jogo, atrapalhou os preparadores físicos das duas equipes, pois no período em que aguardavam a resolução do imbróglio, os atletas ficaram no aquecimento.

A torcida do Inter-SM reclama da forma hostil que foi recepcionada na casa do rival, assim como da estrutura do local onde ficou a torcida alvirrubra, com apenas dois banheiros químicos e sem copas.

Figura 6 – Texto: “Atraso no começo do clássico 263”

Fonte: A Razão, 06 de abril de 2015. Disponível em: <<https://www.arazao.com.br/noticia/67894/67894/>>. Acesso em 26 de nov. de 2015.

No título o enunciador já aborda a questão do que será tratado durante o texto. Logo nas primeiras linhas algumas figuras são encontradas para concretizar a temática da estrutura. Ao tratar de *“um ponto de alagamento localizado à direita do gramado, próxima a linha lateral, onde corre um dos assistentes”*, ao enunciatário é apresentado o principal motivo do atraso da partida, que se deu pela falta de estrutura necessária no Estádio dos Eucaliptos. Outras figuras são utilizadas pelo enunciador para mostrar a precariedade do clube para solucionar este tipo de problemas. Quando o enunciador relata que *“[...] tentaram solucionar o problema, retirando a água com baldes, tonéis e um colchão para reter o líquido”*, apresenta ao enunciatário que a estrutura é incapaz para evitar problemas como o excesso de chuva no gramado e procura mostrar os motivos que levaram o clássico 263 a ter cerca de 50 minutos de atraso.

A recorrência do problema deve ser levada em consideração. No trecho *“a se lamentar que não foi a primeira vez que ocorreu esse imprevisto. Em dias de chuva é comum que a linha lateral do gramado dos Eucaliptos seja sobreposta pela água”*, o enunciador utiliza de uma frase, a qual enfatiza a problemática da estrutura no estádio do Riograndense em dias de chuvas.

Por motivos desconhecidos, a estrutura do Estádio dos Eucaliptos em dias chuvosos atormenta o andamento dos jogos, mas certas decisões não são tomadas ou não são levadas a público.

Em relação ao material publicado pelo DSM, o primeiro texto, veiculado um dia após a vitória do Riograndense sobre o Inter-SM, além da partida com seus melhores momentos, dá destaque especial à temática da estrutura. Com o título “*Teve balde, rodo e até colchão*” (Figura 7), nota-se que, por alguns instantes, o assunto principal foi a precariedade, e não a partida de futebol em si. Ressalta-se, entretanto, que não é possível dissociar as duas questões, pois a estrutura é capaz de influenciar no andamento da partida, como foi o caso. Trechos na narrativa mostram o que foi aquela tarde de domingo no Estádio dos Eucaliptos.

Teve balde, rodo e até colchão

O que se espera de um jogo de futebol, ainda mais de um clássico, é que as atenções estejam voltadas somente para os protagonistas do jogo. Porém, o Rio-Nal 263 quase foi transferido em função do alagamento em parte do gramado. O jogo atrasou 45 minutos para começar em função do problema na drenagem, ou da falta dela, do gramado. Conforme o delegado da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), Hamilton Oliveira Silva, responsável pela partida, a água cobria parte da linha lateral e, nessas condições, um jogo não pode ser realizado, con-

forme as regras da arbitragem.

Uma força-tarefa formada por funcionários do clube e até jogadores e comissão técnica do Periquito tentava retirar a água do local. Depois de 30 minutos, balde, rodo e até um colchão foram utilizados para absorver a água. Uma linha de barbante foi colocada para marcar a lateral, e, então, o jogo pôde ser iniciado. Os torcedores, irritados, xingavam a arbitragem por não autorizar o começo da partida.

Antes disso, outros dois fatos extracampo chamaram a atenção. Fora do estádio, houve um

confronto entre torcidas organizadas do Riograndense e do Inter-SM. Conforme a Brigada Militar, um grupo de cerca de 30 pessoas brigou usando pedras. O vidro dianteiro de um carro foi atingido e ficou trincado.

Já no momento em que as equipes entraram em campo, os times levaram cartazes lembrando o aniversário de um ano da morte do menino Bernardo Uglione Boldrini, 11 anos. O bisavô materno de Bernardo foi um dos fundadores do Inter-SM, e o avô materno foi presidente do Riograndense (leia mais na página 8).

JEAN PIMENTEL

Figura 7 - Texto: "Teve balde, rodo e até colchão"

Fonte: Diário de Santa Maria, 06 de abril de 2015, p.11

Alguns trechos do texto direcionam a atenção para a falta de estrutura presente no Estádio dos Eucaliptos, seja a estrutura para evitar que problemas aconteçam ou a estrutura que auxilie no reparo de algumas questões. O enunciador traz como figura a palavra alagamento para sustentar a temática da estrutura na seguinte frase: “*O Rio-Nal 263 quase foi transferido em função do alagamento em parte do gramado*”, quando evidencia que por problemas estruturais o clássico quase não ocorreu. Ainda sobre a quase não realização da partida por problemas de estrutura, o enunciador segue ao falar que “*o jogo atrasou em 45 minutos para começar em função do*

problema de drenagem, ou da falta dela”, deixando claro ao enunciatório que a estrutura possivelmente falha, nem exista. Com o objetivo de comunicar a precariedade do Estádio dos Eucaliptos, o enunciatário ainda utiliza figuras como “balde”, “rodo” e “colchão” para caracterizar e concretizar a falta de preparação. A utilização de colchões para retirar água do campo evidencia a total falta de estrutura do clube. Os inúmeros incidentes relatados foram essenciais para que a estrutura do estádio fosse transformada em notícia.

Optando por apresentar mais desdobramentos sobre a temática da edição anterior, o DSM trouxe na edição do dia seguinte - 07 de abril - novamente a questão do alagamento ocorrido na partida, mas dessa vez, além de apenas relatar como aconteceu na edição anterior, o jornal procurou apresentar ao leitor o porquê da situação⁴³. Com o título “*Problemas que insistem em voltar*” (Figura 8) nota-se que o texto se propõe a ampliar uma problemática que é recorrente. Afirmando que “*problemas que se repetem todos os anos*”, o DSM trouxe a então presidente do Riograndense, Lisete Frohlich, para explicar as questões das falhas no Estádio dos Eucaliptos.

Assim, o DSM trouxe a palavra da presidente do clube na forma de uma heterogeneidade explícita, que segundo Koch *apud* Peruzollo (2015, p.31), se dá quando se utiliza uma citação da fonte do texto inserido. A palavra da presidente também contribuiu para possíveis entendimentos do porque o campo de futebol ficou tão alagado antes do clássico Rio-Nal. Do ponto de vista da construção dos sentidos, todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciatários, ora concordantes, ora dissonantes, o que mostra que o texto é uma composição essencialmente dialógica e polifônica (PERUZZOLO, 2015, p.229). Para o autor, a questão da utilização de outras vozes no texto denomina-se polifonia.

⁴³ No dia 07 de abril de 2015, apenas o jornal Diário de Santa Maria voltou a falar das questões estruturais que prejudicaram o clássico do dia 05 de abril. O jornal A Razão trouxe apenas os relatos diários das equipes dois dias após a partida. Com a manchete “*Descanso nos dois lados depois do clássico Rio-Nal*”, o AR não tratou sobre estruturas.

RIO-NAL 263

Problemas que insistem em voltar

Clássico vencido pelo Periquito foi marcado por reclamações

PEDRO PAVAN

pedro.pavan@diariosm.com.br

Dentro das quatro linhas, resultado justo e vitória merecida do Riograndense por 2 a 1 no Rio-Nal 263, no domingo. Fora de campo – e também dentro dele –, problemas que se repetem todos os anos. Clima de animosidade e tensão nos arredores dos Eucaliptos e falhas estruturais no estádio, que, por pouco, não fizeram o clássico ser adiado.

As confusões começaram uma hora antes do jogo. Por volta das 14h30min, um grupo de torcedores do Inter-SM saiu do Largo da Gare em direção aos Eucaliptos. Segundo relatos de torcedores, eles teriam sido recebidos a pedradas. Conforme o major Paulo Antônio Flores de Oliveira, que responde pelo comando do 1º Regimento de Polícia Montada (1º RPMon) da Brigada Militar, não há como afirmar onde começou a confusão.

Já dentro do estádio, os torcedores alvirrubros que ocuparam o espaço nas arquibancadas móveis estavam indignados com o que presenciaram.

– O reservado no Inter-SM tinha pedaços de pedras, e a estrutura que nos forneceram não tinha água, refrigerante nem alimentação. O jogo atrasou quase uma hora para começar. É uma falta de respeito, e por culpa exclusivamente do Riograndense, que não providenciou a retirada

CLASSIFICAÇÃO*

GRUPO B

Clubes	P	J	V	SG
1º Pelotas	15	7	4	5
2º Guarani-VA	13	7	4	2
3º Inter-SM	11	7	3	6
4º Riograndense	10	7	3	1
5º São Gabriel*	7	6	1	-1
6º Rio Grande*	4	6	1	-7
7º Santa Cruz	2	6	0	-6

■ Classificados para a segunda fase ■ Rebaixados

*Classificação sem o resultado do jogo Rio Grande x São Gabriel

de água do gramado. Sempre somos maltratados lá – afirmou o vice-presidente do Conselho Deliberativo do Inter-SM, Paulo de Tarso Covolo.

Lisete reconhece falhas

Ontem, a presidente do Riograndense, Lisete Frohlich, reconheceu as falhas nos problemas de alagamento na lateral do gramado e da falta de bebida e alimentação no espaço reservado ao Inter-SM.

– Sei que é algo recorrente (o alagamento), mas, na minha gestão, venho fazendo alterações. O que aconteceu no gramado é que a água vem dos morros em volta. Pela manhã, liguei para o Marquetto (presidente do Inter-SM) e propus que o jogo fosse adiado para quarta ou quinta. Ele (Mar-

quetto) aceitou. Depois, o Savian (diretor de futebol do Inter-SM) me ligou e disse que a comissão técnica não aceitava a troca. Já fizemos o projeto de drenagem. A drenagem vai pegar a água e jogar para dentro de uma das piscinas (onde está sendo construída uma quadra, atrás do estádio). Espero que seja uma das última vezes que isso aconteça. Sabemos que é uma situação desagradável e, até por isso, queríamos transferir o jogo – disse Lisete.

Em relação às alegações de que a torcida do Inter-SM foi maltratada, Lisete foi enfática:

– Admito que foi uma falha, e não tinha água nem alimentação, mas não foi para maltratar os torcedores. Além disso, não concordo que a nossa torcida é bem tratada lá (na Baixada). Ficamos em um espaço apertado.

Figura 8 - Texto: "Problemas que insistem em voltar"

Fonte: Diário de Santa Maria, 07 de abril de 2015, p.12

Ao longo da construção do texto, o enunciador procurou apresentar explicações acerca do acontecimento. O texto publicado em 07 de abril trouxe a voz de Lisete anexada ao corpo do texto justamente para rebater questões que ficaram, num primeiro momento, sem explicações mais precisas. Assim, o enunciador trouxe uma fonte primária para dar legitimidade à temática de estrutura vinculada a esse texto. Para Alsina (2009, p.162) “o elo entre acontecimento-fonte-notícia é básico para a construção da realidade jornalística”. Quando a fonte fala que “*sei que é algo recorrente [o alagamento]*”, o enunciador cria uma ilusão de afastamento e opta por utilizar a fonte para falar do problema, pois esta, possivelmente, possui mais credibilidade junto ao enunciatário. Como afirma Lage (2001, p.65-66), “a fonte primária é aquela que fornece diretamente ‘o essencial de uma matéria’ [...] por estar próxima ou na origem da informação”. O enunciador, apoiado nos ditos da presidente mostra resoluções para os problemas e ao mesmo tempo que a presidente está fazendo alterações e que um projeto de drenagem já foi discutido.

Após esse breve levantamento de questões ligadas as estruturas na cobertura de clássicos entre Riograndense e Inter-SM, nota-se que a temática é transformada em notícia pelos dois principais jornais da cidade de Santa Maria. Mesmo sendo algo relacionado ao extracampo, situações como as citadas acima influenciam diretamente no campo de jogo e no entorno. Na temática estrutura, as abordagens realizadas por o AR e DSM foram semelhantes. Na ocasião observamos textos referentes a falta de luz, vistorias e péssimas condições de jogo (campo alagado). Nos três sub-itens que ajudaram a construir a temática estrutura, ambos os jornais preocuparam-se em levar ao enunciatário informações que sustentassem o discurso e a temática sobre estrutura. Sobre a falta de luz, ambos comunicaram sobre os problemas. Quando o sub-item foi vistoria, a cobertura de ambos os jornais foi extensa, mostrando a preocupação com o que estava ocorrendo. No caso mais recente, quando o campo do Riograndense alagou, novamente o AR e DSM deram um enfoque mais a fundo na questão estrutura, ou falta dela.

4.2 VIOLÊNCIA/SEGURANÇA

O segundo tema em análise é a violência/segurança. Decidimos trazer os dois temas em um mesmo item pois percebemos que só há violência por falta de segurança e só há segurança para combater a violência, ao menos no campo futebolístico. Para Murad (2007, p.13), “a presença da violência no futebol, dentro e fora de campo, é real, indiscutível e preocupante, não

se pode negar”. Com isso, durante nossas análises prévias, observamos que a temática violência/segurança foi abordada por AR e DSM em sete oportunidades. Para tratarmos essas questões, selecionamos dois textos de cada meio de comunicação.

4.2.1 Violência

Sobre a violência, analisamos os textos de AR e DSM publicados em 10 de fevereiro de 2014. Na ocasião, o Clássico 260 foi marcado por incidentes antes, durante e depois a realização da partida. Incidentes que ganharam mais destaque do que o futebol jogado pelas equipes.

O jornal AR traz em seu título a frase “*Sobrou confusão e faltou futebol*” (Figura 9). Nota-se já no título que o foco do enunciador direciona-se mais para a violência do que para o futebol. O termo “sobrou” leva ao enunciatário o exagero de confusões que permearam o clássico. Já o “faltou”, caracteriza o pouco futebol mostrado pelas duas equipes, o que resultou em um empate em 0 a 0.

Durante o texto são citados inúmeros incidentes que apontam o clássico 260 como tumultuado. Para apresentar ao enunciatário os acontecimentos violentos da partida, o enunciador traz algumas figuras que sustentam essa temática. O termo “recepção nada amistosa” utilizado para mostrar o atraso do jogo é um dos indicativos das confusões. Nesse caso, integrantes de uma torcida organizada do Riograndense apedrejaram o ônibus da delegação do Inter-SM na chegada ao Estádio dos Eucaliptos. O resultado da ação é trazido pelo enunciador para evidenciar os problemas causados antes mesmo das equipes entrarem em campo. Com os dizeres “*uma das janelas do veículo foi quebrada e estilhaços teriam atingido membros do time visitante*”, o enunciador se apoia em fatos concretos para dar significado a temática da violência. Nesse sentido, a violência partiu de torcedores organizados de uma das equipes. Para Murad (2007, p.34), o problema da violência é mais evidente dentro das torcidas organizadas, mesmo sendo parcelas muito pequenas no conjunto de milhões e milhões de fãs independentes, ou, torcedores anônimos, os quais não estão uniformizados com as torcidas organizadas.

Sobrou confusão e faltou futebol

Rio-Nal foi de tumultos,

forte marcação e falta de criatividade. O xô refletiu a pouca inspiração ofensiva dos times

Tiago Baltz

Desde uma chegada tumultuada até o final, o nervosismo marcou o clássico entre Riograndense e Inter/SM número 200. Segundo amistoso entre os times na pré-temporada, o jogo de sábado foi disputado e tenso. Com pouco futebol e ataques sem nenhuma inspiração, a partida não saiu do 0x0.

Houve meia hora de atraso, graças a uma recepção nada amistosa aos ônibus da delegação colorada. Ao chegar no Estádio dos Eucaliptos, integrantes de uma torcida organizada do Riograndense apedrejaram o ônibus do Inter/SM. Uma das janelas do veículo foi quebrada e estilhaços teriam atingido membros do time visitante. Após o susto, o técnico colorado Badico ameaçou não entrar em campo.

Com a promessa de segurança dos dirigentes esmeraldinos, o Inter/SM conseguiu chegar aos vestiários e o jogo começou com 30 minutos de atraso, às 18h30. O clima nervoso de antes da partida se refletiu no gramado. E o time mais punhado em campo era o Periquito. Com cinco mudanças em relação ao time da última terça-feira e promovendo a estreia de Dinei no ataque, o time do Técnico Luciano Corrêa não conseguiu criar, sendo novamente dominado pelos titulares do Inter, que repetiu a escalação do primeiro Rio-Nal.

Apesar de ter mais posse de bola, o ataque colorado não teve grandes chances. Josiel, muito marcado, não apareceu. A melhor

chance do Inter/SM ficou nos pés de Marco Antônio. Aos 20 minutos, em uma jogada individual, ele entrou na área e deu um toquinho por cima do goleiro Júlio César, mas a bola foi tirada quase em cima da linha pelo zagueiro Fábio Souza. Foi a oportunidade mais nítida de gol em toda a partida.

O Riograndense teve pouca posse de bola e abusou do chuteio. Com Dinei fora de ritmo e Tiago Duarte isolado na frente, o time da casa só ameaçou em uma cobrança de escanteio aos 44 minutos, com um quase gol olímpico de Willian Mendonça.

Já no segundo tempo, o Riograndense mudou todo o time e o Inter/SM voltou com a mesma equipe, mas que já demonstrava cansaço. O jogo virou e o Periquito passou a dominar as ações. Com Fabiano Veiga e Giovani na frente, o esmeraldino jogava mais rápido, demonstrando um dos problemas do time de Badico, a dupla de zaga, cansada, foi ainda mais lenta. No meio, Alexandre Piccini e Roger Bastos, que fizeram uma primeira etapa de boa qualidade, também cansaram e o rendimento do Inter/SM baixou.

Com 15 minutos, um torcedor do Inter/SM jogou um rojão na área do Riograndense e o jogo parou de novo. Pouco depois dos vinte minutos, Badico começou a fazer as trocas no seu time. Aos 30 saiu Josiel, que teve uma atuação das mais apagadas do lado vermelho.

E o jogo se aproximava do final com cara de 0x0 quando houve nova confusão. O juiz deu o segundo cartão amarelo para Luis Felipe do Inter/SM. Alegando uma combinação de não ter expulsão no jogo, Badico chamou Wellington para entrar. Mas o dirigente do time da casa, Ramiro Guimarães, retrucou dizendo que o acordo era de que as expulsões valeriam, e o



Figura 9 - Texto: "Sobrou confusão e faltou futebol"

Fonte: A Razão, 10 de fev. de 2014, p.11

No Clássico 260, o clima nervoso não ficou só fora do campo. Mesmo ao saber que estamos tratando de assuntos extracampo, uma frase dita pelo enunciador durante o texto, nos fez incluir os acontecimentos dentro de campo também. Em determinado momento o enunciador fala que “*o clima nervoso de antes da partida se refletiu no gramado*”, o qual nos remete a pensar que o ataque ao ônibus refletiu diretamente nos ânimos de jogadores e dirigentes durante a partida. Além da confusão entre torcida esmeraldina e delegação do Inter-SM antes da partida, o jogo, devido ao clima conturbado, teve objeto arremessado para dentro do gramado e confusão entre Badico, técnico do Inter-SM, e Ramiro Guimarães, dirigente do Riograndense. Para caracterizar essas questões e dar credibilidade a seu texto, o qual começou com “*Sobrou confusão e faltou futebol*”, o enunciador traz figuras que caracterizam algum tipo de ação para tratar dos assuntos. O objeto jogado em campo é abordado através do seguinte trecho “*com 15 minutos, um torcedor do Inter/SM jogou um rojão na área do Riograndense e o jogo parou de novo*”, enquanto a discussão é retratada com “*e o jogo ficou parado por cerca de 10 minutos – com técnico e dirigente invadindo o campo e discutindo*”. Ambos os trechos baseiam-se em ações como “jogou”, “invadindo” e “discutindo”, que servem para concretizar o tema violência.

Em relação a matéria do DSM publicada também no dia 10 de fevereiro de 2014, encontramos algo muito próximo ao retratado pelo jornal AR. O título utilizado pelo enunciador

“Foi decepcionante” (Figura 10), acompanhado da cartola⁴⁴ com a frase “*Amistoso de sábado não teve gols e ficou marcado por confusões*”, mostra que, assim como no texto do AR, o futebol foi deixado de lado no Clássico 260.

Através de expressões como “marcado por confusões”, o enunciador traz figuras concretas e pertinentes para transformar a abstração da violência em realidade. O termo confusões refere-se à desordem, com efeito, constrói a ideia de que pessoas estejam agindo erroneamente. Logo no início de sua construção textual, o enunciador volta a mostrar que o futebol não foi a peça chave da partida quando diz que “*de pouca qualidade técnica, Riograndense e Inter-SM protagonizaram um jogo sem gols, mas com vários incidentes*”. Nesse caso, o enunciador utiliza-se de adjetivos que enfatizam os acontecimentos do jogo. A partida de futebol é caracterizada como de “pouca” qualidade técnica, enquanto os incidentes são inumerados como “vários”. Assim como no jornal AR, nota-se que a cobertura do clássico 260 pelo DSM esteve diretamente relacionada a fatores ligados à violência.

RIO-NAL Amistoso de sábado não teve gols e ficou marcado por confusões

Foi decepcionante

Nem o fato de o calor sufocante ter sido amenizado antes do amistoso contribuiu para diminuir o clima quente que marcou o Rio-Nal 260, no sábado. De pouca qualidade técnica, Riograndense e Inter-SM protagonizaram um jogo sem gols, mas com vários incidentes. Um deles quase evitou a realização da partida no Estádio dos Eucaliptos.

Figura 10 - Texto: "Foi decepcionante"

Fonte: Diário de Santa Maria, 10 de fev. de 2014, p.14

Diferente de AR que abordou os incidentes juntamente com a crônica do jogo, o DSM preferiu tratar as confusões como um tema a parte da partida. Com o título “*Futebol ficou em segundo plano*” (Figura 11), o DSM apresentou elementos que prejudicaram o clássico entre

⁴⁴ O termo cartola é um jargão jornalístico é caracterizado por uma ou mais palavras usadas para definir o assunto da matéria. É usada sobre o título do texto. Disponível em: <<http://coisasdejornalista.com.br/dicionario-jornalístico-entenda-todos-os-jargoes/>>. Acesso em 12 de nov. de 2015

Riograndense e Inter-SM. Como vimos na primeira matéria publicada pelo AR, a confusão na chegada da delegação do Inter-SM também foi evidenciada. No DSM, o trecho utilizado foi “*a delegação do Inter-SM teve seu ônibus atingido por um objeto na chegada ao Estádio dos Eucaliptos. O vidro de uma janela quebrou, e o incidente revoltou a equipe*”. Observa-se que o DSM não traz quem ocasionou o ataque ao ônibus, mas relata o ato de vandalismo.

Para tentar trazer ao enunciatário o maior número de fatos que contribuíssem para legitimar os atos violentos no clássico, o enunciador relata que o evento ocorrido com o ônibus foi consequência de “*uma suposta briga entre torcidas organizadas [...] que teria contribuído para o clima de tensão fora do estádio*”. Quando se trata da violência no futebol o termo “briga” serve para tornar real o amplo significado que tem a palavra violência. Objeto arremessado para dentro de campo e discussões entre jogadores, técnicos e dirigentes também foram retratados pelo enunciador.

Com mais um ato de vandalismo por parte de torcedores, o texto traz que “*o amistoso ficou parado por cerca de dois minutos após um rojão ser arremessado para o campo pela torcida do Inter-SM*”. Tal ação apenas confirma a tensão e desordem que circulava no clássico realizado em fevereiro de 2014. As discussões entre jogadores e comissão técnica também foi inserida na construção jornalística do enunciado. “As manifestações de agressividade entre os torcedores, em primeiro lugar, e, logo a seguir, entre os atletas, formam a dimensão do fenômeno da violência no futebol, que tem mais vitrine na mídia” (MURAD, 2007, p.34), explica o autor sobre sua relação das manifestações a mídia.

Futebol ficou em segundo plano

O futebol dividiu espaço com as confusões no Rio-Nal 260. Cerca de uma hora antes do amistoso, a delegação do Inter-SM teve seu ônibus atingido por um objeto na chegada ao Estádio dos Eucaliptos. O vidro de uma das janelas quebrou, e o incidente revoltou a equipe.

– Os atletas não querem jogar. Não tenho condição emocional para comandar meus jogadores. Por mim, o jogo não sai – afirmou o técnico Badico, do Inter-SM, assim que desceu do veículo, já cercado por torcedores e dirigentes dos dois clubes.

Pouco antes disso, uma suposta briga entre torcidas organizadas também teria contribuído para o clima de tensão fora do estádio. A Brigada Militar só garantiu a segurança nas imediações do estádio e disse que não era responsável por manter a ordem dentro dos Eucaliptos, já que a vitória final só ocorrerá na próxima quinta-feira.

– Nós vamos jogar. Não vai ser meia dúzia que estragará o clássico hoje (sábado) – afirmou o presidente do Inter-SM, Heriberto Marquette, enquanto Badico seguia dando entrevistas e discordando da decisão.

Uma conversa, ainda no ônibus do

Inter-SM, entre os dois, o atacante Josiel e o sargento Carlos Racki, responsável pelo policiamento, tranquilizou a delegação alvirrubra.

Já no gramado, com a bola rolando, mais animosidades. Uma disputa de bola entre Willian Mendonça, do Riograndense, e Roger Bastos, do Inter-SM, gerou um princípio de confusão, encerrado após o árbitro mostrar cartão amarelo para ambos. No segundo tempo, o amistoso ficou parado por cerca de dois minutos após um rojão ser arremessado para o campo pela torcida do Inter-SM. O goleiro Samuel, do Riograndense, caiu, mas não foi atingido pelo explosivo.

Nos minutos finais, nova interrupção por quase cinco minutos. O desentendimento extrapolou as quatro linhas. Após cometer falta, Luis Felipe recebeu o segundo cartão amarelo e foi expulso. Badico entrou no gramado e cobrou a substituição do seu atleta, por meio de um suposto acordo entre as equipes. O gerente de futebol do Riograndense, Ramiro Guimarães, também foi em direção ao árbitro. Ele e o técnico alvirrubro bateram boca, enquanto os atletas trocaram empurrões. Ao fim do amistoso, o técnico o dirigente se abraçaram.

Figura 11 - Texto: "Futebol ficou em segundo plano"

Fonte: Diário de Santa Maria, 10 de fev. de 2014, p.14

Em relação às manifestações de agressividade, o DSM relata que a disputa de bola entre os atletas Willian Mendonça, do Riograndense, e Roger Bastos, do Inter-SM, “*gerou um princípio de confusão*”. Já as manifestações entre Badico e Ramiro Guimarães foram apresentadas da seguinte forma: “*Ele e o técnico alvirrubro bateram boca, enquanto os atletas trocaram empurrões*”. Com ações envolvendo atletas e dirigentes, o enunciador conseguiu obter figuras como “bateram boca”, “empurrões” e “confusão” para concretizar o que havia proposto no começo do seu texto quando apresentou o clássico 260 como um duelo em que o futebol ficou em segundo plano.

4.2.2 Segurança

Juntamente com a violência na cobertura extracampo do clássico Rio-Nal, a segurança também é um tema em destaque. Entendemos que a segurança no meio futebolístico só é tratada nos meios de comunicação por causa da violência. Os atos violentos, que ocorrem no futebol, levam clubes e meios de comunicação a pensarem sobre segurança.

Sobre o tema segurança, analisamos as matérias publicadas por AR e DSM no dia 02 de março de 2012, véspera do Clássico 254. Na ocasião, ambos os jornais impressos trouxeram as questões da segurança através de textos sobre reuniões do Batalhão de Operações Especiais (BOE) com os integrantes das torcidas organizadas de Riograndense e Inter-SM⁴⁵.

Com o título “*Segurança em pauta*”, o enunciador mostra ao enunciatório a preocupação que circunscreve o clássico Rio-Nal em relação a segurança. Para melhor caracterizar o tema, o enunciador utilizou-se de algumas figuras recorrentes quando o assunto é violência e/ou segurança. No caso do jornal, “Brigada Militar” (BM) é uma das figuras utilizadas para dar referência a questão de segurança. Foi utilizado cinco vezes o termo Brigada Militar durante a matéria, com o objetivo de enfatizar a importância e a preocupação com a segurança no clássico. A figura da BM aparece repetidas vezes para enfatizar e dar credibilidade ao texto do enunciador, que tenta passar ao seu enunciatório a questão de que a segurança preocupa e por isso é acionada uma organização como a BM.

⁴⁵ Há duas principais torcidas organizadas relacionadas a dupla Rio-Nal: a Ferroviários 78 representa o Riograndense, enquanto a Fanáticos da Baixada representa o Inter-SM.

Segurança em pauta

Batalhão de Operações da Brigada Militar informou a torcedores o que não pode entrar nos estádios

ORio-Nal 254 da história vai abrir a Série Interme-diária do futebol gaúcho domingo, e a expectativa é de que o estádio Presidente Vargas tenha casa cheia ou quase. Para isso, a Brigada Militar convocou as torcidas organizadas de Inter/SM e Riograndense, para uma reunião ontem, na sede BOE, mas apenas representantes colorados compareceram. Na pauta, não apenas orientações para o clássico, mas para todo o campeonato da Série B, abordando regras gerais de convivência e o que pode e o que não pode entrar no estádio.

O capitão da Brigada Militar Frank Hernani Schweinitz, fez o contato com os torcedores e res-salta a importância deste tipo de encontro para prevenir proble-mas. Já os integrantes da torcida organizada do Inter/SM Fanáticos da Baixada, Lucas Fitz, Luiz Gustavo dos Santos de Oliveira e Maurício de Souza Antunes, saíram satisfeitos do encontro. Eles conseguiram que a Brigada Militar liberasse o uso de uma fumaça colorida, que será libera-da quando o time da casa entrar em campo. O material, garan-tem, não é pirotécnico e nem tóxico.

Conforme Lucas Fitz, presi-dente da Fanáticos da Baixada, as informações do encontro se-rão repassadas para todos os 300 integrantes da organizada. Veja no quadro o que pode e o que não pode entrar nos estádios du-rante a Série B de 2012.

O que não pode entrar nos estádios

<ul style="list-style-type: none"> Guarda-chuvas ou sombrinhas com haste central de metal pontiagudo; Garrafas de vidro ou de plástico endurecido com ou sem tampa e latas de qualquer espécie; Pilhas sobressalentes; Tábuas, mastros em madeira ou metal independente de tamanho; Artefatos pirotécnicos (foguetes, sinalizadores de mão, fogos de artifício e qualquer tipo de material 	<ul style="list-style-type: none"> de queima); Bebidas alcoólicas de qualquer natureza, ainda que em copos de plásticos; Materiais não relacionados mas que, em razão de circunstâncias pontuais na data e horário do evento, discricionariamente tenham vedado seu acesso pelo policial militar comandante da Brigada Militar no respectivo jogo; <p style="text-align: right;"><i>Fonte: Brigada Militar</i></p>
---	---

Figura 12 - Texto: "Segurança em pauta"

Fonte: A Razão, 02 de março de 2012

Além de trazer o termo BM diversas vezes, o enunciador trouxe de forma indireta a presença do capitão da BM, em que sua opinião é integrada ao texto através do seguinte trecho: *“Ressalta a importância deste tipo de encontro para prevenir problemas”*. Com o trecho, o enunciador utiliza-se da voz de uma pessoa que ocupa um alto cargo dentro da corporação para abordar a temática e apresentar uma interpretação ao enunciatário. Através da figura “prevenir problemas”, o enunciador concretiza, mais uma vez, a importância de evitar que atos violentos aconteçam durante o Clássico 254. Ainda se utilizando de outras fontes para tratar a temática da segurança, o enunciador traz os integrantes da Fanáticos da Baixada, torcida organizada do Inter-SM e relata que eles *“sairam satisfeitos do encontro”* e que informações obtidas na reunião *“serão repassadas para todos os 300 integrantes da organizada”*, já que no encontro apenas três torcedores da Fanáticos compareceram e nenhum relacionado a torcida organizada do Riograndense. Com isso, o enunciador inseriu na construção de seu texto a fala indireta de um

dos integrantes do grupo envolvido na reunião que ressalta que as informações seriam repassadas para os demais, ou seja, a preocupação com a segurança do clássico se espalharia entre os torcedores.

A reunião, que teve como objetivo esclarecer alguns pontos para o clássico e para o restante da Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho, trouxe outras questões como “*regras gerais de convivência e o que pode e o que não pode entrar no estádio*”. Os itens do que pode, ou não, entrar no estádio foram informados ao fim do texto. Na lista guarda-chuvas, garrafas, tábuas, artefatos pirotécnicos são citados. Termos como “metal pontiagudo”, “vidro”, “mastros em madeira ou metal”, “material que queima”, caracterizam a preocupação da BM em relação ao bom andamento da partida. Essas características citadas dos materiais poderiam comprometer a segurança de todos os presentes no Estádio Presidente Vargas. São essas características que o enunciador utiliza como figuras para reafirmar sobre a preocupação com segurança do clássico.

O DSM também seguiu no mesmo viés do AR e trouxe em sua produção jornalística o título “*Foco na segurança*” (Figura 13) acompanhado da cartola com a seguinte frase: “*BOE orientou integrantes de torcida organizada para o clássico*”. Logo no início, pode-se analisar que o enunciador deixou claro o tema que seria abordado no texto ao utilizar-se do termo “foco”, o qual remete a algo que se encontra no centro. Juntando título e cartola é possível pegar figuras que concretizam a segurança como o próprio termo “foco”, além da sigla “BOE”, que remete a um grupo de pessoas que integram uma força especializada para combater possíveis atos violentos. Na cartola do texto, o enunciador faz a ligação entre BOE e integrantes de torcidas organizadas, as quais, muitas vezes são as causadoras de atos violentos. Aqui, o enunciador trata a reunião como uma orientação do BOE sobre medidas a serem tomadas pelas torcidas organizadas durante o clássico Rio-Nal para que diminua a chance da partida ser manchada por cenas de violência.

Nos primeiros parágrafos do texto, o enunciador apresenta mais uma vez ao enunciatário o que será tratado no decorrer do texto: a segurança. O primeiro parágrafo começa com “*a segurança nas arquibancadas [...] foi o assunto de uma reunião na sede do BOE*”, o que indicou uma medida de prevenção para o clássico Rio-Nal. Para dar credibilidade ao texto, o enunciador relata nomes de pessoas com altas patentes dentro do Batalhão de Forças Especiais, o qual remete-se que a reunião para combater a violência, teria sim, ocorrido com legitimidade. Para falar sobre a segurança, o enunciador escreve trechos como “normas de segurança estabelecidas”

e termos como “instruções”. No primeiro caso, o enunciador comunica ao enunciatário que há normas de segurança a serem seguidas dentro dos estádios e a reunião com o BOE ocorreu justamente para esclarecê-las e fazer com que os integrantes das torcidas sigam-nas. No quesito seguir normas, o termo “instrução” é referido durante o texto para levar ao enunciatário, mais uma vez, a ideia de como os torcedores devem agir antes, durante e após o clássico, passando assim um sentimento de possível segurança e paz nos estádios durante a partida do final de semana.

Foco na segurança

As torcidas devem levar os seus materiais para o estádio com duas horas de antecedência

A segurança nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, no Rio-Nal deste domingo, foi o assunto de uma reunião na sede do Batalhão de Operações Especiais (BOE) da Brigada Militar, ontem à tarde, em Santa Maria. No encontro, eram esperados representantes das torcidas organizadas de Riograndense e Inter-SM, mas apenas a Fanáticos da Baixada, do Inter-SM, participou da sessão de orientações do BOE.

Na reunião, o capitão Frank Hernani Schweinitz – também estiveram presentes o tenente-coronel João Ricardo Vargas e o capitão Cleberson Bastianello – deu instruções de como os torcedores, sejam eles integrantes de torcidas organizadas ou não, devem proceder para que o espetáculo ocorra dentro das normas de segurança estabelecidas. Uma lista dos materiais que podem e dos que não podem ser levados ao estádio foi divulgada aos torcedores (veja o quadro

PARA TORCER NO CLÁSSICO

Confira abaixo o que pode e o que não pode ser levado pelos torcedores ao Estádio Presidente Vargas no Rio-Nal de domingo

O que pode

- Instrumentos musicais de qualquer natureza;
- Papel picado em sacos de qualquer tamanho;
- Bandeiras com mastro/haste de PVC, tendo a haste, no máximo, 1m50cm de comprimento
- Faixas de pano e cartazes;
- Bandeirolas de qualquer natureza com mastro/haste de PVC, tendo a haste, no máximo, 2cm de diâmetro
- Outros materiais que não constam nesta lista podem ser liberados devido a circunstâncias pontuais

O que não pode

- Guarda-chuvas ou sombrinhas com haste central de metal pontiagudo;
- Garrafas de vidro ou garrafas de plástico endurecido com ou sem tampa, e latas de qualquer espécie;
- Pilhas de reserva (fora do radinho)
- Tábuas e mastros em madeira ou metal, de qualquer tamanho;
- Artefatos pirotécnicos (foguetes, sinalizadores de mão, fogos de artifício e afins);
- Bebidas alcoólicas de qualquer natureza, ainda que em copos plásticos;
- Armas de qualquer natureza;
- Outros materiais que não constam nesta lista podem ser vetados devido a circunstâncias pontuais

acima). E o que for permitido deve entrar na Baixada com duas horas de antecedência, por causa da revista.

– A gente já vem trabalhando em parceria com o BOE há bastante tem-

po. A gente quer paz, e a nossa guerra é na arquibancada, fazendo espetáculo – diz o presidente da Fanáticos da Baixada, Lucas Fitz Pereira, que participou da reunião com o BOE.

Figura 13 - Texto: "Foco na segurança"

Fonte: Diário de Santa Maria, 02 de março de 2012, p.14

Outro aspecto destacado durante o texto é a presença direta de um dos integrantes da Fanáticos da Baixada⁴⁶. O enunciador utiliza uma fonte primária, a qual está diretamente ligada com o tema proposto, para apresentar ao enunciatário mais figuras sobre a segurança. O seguinte trecho é relatado por Lucas Fitz Pereira, integrante da Fanáticos: *“A gente quer paz, e a nossa guerra é na arquibancada”*. As palavras do integrante da torcida organizada tentam evidenciar que a segurança é essencial para o clássico, já que ele ressalta que a *“guerra”*, termo bélico utilizado frequentemente no futebol, é apenas na arquibancada. Na frase, o termo guerra perde sua característica bélica, pois pode ser entendido como disputa entre as torcidas.

Para fechar a matéria do DSM, o enunciador traz algumas das possíveis instruções apresentadas na reunião entre BOE e integrantes da Fanáticos da Baixada. Foi criado um quadro com “o que pode” e o “o que não pode” ser levado no clássico. As instruções advêm de possíveis materiais que poderiam, ou não, interferir na segurança de torcedores e jogadores durante a partida. Para manter a segurança, o enunciador leva ao enunciatário alguns itens que caracterizariam uma ameaça a segurança de todos que comparecessem ao Estádio Presidente Vargas. O enunciador lista alguns objetos como guarda-chuvas, garrafas de vidro, tábuas, mastros, artefatos pirotécnicos e armas como itens proibidos de serem levados para dentro do estádio. Com a listagem é possível que o enunciatário entenda, de forma mais concreta, a preocupação com a segurança e o bom andamento do clássico 254.

Relacionado à violência e à segurança, constatamos que AR e DSM trouxeram figuras muito semelhantes para concretizar a temática. Num primeiro momento, com os textos relacionados à questão da violência, os dois jornais foram claros em relatar que o futebol ficou em segundo plano e os acontecimentos que marcaram a partida foram as confusões fora e dentro de campo. Já em relação à segurança, os jornais trazem a mesma questão e com títulos muito parecidos, que remetem a uma preocupação com a segurança. Os textos que foram publicados no mesmo dia relataram a reunião de integrantes das organizadas com a polícia e a listagem de objetos que foram proibidos de entrar ao estádio. Tanto o AR quanto DSM trouxeram as questões discutidas na reunião com a Brigada Militar, falas diretas ou indiretas de integrantes da corporação e da Fanáticos da Baixada como indícios de conversas e prevenções da violência para o Clássico 254.

⁴⁶ Na reunião os integrantes de torcidas do Riograndense não compareceram.

4.3 TORCIDA

Mostramos nos itens anteriores sobre estrutura e violência/segurança que o extracampo do clássico Rio-Nal está presente na cobertura esportiva realizadas pelos principais jornais de Santa Maria. Além dos temas já abordados, percebe-se que ambos os jornais também dão destaque aos torcedores de Santa Maria. Durante a análise separamos oito textos, os quais retratam de formas diferentes a temática da torcida. Na separação de subtemas, estabelecemos duas questões centrais: o torcedor como notícia e o apelo do jornal para com o torcedor santa-mariense.

4.3.1 Torcedor como notícia

No primeiro subtema relacionado a torcida, selecionamos quatro textos em que a torcida está presente no foco da informação. O objetivo é mostrar que a torcida também surge como elemento de informação ao fazerem festa durante a partida. Assim como a violência, a “não-violência” também vira atrativo. Para tratar do subtema Torcedor como notícia, analisamos o texto do AR, publicado no dia 02 de março de 2015 e três textos do DSM, publicados em 05 de março de 2012, 07 de maio de 2012 e 03 de março de 2015. Os textos de AR e DSM publicados em 2015 remetem a mesma partida: o Clássico 262⁴⁷. Na ocasião, foram escolhidos mais textos do DSM do que AR, pois o segundo jornal não tratou dessa temática na mesma proporção que o primeiro.

Para quem desconfiava sobre o público no clássico, uma grata surpresa. Os números extraoficiais apontam para cerca de 4 mil pessoas no jogo. Uma hora antes da partida, quem circulava pelos arredores da Baixada podia notar que era dia de jogo. Eram os dois times de Santa Maria abrindo suas participações na Divisão de Acesso e o clima de decisão parecia contagiar a todos, que se dirigiam aos portões de entrada.

Na torcida do Riograndense, lotação máxima. Mais de 600 pessoas. No restante do estádio, reservado aos Inter-SM, apenas pequenos espaços vazios e pessoas torcendo bastante, valorizando o futebol de Santa Maria. Desta feita quem saiu feliz e pode comemorar foi o torcedor alvirrubro. Do lado esmeraldino, preocupação pela atuação e pelo 3 a 0.

Figura 14 - Texto: "Inter-SM faz 3 a 0 no Rio-Nal"

Fonte: A Razão, 02 de março de 2013. Disponível em: <<https://www.arazao.com.br/noticia/66930/66930/>>. Acesso em 26 de nov. de 2015.

⁴⁷ Nessa ocasião, o texto do AR foi publicado no mesmo dia da partida na versão online do jornal, enquanto o texto do DSM foi retirado da versão impressa no dia anterior. Optou-se pelo texto online do AR por motivos de que ele não estava presente no arquivo físico da empresa nas vezes em que realizei a pesquisa de campo.

O texto do AR traz resumidamente após a crônica da partida, como foi o público no primeiro clássico de 2015 (Figura 14). O enunciador trata a presença e o bom número de público como uma “*grata surpresa*”, o que caracteriza um ar de pacificidade entre as torcidas de Riograndense e Inter-SM. Para mostrar ao enunciatário a questão da torcida, o enunciador utiliza o trecho “*o clima de decisão parecia contagiar a todos, que se dirigiam aos portões de entrada*” para tentar aproximar o enunciatário da sensação que foi presenciar um clássico onde desde o início da partida as torcidas já eram os destaques.

Ao construir o texto, o enunciador traz figuras que sustentam a temática da torcida no clássico. Utilizando-se de números, o enunciador relata que “*Na torcida do Riograndense, lotação máxima. Mais de 600 pessoas*” e que “*reservado ao Inter-SM, apenas pequenos espaços vazios*”. Os dois trechos, além de dar uma noção do público que compareceu ao clássico, torna mais claro ao enunciatário que a torcida realizou um grande espetáculo ao comparecerem ao jogo. Outras figuras como “*pessoas torcendo bastante*”, “*lotação máxima*” e “*pequenos espaços vazios*” são utilizadas pelo enunciador para caracterizar a torcida como um dos principais acontecimentos do Clássico 262.

Com a mesma ênfase, a de levar o torcedor de Santa Maria ao centro das atenções no clássico, o DSM, em sua matéria publicada no dia 03 de março de 2015, elabora o título “*Saldo Positivo no Rio-Nal*”, e um dos quesitos que contribuí para esse saldo foi a presença da torcida esmeraldina e alvirrubra.

Claro que a repercussão de uma goleada de 3 a 0 no clássico Rio-Nal soou muito melhor para o lado alvirrubro. Porém, há outros fatores a serem comemorados. Nas arquibancadas, os torcedores de Inter-SM e Riograndense souberam se comportar e proporcionaram uma bela festa no Estádio Presidente Vargas na tarde de domingo, no Rio-Nal de número 262.

Para o presidente do Inter-SM, Heriberto Marquette, o que precisa ser evidenciado, além do placar elástico dentro de campo, é a civilidade entre as torcidas:

– Ficamos felizes em não ter acontecido incidentes. Isso é o mais importante. Não adianta nada ganhar a partida e brigar dentro ou fora do estádio.

O gerente de futebol do Riograndense, Feliciano Corrêa, também elogiou a postura dos torcedores. Mas, para ele, é preciso destacar, ainda, o trio de arbitragem, que soube controlar a partida e expulsou dois jogadores – um de cada lado.

Figura 15 - Texto: "Saldo positivo no Rio-Nal"

Fonte: Diário de Santa Maria, 03 de março de 2015, p.12

No texto (Figura 15), o enunciador afirma brevemente a vitória de 3 a 0 do Inter-SM sobre o Riograndense e, na sequência, aponta a torcida como um dos fatores a serem comemorados no clássico. O tema torcida é representado quando o enunciador diz que *“há outros fatores a serem comemorados [...] nas arquibancadas, os torcedores de Inter-SM e Riograndense souberam se comportar e proporcionaram uma bela festa no Estádio Presidente Vargas”*. Aqui, destaca-se a utilização do termo “se comportar”, que indica a não-violência no clássico por parte das torcidas de ambos os clubes. Ao tratar da torcida como “souberam se comportar” e “proporcionaram uma bela festa”, o enunciador leva até o enunciatário as figuras necessárias para o entendimento do destaque das torcidas no Clássico 262.

Ainda na matéria publicada em relação ao Clássico 262, o DSM traz algumas questões que deram certo ou não, tanto no extracampo, quando dentro de campo. O destaque da torcida fica evidente ao ser escolhido para fazer parte do que deu certo no extracampo. No quadro abaixo, o enunciador traz que a *“civilidade entre torcedores de Inter-SM e Riograndense”* e o fato de que não haver *“incidentes entre os rivais dentro do estádio”*, foram questões a serem comemoradas e que deram certo no extracampo. Além disso, o “bonito espetáculo” é utilizado como figura para tratar sobre o tema torcedores e remete a ele valores como o bom comportamento, a civilidade, a não-violência e o respeito. Quando o enunciador trata da “não-violência” ao falar que não houve incidentes, é possível perceber que, algo que teria que ser a normalidade absoluta em jogos de futebol também acaba se tornando conteúdo noticioso. Rotular

a “não-violência” como algo que deu certo, permite pensar na real possibilidade dos atos de violência serem reduzidos ou até extintos.

EXTRACAMPO

Deu certo

- Civilidade entre torcedores de Inter-SM e Riograndense. Não houve incidentes entre os rivais dentro do estádio
- Um bonito espetáculo. O espaço destinado à torcida do Riograndense (650 ingressos) lotou. Do outro lado, os torcedores alvirrubros responderam no mesmo tom e apoiaram o time durante toda a partida
- Bom público no estádio. Segundo o presidente do Inter-SM, foram cerca de 4,5 mil torcedores. No entanto, a Brigada Militar informou um número de 3,5 mil pessoas. Não há dados oficiais sobre o público. De qualquer forma, para um dia em que também havia clássico Gre-Nal, o saldo foi positivo nas arquibancadas
- Bom número de policiais, cerca de 70, em diversos setores do estádio e também nas imediações da Avenida Liberdade e da Rua Ana Nery




Figura 16 - Texto: "Saldo positivo no Rio-Nal"
 Fonte: Diário de Santa Maria, 03 de março de 2015, p.12

Seguindo na análise do subtema em questão, analisamos mais dois textos publicados pelo DSM nos dias 05 de março de 2012 e 07 de maio de 2012⁴⁸. Em ambos os casos, observa-se que o enunciador traz claramente a torcida como ponto central da notícia (Figuras 17 e 18). Para caracterizar a temática da torcida, o enunciador apresenta ao enunciatário algumas figuras que concretizem a importância de quem foi aos clássicos 254 e 255.

⁴⁸ Nessas mesmas datas, o jornal A Razão optou pela cobertura tradicional do clássico, no qual não foi dado ênfase à torcida e aos torcedores.

Clássico de futebol é diferente de outros jogos, em qualquer lugar. É dia de a torcida jogar junto e apoiar o time contra o adversário. Quem diz isso são as irmãs Ingrid e Erica Toescher, de 75 e 73 anos, vizinhas do Estádio dos Eucaliptos, em Santa Maria, que acompanharam toda a movimentação do Rio-Nal, no sábado à tarde, da frente de casa.

– É alegre ver as torcidas chegando e saindo. Torcemos para o Riograndense, mas não gostamos de ir ver o jogo. Pelo rádio, é mais emocionante – afirmou Ingrid.

– Não temos mais idade para ir ao campo. Anos atrás não perdíamos uma partida. Inclusive éramos sócias do clube – completou Erica.

Elas viram, do muro de casa, os cerca de 5 mil torcedores chegando ao palco do clássico. Os torcedores do Inter-SM chegaram escoltados pela Brigada Militar (BM), pela Rua Mariazinha Domingues. Com um visível clima de confronto, as provocações eram inevitáveis. Os torcedores do Riograndense ingressavam no palco do clássico pela Alameda dos Fundadores.

Dentro do estádio, as torcidas Fanáticos da Baixada, do time de vermelho, e Ferroviários 78, dos donos da casa, trocavam farpas e faziam um desafio extracampo: o de quem cantava mais alto.

Na torcida colorada, vibrando com os lances da partida estavam o serviços gerais Paulo Rogério Rodrigues Costa, 41 anos, e o filho Paulo Rogério Rodrigues Costa Junior, 9.

– Sempre vamos juntos aos jogos. Hoje, viemos ajudar o nosso time mais uma vez – contou Costa.

– Vamos ganhar por 1 a 0, com gol do Vainer – apostou o pequeno.

Do outro lado, a torcida do Riograndense entoava gritos de guerra e vibrava a cada lance. Enrolados na bandeira do clube e aflitos até o final da partida, estavam o porteiro Almir de Souza, 50 anos, e a mulher Gládis, 48.

– Meu coração está a mil. Em dia de clássico, tudo é diferente. A emoção, dentro e fora de campo, é bem maior. Vamos fazer 3 a 1 para consagrar a vitória e a classificação – afirmou ele.

Figura 17 - Texto: "A torcida jogou junto"

Fonte: Diário de Santa Maria, 05 de março de 2012, p.13

Com o objetivo de ambientar o enunciário sobre a partida, a Figura 17 tratou essa caracterização do espaço da seguinte forma: *“Dentro do estádio, as torcidas Fanáticos da Baixada, do time vermelho, e Ferroviários 78, dos donos da casa, trocavam farpas e faziam um desafio extracampo: o de quem cantava mais alto”*. Nesse caso, o texto também retrata a ambientação do clássico, algo que aparece como figura para concretizar a temática da torcida.

O clima da torcida antes do início do Rio-Nal era quente. De um lado, torcedores fardados de vermelho incentivavam os jogadores do Inter-SM. Do outro, camisetas verde e branca dominavam o cenário da torcida do Riograndense. Apesar de ser um clássico, o ambiente entre as torcidas foi de festa. Faixas e tambores auxiliaram no grito de guerra das torcidas, que foi parelho entre os dois lados.

Teve quem apoiou o time do coração segurando as grades que separam o campo da torcida durante os mais de 90 minutos de bola rolando, como no caso da aposentada Norma Rolim, ex-presidente do clube. Aos 66 anos, ela se considera torcedora fanática do Periquito.

– Acompanho os jogos do Riograndense há mais de 13 anos. Assisto a todos em pé, segurando na tela, sem sentar nenhum minuto. Jogo junto com o meu time – afirmou, empolgada.

Um clássico como o Rio-Nal também é uma oportunidade de reunir a família em um estádio. Leonir Vedovato e a mulher, Vanilda, ambos com 40 anos, foram pela primeira vez ao estádio, e levaram a filha Julia Vedovato, 11 anos, para acompanhar a partida com eles.

– Viemos prestigiar os dois times da cidade. Tomara que possamos assistir a uma boa partida de futebol – destacou Leonir.

Sentado em um dos últimos degraus da arquibancada, Dejair Padilha, 54 anos, observava a movimentação do público como se estivesse conhecendo o estádio. Mas o funcionário municipal acompanha o Inter-SM há mais de 15 anos. Junto do filho Richard Fernandes, 18 anos, Padilha diz que a paixão pelo Colorado passa de geração em geração:

– Trouxe ele (Richard) pela primeira vez para assistir ao jogo comigo. Tomara que a gente saia do estádio com uma vitória.

Em campo, prevaleceu a igualdade no placar (veja na página 12).

Figura 18 - Texto: "Emoção também na torcida"

Fonte: Diário de Santa Maria, 07 de maio de 2012, p.13

Outro ponto que contribui para o tema em questão, é o fato de ambos os textos do DSM, publicados em ocasiões diferentes, utilizaram as vozes de torcedores que compareceram ao estádio. Utilizando-se do que Barbeiro e Rangel (2013) afirmam ser uma proximidade do enunciador com sua fonte, no caso o torcedor, ambos os textos trouxeram relatos de pessoas que acompanharam aos jogos nos estádios. Na Figura 18, o enunciador trouxe Norma Rolim e Dejair Padilha, torcedores de Riograndense e Inter-SM, respectivamente. Com apresentações marcantes para cada um deles, o enunciador aproxima o enunciatário do tema central do texto: o torcedor. Para apresentar Norma Rolim, o enunciador fala que *“teve quem apoiou o time do coração segurando as grades [...] durante os mais de 90 minutos”*, apresenta-se Djair da seguinte forma: *“o funcionário municipal acompanha o Inter-SM há mais de 15 anos [...] a paixão pelo Colorado*

passa de geração para geração”. Os trechos trazem uma carga emocional que caracteriza muito cada torcedor.

Já na Figura 17, torcedores também são ouvidos. Na ocasião, as irmãs Ingrid e Erica, por parte do Riograndense, e Paulo Rogério e Paulo Rogério Filho por parte do Inter-SM. Semelhante ao texto anterior, aqui o enunciador apresenta ambos com o objetivo de deixar claro o tema central da matéria. Para embasar sua temática, o enunciador usa como figura também questões que ambientam o enunciatário sobre a temática de torcida. As irmãs Ingrid e Erica dizem que “*é alegre ver as torcidas chegando e saindo*”, pois moram ao lado dos Eucaliptos. Elas ainda completam que não tem mais idade para irem aos jogos e afirmam que “*anos atrás não perdíamos uma partida. Inclusive éramos sócias do clube*”. Com os dois trechos oriundos de falas diretas das torcedoras, o enunciador traz novamente uma ambientação que figurativiza a temática de torcida. Assim como foi feito com as irmãs, Paulo Rogério e seu filho também são inseridos ao texto com citações diretas. Para tratar da presença de Paulo Rogério e seu filho, o enunciador traz as falas “*Hoje, viemos ajudar o nosso time mais uma vez*” e “*Meu coração está a mil. Em dia de clássico, tudo é diferente. A emoção dentro e fora de campo, é bem maior*”. A última frase é uma ambientação característica de torcedores em dia de jogos. As emoções são mais intensas, o que acaba servindo como figuras para caracterizar a temática de torcida. Neste caso, o “meu coração está a mil”⁴⁹ passa como uma figura de linguagem, utilizada frequentemente em textos esportivos para caracterizar uma forte emoção.

Assim, vimos que em ambos os textos do DSM, o enunciador traz alguns personagens para a construção da trama noticiosa. Consequentemente, dá credibilidade ao acontecimento. O uso de personagens é tratado por Peruzzolo (2010) como:

Um personagem é uma ficção, que é usada como estratégia por um enunciador para fazer andar a narrativa e veicular determinados valores. Os personagens são dotados de certo perfil, escolhido exatamente para acentuá-lo, no intuito de afirmar dado valor de um objeto e/ou uma subjetividade desejada. [...] De modo que ele não é já um nome, mas um discurso (Peruzzolo, 2010, p.106).

No presente tema, em um primeiro momento, a cobertura de AR e DSM trouxe torcida e torcedores como elementos positivos no clássico. O enunciatário tratou da “não-violência” e da boa presença de público nos jogos como um dos fatores noticiosos que construíram o relato. Já

⁴⁹ “Meu coração está a mil” refere-se a uma hipérbole, uma figura de linguagem classificada como figura de pensamento, que consiste em exagerar uma ideia com finalidade expressiva. É um exagero intencional na expressão. Disponível em <<http://www.significados.com.br/hiperbole/>>. Acessado em 25 de nov. de 2015.

em um segundo momento, nos textos do DSM, o enunciador trouxe a torcida representada por torcedores, os quais tiveram voz dentro da matéria. Para levar de melhor forma ao enunciatório a temática de torcida, o enunciador utilizou-se da ambientação do clássico pela visão de alguns personagens para também ambientar o enunciatório sobre o acontecimento.

4.3.2 Apelo ao torcedor santa-mariense

Além de trazer a torcida como foco central da notícia, os jornais de Santa Maria tentam fazer um apelo para que o torcedor santa-mariense frequente os jogos de Riograndense e Inter-SM. Nessa questão, ainda relacionada a temática de torcida, pegamos três textos que evidenciam um pouco essa preocupação dos jornais impressos para com os torcedores da cidade.

Para tentar levar o torcedor ao estádio, AR e DSM trouxeram a campanha “Viva o Clássico #Rio-Nal” em suas edições de 25 e 24 de fevereiro, respectivamente⁵⁰. Para complementar o apelo, o DSM ainda trouxe em suas edições de 28 de fevereiro e 1º de março os motivos pelos quais torcedores santa-marienses deveriam ou não torcer para os times da cidade.



UNIÃO FORA DE CAMPO

Associações de Inter-SM e Riograndense promovem campanha

Campanhas extracampo

Por iniciativa da Associação Avante Alvirrubro e da Diretoria Jovem do Riograndense, campanhas estão sendo feitas para fortalecer o clássico Rio-Nal.

Entre elas, no dia da partida, os jogadores alvirrubros vesti-

rão uma camiseta simbólica ao entrar no gramado, com a frase “Sou Alvirrubro e meu rival é Riograndense”. Da mesma forma, os atletas esmeraldinos vestirão camisetas, com a frase “Sou Esmeraldino e meu rival é Inter-SM”. Além disso, as ações previnem a violência entre torcedores.

Figura 19 - Texto: "É semana Rio-Nal"

Fonte: Diário de Santa Maria, 24 de fev. de 2015, p.12

⁵⁰ Foi utilizado a versão online do A Razão para tratar sobre a campanha do “Viva o Clássico #Rio-Nal” devido à falta de material físico arquivado na sede do jornal.

Por iniciativa conjunta entre a Associação Avante Alvirrubro, do Inter-SM e a Diretoria Jovem, do Riograndense, foi lançado o movimento "Viva o clássico Rio-Nal". A ação foi criada para mostrar que o clássico de Santa Maria é tão importante quanto o de Porto Alegre, ou qualquer outro. A ideia é incentivar o pessoal que torce para dupla grenal a se interessar pela dupla rional, tanto no dia do clássico santa-mariense, quanto no campeonato inteiro. Também está em pauta reforçar que o rival do Inter SM é o Riograndense e não o Grêmio e que o rival do Riograndense é o Inter-SM e não o Inter de Porto Alegre, para evitar brigas por questões que diz respeito à capital.

"É uma iniciativa de jovens que se preocupam com os clubes da cidade. Cada um defende o seu time, mas iniciamos essa campanha uma semana antes do jogo para mostrar que o santa-mariense pode ir ao estádio domingo, levar a família e escolher uma equipe para torcer. Independente da dupla Gre-Nal queremos o apoio da comunidade, escolhendo ou o alvirrubro, ou o esmeraldino. É uma maneira de tentar coibir a violência e deixar claro que a rivalidade existente é entre Inter-SM e Riograndense e não de terceiros, onde o pessoal se aproveita de um jogo pra trazer a rivalidade de Porto Alegre para o campo" explica Guilherme Bitencourt, presidente da Associação Avante Alvirrubro.

"As conversas começaram em dezembro, com apresentação do projeto, como seria viabilizado, quais ações seriam feitas e principalmente qual o objetivo de ambas as partes, que buscam o rejuvenescimento das torcidas. É uma colaboração entre as partes, não há uma parceria, e sim um acordo de como devemos alcançar o nosso público alvo. As duas torcidas acataram muito bem a nossa ideia", complementa José Jaci Scheffer Júnior, integrante da Diretoria Jovem do Riograndense. Na partida de domingo, os jogadores de Inter-SM e Riograndense entrarão com uma camisa especial representando a campanha "Viva o clássico Rio-Nal".



Figura 20 - Texto: "Torcidas unidas para o primeiro clássico do ano"

Fonte: A Razão, 25 de fev. de 2015. Disponível em: <<https://www.arazao.com.br/noticia/66798/66798/>>. Acesso em 26 de nov. de 2015.

Nos dois textos, os enunciadores tratam de um tema menor – o apelo dos meios de comunicação para que torcedores comparecessem ao estádio – que está inserido dentro da categoria proposta durante a pesquisa como torcida. No texto publicado na versão *online* do AR (Figura 20), nota-se que a frase inserida na imagem da campanha “*Apoie o clube da sua cidade*” procura estimular a aproximação da população santa-mariense com os times locais. Além de

utilizar como figura a imagem da campanha, o enunciador leva ao enunciatório algumas questões que concretizam a importância das pessoas comparecerem aos estádios de Santa Maria. O enunciador cita que *“a ação foi criada para mostrar que o clássico de Santa Maria é tão importante quanto o de Porto Alegre”* e a ideia é de *“incentivar o pessoal que torce para dupla grenal a se interessar pela dupla rional, tanto no dia do clássico santa-mariense, quanto no campeonato inteiro”*. Com as duas frases bem marcantes, o enunciador consegue figurativizar a temática tratada nesse subtema. Nesse caso, o meio de comunicação, atrelado a campanhas realizadas por Riograndense e Inter-SM, tentam aproximar a cidade de seus times e fazer com que eles alcancem no dia-a-dia a mesma importância que se dá a Grêmio e Internacional, ambos os times da capital gaúcha.

Além do uso de figuras, o enunciador procura tornar o texto credível com a inclusão de Guilherme Bitencourt, presidente da Associação Avante Alvirrubro e um dos idealizadores da campanha. Entre os trechos atribuídos à fonte, destacamos o seguinte:

É uma iniciativa de jovens que se preocupam com os clubes da cidade. [...] iniciamos essa campanha uma semana antes do jogo para mostrar que o santa-mariense pode ir ao estádio domingo, levar a família e escolher uma equipe para torcer.

Além de trazer a imagem da campanha com a frase *“apoie o clube da sua cidade”* e algumas questões que a contextualizem, o enunciador recorreu a uma fonte, a qual passa credibilidade ao enunciatório e que auxilia na figurativização da temática do apelo ao torcedor santa-mariense, a qual se insere em uma temática ainda mais ampla: a torcida.

Utilizando-se da mesma campanha, o DSM (Figura 19) também trouxe em uma de suas edições a campanha *“Viva o Clássico #RIONAL”*. Abordando de uma forma mais sucinta que AR, o DSM também trouxe a imagem da campanha com a frase *“apoie o clube da sua cidade”* como o elemento mais marcante. A principal frase da campanha serve, neste caso, para o enunciador levar ao enunciatório algum tipo de figura que transforme em concreto a temática apelo ao torcedor santa-mariense. O texto que contém poucos parágrafos, traz em seu início o objetivo da campanha: *“campanhas estão sendo feitas para fortalecer o clássico Rio-Nal”*. Assim, clubes, meios de comunicação e enunciadores, utilizam-se da campanha para chamar a atenção para o clássico santa-mariense. E tentar conscientizar os torcedores a respeito da importância do clássico.

Para fechar este subitem diretamente relacionado à torcida, apresenta-se um texto do DSM, publicado nas edições dos dias 28 de fevereiro e 1º de março de 2015, em que os enunciadores relataram a aproximação do início da Divisão de Acesso 2015. No material em questão, os enunciadores levaram ao enunciatório alguns motivos que faziam as pessoas torcerem ou não pelos times da cidade.

O texto em questão foi publicado no mesmo final de semana em que Riograndense e Inter-SM estrearam na Divisão de Acesso (Figura 21). Com figuras como *“despertar a paixão dos torcedores”*, *“por que Santa Maria não dá um voto de confiança e torce para Inter-SM e Riograndense?”* e *“é tão legal ver que podemos acompanhar a um bom jogo de futebol também no interior”*, o enunciador tentou evidenciar de diferentes formas a importância de um apoio aos times locais por parte do torcedor santa-mariense.

Com o título *“Vai, Santa Maria!”*, o enunciador procura enfatizar a importância dos dois times da cidade, já que ambos são os únicos representantes de Santa Maria na segunda divisão do campeonato gaúcho. Assim, o enunciador recorre ao título para dar uma primeira impressão do apelo que trará durante o restante do texto. O enunciador apresenta em seu texto possíveis motivos, os quais teriam afastado os torcedores das arquibancadas da cidade: *“erros de gestões passadas, falta de planejamento a longo prazo e equipes sem identificação”*. Motivos como os apresentados, segundo ele, causaram um *“distanciamento da população da cidade com o futebol local”*. Depois de trazer possíveis motivos para a falta de identidade do torcedor santa-mariense com os clubes, o enunciador aciona diversas fontes – pessoas envolvidas com o futebol local – que possam auxiliar no processo interpretativo do enunciatório acerca das razões de Santa Maria torcer ou não para a dupla Rio-Nal (Anexos A e B).

Vai, Santa Maria!

Apesar de antigos problemas, há bons motivos para torcer pela dupla

PEDRO PAVAN

pedro.pavan@diariosm.com.br

Esta é a história de uma cidade com 300 mil habitantes e que vive a expectativa de ter um time que consiga despertar a paixão dos torcedores. Um clube é centenário e o outro bate a casa dos 90 anos. Mas as dificuldades impostas ao longo do tempo estagnaram o processo de evolução. Aos poucos, eles até tentam organizar as casas. Porém, a dura realidade frustra os entusiastas do esporte. A última participação de um time de Santa Maria na

Série A do Gauchão foi há quatro anos, em 2011. De lá para cá, a dupla Rio-Nal acumula decepções. Erros de gestões passadas, falta de planejamento a longo prazo e equipes sem identificação vêm afastando os torcedores das arquibancadas. E o que se observa é um distanciamento da população da cidade com o futebol local. Mas por que Santa Maria não dá um voto de confiança e torce para Inter-SM e Riograndense? E por que deveria torcer? É o que vamos responder nesta reportagem, no fim de semana da estreia dos clubes na Divisão de Acesso 2015, justamente em um clássico Rio-Nal.

Figura 21 - Texto: "Vai, Santa Maria!"

Fonte: Diário de Santa Maria, 28 de fev. e 1º de março de 2015, p.18-19

O enunciador utiliza como fonte oito personagens, que respondem a duas questões: “*Por que Santa Maria não torce para a dupla Rio-Nal?*” e “*Por que Santa Maria deveria torcer para a dupla Rio-Nal?*”. Na tabela abaixo, escolhemos os principais trechos de respostas dos oito especialistas em relação as perguntas realizadas pelo enunciador que serviram como figuras na temática torcida.

Quadro 2: Falas de especialistas utilizadas pelo enunciador

ESPECIALISTAS	Por que não torce?	Por que deveria torcer?
Cristiel Gasparetto, editor de esportes do Diário Gaúcho	“Também contribui para um público pequeno, a qualidade dos times. Quando as equipes estão fortes, a torcida comparece”	“Santa Maria deveria torcer para a dupla Rio-Nal para que os times se solidifiquem e levem o nome da cidade para todos os cantos do país”
Diogo Viedo, editor do Portal EsporteSUL	“Notamos que os próprios santamarienses torcem para a dupla mais famosa da Capital”	“É importante para a economia na cidade. Mesmo quem não gosta de futebol, é um meio onde também se gera a economia. [...] Toda a economia gira. O futebol movimenta muito mais do que um jogo nas quatro linhas”

Fernando Ramos, editor de fotografia do Diário	“Em Santa Maria, que não tem grandes empresas, a dupla Rio-Nal se distanciou da dupla Ca-Ju, em Caxias e dos times de Pelotas”	“Tem que acreditar no time e ir ao estádio. Começar a criar essa cultura de ir ao estádio para que o time se sustente e se mantenha”
Gilson Piber, comentarista da Guarathan e professor de jornalismo da Unifra	“O apelo sobre a dupla Gre-Nal é muito grande. [...] Outro aspecto é a categoria de base. Falta ainda identidade dos jogadores com o próprio clube”	“O futebol profissional valoriza a cidade. Você estar na elite, significa uma verba maior. [...] Uma cidade universitária, com base na prestação de serviços, que tem muito a crescer e a oferecer”
Lucianinho Périco, repórter e apresentador da Rádio Gaúcha	“Santa Maria acaba tendo essa força da dupla Gre-Nal. [...] Claro que, também não estão em um bom momento. E isso faz com que as marcas da dupla Gre-Nal se sobressaíam”	“[...] as pessoas deveriam, naturalmente, apoiar os times da sua cidade. Pode torcer para Grêmio e Inter, mas apoie o time da sua cidade. Criar um vínculo local. Santa Maria precisa dar esse passo à frente e dar carinho aos clubes locais”
Marion Mello, narrador esportivo e apresentador de TV	“A relação passa pela família [...] pelo pai que incentiva seus filhos [...] a torcer por Grêmio e Inter, deixando a dupla Rio-Nal em um segundo plano”	“Temos a obrigação de torcer para a dupla Rio-Nal, na medida em que houver uma conscientização de que a nossa cidade tem potencial para ter um time na divisão especial. [...] temos que incentivar a formação de atletas nas categorias de base, [...] criando uma paixão dos atletas em vestir a camiseta do time e o orgulho de representa-lo”
Nilo de Oliveira, gestor técnico de futebol	“O problema maior é a questão de gestão, que não é voltada para o cliente, o torcedor. [...] péssimas instalações e não participam das diretorias”	“A partir do momento que o torcedor se tornar cliente, ele terá benefícios. [...] o aspecto social é importante também. Essa interação é o que está faltando”
Viviana Fronza, coordenadora de jornalismo da Rádio Gaúcha SM	“As pessoas se questionam até hoje se o clube teria condições de montar uma boa equipe ou se ia ter saúde financeira para movimentar os times o ano inteiro”	“O Inter-SM e Riograndense tendo mais sócios, com certeza teriam mais dinheiro e condições melhores de formar boas equipes. [...] a importância de se ter torcida nos estádios e eles acreditarem que os clubes têm condições de irem adiante é que vamos conseguir mostrar um pouco mais a cidade.”

Fonte: Elaborado pelo autor

Como dissemos em outra oportunidade, as fontes são utilizadas pelo enunciador na tentativa de dar credibilidade ao texto, nota-se que diversos motivos foram levantados para tentar aproximar os santa-marienses da dupla Rio-Nal.

Mesmo que suficiente, o enunciador traz, além dos especialistas, a visão dele e/ou do DSM sobre as questões que fazem Santa Maria torcer (ou não) para os times locais (Figura 22). Tópicos como “falta de credibilidade”, “aprender com o passado”, “valorização do torcedor” e “voto de confiança à dupla” são abordados pelo jornal.

Falta de credibilidade

■ As teorias para o fracasso e a fórmula para reverter a situação são várias e, no discurso, até parecem fáceis de ser executadas. Mas não são. Contudo, há um fator que precisa ser entendido: não se faz futebol sem torcida. O ego de dirigentes, muitas vezes, é colocado à frente das próprias agremiações, o que atrapalha o processo. Falta ainda uma identidade e um histórico de conquistas que possam ser passados por gerações. Além disso, episódios como o que aconteceu na sexta, com a dispensa de três jogadores no Riograndense, às vésperas do clássico Rio-Nal, que se repetem ano a ano, vão minando a credibilidade dos clubes.

Aprender com o passado

■ Quem viveu as décadas de 80 ou 90 lembra com orgulho das equipes do Inter-SM que empolgavam os torcedores e traziam grandes clubes à cidade, como o Vasco da Gama, em 1982.

■ Para o coordenador da Clínica de Finanças da Unifra, Alexandre Reis, a importância de um clube em campeonatos de maior visibilidade gera um efeito cascata na economia.
– Teve um jogo entre o Inter-SM e o Inter de Porto Alegre em Santa Maria. No ponto de vista econômico, a cidade ficou na expectativa de ver o time campeão do mundo. Os restaurantes fizeram promoção. Levantou a cidade e gerou um impacto no comércio, mas, principalmente na área alimentícia – explica Reis.

Valorização do torcedor

■ Muito se ouve falar que, em Santa Maria, falta gestão aos clubes. Mas o que implica isso, na prática? Segundo o gestor técnico Nilo de Oliveira, o torcedor precisa sentir-se valorizado. Para ele, faltam estratégias inovadoras para angariar novos sócios e torcedores.

Voto de confiança à dupla

■ Seria muito mais cômodo ficar em casa, à espera de um clássico Rio-Nal na televisão do que ir ao estádio torcer para Inter-SM e Riograndense. Mas é tão legal ver que podemos acompanhar a um bom jogo de futebol também no Interior. E, há, sim, competitividade e rivalidade fora da Capital. É um voto de confiança que precisa ser depositado se quisermos, um dia, ver grandes espetáculos de porte.

Figura 22 - Texto: "Vai, Santa Maria!"

Fonte: Diário de Santa Maria, 28 de fev. e 1º de março de 2015, p.18-19

No primeiro tópico, o enunciador caracteriza o apelo com o trecho *“falta ainda uma identidade e um histórico de conquistas que possam ser passados por gerações [...] quem viveu a década de 80 ou 90 lembra com orgulho das equipes do Inter-SM que empolgaram os torcedores e traziam grandes clubes à cidade”*. Com isso, o enunciador figurativiza o pouco apoio pela falta de conquistas dos clubes da cidade e partindo de uma hipótese de que os torcedores santa-marienses apoiariam o futebol local caso títulos importantes e bons resultados fossem conquistados. Da mesma forma, a vinda de boas equipes para a cidade seria o resultado de boas campanhas dentro de campo. Com a vinda de times grandes à cidade, a torcida compareceria aos estádios com maior frequência. Ao comunicar que é *“tão legal ver que podemos acompanhar a*

um bom jogo de futebol no interior. E, há, sim, competitividade e rivalidade fora da Capital”, o enunciador reitera questões já abordadas pelos especialistas. Neste caso, o enunciador retrata o apelo para que torcedores locais torçam não só pelos times de Porto Alegre (Grêmio e Internacional), mas também por Riograndense e Inter-SM. Segundo ele, seria um voto de confiança aos times da cidade.

Dois vieses foram observados na cobertura dos jornais santa-marienses acerca da categoria de análise de torcida: o torcedor como notícia e o apelo ao torcedor santa-mariense, retratado por AR e DSM. Apesar da torcida ser tema em ambos os veículos da cidade, o DSM é aquele que mais trabalha o aspecto da torcida com sete matérias contra duas da AR. Em relação ao apelo ao torcedor santa-mariense, a AR foi mais abrangente ao tratar da campanha “Viva o clássico #RIONAL”, quando levou ao enunciatário mais detalhes dessa iniciativa que visava a aproximação da população com o clássico Rio-Nal. Com poucos detalhes em relação a campanha, o DSM se destacou na abertura da Divisão de Acesso 2015, quando trouxe ao seu enunciatário algumas questões pertinentes, as quais evidenciavam alguns possíveis motivos que faziam Santa Maria torcer (ou não) para a dupla Rio-Nal.

4.4 CLÁSSICOS TEMÁTICOS

Quando abordamos a linguagem do jornalismo esportivo, afirmamos que é comum o uso de linguagem oriundas de outros campos para informar o leitor. Nesse quesito, observamos que a mídia santa-mariense aproveita essa linguagem para apresentar o clássico da cidade. Algumas datas como carnaval, páscoa e semana farroupilha, foram trabalhadas no clássico desde 2012 e levadas ao enunciatário como pertencente ao clássico.

Utilizou-se “clássicos temáticos” pois observou-se que alguns clássicos eram pautados pela imprensa devido a proximidades de datas comemorativas. Nessa categoria, escolhemos analisar o Rio-Nal Farroupilha⁵¹. O clássico foi assim denominado pelo DSM pelo fato de após

⁵¹ Os meios de comunicação atrelam as datas comemorativas como uma oportunidade de relacioná-las em seus textos voltados ao esporte. Além do “Clássico Farroupilha”, o Diário de Santa Maria trouxe nas edições de 03 de março de 2014 o texto relacionado com o Carnaval. Enquanto na edição dos dias 04 e 05 de abril de 2015 a festividade presente foi a Páscoa.

sete anos o principal clássico da cidade ser realizado em setembro, mês que o Rio Grande do Sul celebra a Revolução Farroupilha⁵².

É o Rio-Nal farroupilha

O clássico 257, às 20h de hoje, no Estádio Presidente Vargas, marca o fim de uma espera de sete anos. Foi por esse tempo que as tradicionais equipes da cidade não se enfrentavam em uma competição oficial, no mês de setembro, dando margem a um “Rio-Nal Farroupilha”. O encontro desta noite tem contornos de revolução mesmo: uma vitória, seja de quem for, vai refletir na vida dos dois times na Copinha.

Como precisa vencer para seguir com chances de classificação, o Inter-SM não pode adiar a primeira vitória na competição. Lanterna, com apenas um ponto, o time do técnico Betinho quer aproveitar para repetir o clássico do dia 20 de setembro de 2005, data do último clássico por uma competição estadual no mês farroupilha. Naquele jogo, o Inter-SM venceu por 2 a 0 (gols de Anderson Cebola e Elivelton), nos Eucaliptos, pela Copa RS.

– A gente pode apresentar algumas surpresas. A partida vai ter peleia sim e tem cara de Revolução Farroupilha para nós. Tomara que a bravura do gaúcho esteja do lado da gente – afirma o treinador do Inter-SM, Betinho, que diz cultuar as tradições gaúchas, principalmente a música regionalista, e que não terá o zagueiro Betão.

Da mesma forma, o Riograndense quer a vitória esta noite para se firmar na sexta colocação, encaminhando uma chance de passar à segunda fase, e afastando o rival da vaga.

– Não tenho dúvida que vai ser um clássico de peleia. Para nós, e muito mais para eles. É um jogo que encaminha classificação ou a luta pela vaga até o fim dessa fase – admite o técnico do Riograndense, Cirio Quadros, que participa da roda de chimarrão com os jogadores no vestiário, e que terá o homem Rio-Nal, Tiago Duarte, entre os titulares.

Os dois comandantes não revelam a estratégia para o clássico. Uma arma invisível, porém, importante para ganhar a batalha que será o “Rio-Nal Farroupilha”, desta noite.

Figura 23 - "Texto: É o Rio-Nal Farroupilha"

Fonte: Diário de Santa Maria, 12 de set. de 2014, p.14

O material referente ao clássico farroupilha foi publicado pelo DSM no dia 12 de setembro de 2012, justamente na quarta-feira em que foi realizada a partida (Figura 23). O primeiro ponto que chama atenção é o título da matéria, denominada: “*É o Rio-Nal farroupilha*”. Isso mostra, desde então, que o veículo de comunicação está rotulando a partida de acordo com a data comemorativa, a qual possui grande importância para os gaúchos. Durante o andamento do

⁵² Mais detalhes sobre a Revolução Farroupilha. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/historia/fundamentos/foi-revolucao-farroupilha-nao-deu-certo-499563.shtml>>. Acesso em 03 de novembro de 2015.

texto, vimos o enunciador tratar a partida com a utilização de algumas alegorias. A alegoria é conceituada da seguinte forma por Peruzzolo (2015, p.214):

tem uma estrutura significativa que pode ser resumida assim – o que é dito diz outra coisa -, de tal modo que ela é um discurso que se desenvolve sobre dois textos, que mantêm vínculos semânticos entre si pelo mesmo fundamento narrativo. Os textos alegóricos revelam de modo mais claro a constituição polifônica do discurso, a sua dependência intertextual.

A questão da alegoria pode ser encontrada no texto em algumas ocasiões. Na primeira, quando o jornalista fala que *“o encontro dessa noite tem contornos de revolução mesmo”*, ele traz as mudanças que aconteceram na Revolução Farroupilha para o âmbito do futebol. No caso do clássico, a vitória seria importante para os dois clubes, os quais disputavam a primeira fase da Copa Hélio Dourado e buscavam a classificação para a fase seguinte⁵³.

Ainda referente a alegorias implicadas no texto, o enunciador utiliza em um determinado momento outros aspectos da revolução para caracterizar a partida: *“Os dois comandantes não revelam a estratégia para o clássico. Uma arma invisível, porém, importante para ganhar a batalha que será o “Rio-Nal Farroupilha” desta noite”*. No trecho citado, alguns termos bélicos são utilizados, como é de costume na linguagem do futebol. Temos como “comandante”, “estratégia”, “arma invisível” e “batalha” são referidos a situações do futebol. Comandante é direcionado aos técnicos, enquanto estratégia subentende-se que se refira as questões de formação e jogadores que deverão entrar em campo. Já o termo arma invisível, traz à tona as surpresas que os técnicos podem apresentar para ganharem a batalha, termo utilizado com frequência no campo esportivo para caracterizar a partida de futebol.

Ao utilizar a fala de alguma fonte, o enunciador tenta sustentar a sua temática ao comunica-la ao enunciatário. Nesse caso, Betinho é quem surge primeiro como fonte primária. Em sua fala, o técnico do Inter-SM entra na temática do Rio-Nal Farroupilha ao responder: *“A partida vai ter peleia sim e tem cara de Revolução Farroupilha para nós. Tomara que a bravura do gaúcho esteja do lado da gente”*. Com a utilização das palavras “peleia”, “Revolução Farroupilha” e “bravura”, nota-se que a fonte foi induzida e pré-disposta a dar seu depoimento sobre o clássico a partir do olhar Rio-Nal Farroupilha, assim como no caso de Cirio Quadros, segunda fonte primária com voz ativa dentro do texto. O técnico do Riograndense ressalta no

⁵³ Na Copa FGF de 2012, denominada como “Copa Hélio Dourado”, o Inter-SM foi eliminado na primeira fase, acabando na sétima colocação da Chave 2. O Riograndense foi eliminado nas oitavas de final pelo Internacional de Porto Alegre.

começo de sua fala que “*Não tenho dúvida que vai ser um clássico de peleia*”. Novamente o termo “peleia” é trazido no depoimento da fonte⁵⁴. Assim, notou-se mais uma vez uma possível indução do enunciador sobre a fonte para que também se refira à partida como Rio-Nal Farroupilha e trouxesse em sua fala adjetivos que evidenciassem e confirmassem essa temática.

Portanto, é possível dizer que ao tratar de “clássicos temáticos”, o Diário de Santa Maria trouxe características relacionadas ao momento histórico do Rio Grande do Sul para o ambiente futebolístico. Conseguiu levar ao enunciatário alguns termos bélicos como comandante, estratégia, arma, batalha, peleia e levá-los a cobertura esportiva. Já o jornal A Razão não se utilizou da temática sobre a Semana Farroupilha para construir seus textos na semana que antecipou o Clássico 257, preferindo seguir sua produção com a forma tradicional dos fatos.

Durante a análise dos quatro temas, observa-se que os enunciadores utilizaram algumas frases para tratarem de questões de estrutura, violência/segurança, torcida e clássicos temáticos. Para isso, elaboramos um quadro que destacam algumas das frases que caracterizaram os temas e sub-temas analisados:

Quadro 3 – Principais frases das temáticas abordadas

Temas	A Razão	Diário de Santa Maria
Estrutura	<p>“Um defeito numa das torres de iluminação do Estádio Presidente Vargas forçou a direção do Inter/SM a alterar o horário do clássico Rio-Nal”</p> <p>“Nenhum dos estádios de Santa Maria está apto para recebê-lo (o clássico). A baixada (Presidente Vargas) ainda aguarda a vistoria definitiva do Corpo de Bombeiros e, depois, da Brigada Militar. Já o Estádio dos Eucaliptos, do Riograndense, reprovado na inspeção, espera pela resposta do seu projeto de adequações à Resolução Técnica 017 de 2012”</p> <p>“Um ponto de alagamento localizado à direita do gramado,</p>	<p>“O horário da partida foi revisto e mudou em função de problemas na iluminação do Estádio Presidente Vargas”</p> <p>“Teve balde, rodo e até colchão”</p> <p>“O jogo atrasou 45 minutos para começar em função do problema na drenagem, ou da falta dela, do gramado”</p>

⁵⁴ No Rio Grande do Sul, *peleia* refere-se a briga - com ou sem armas. O termo *peleia* também é significado de batalha entre forças oponentes.

	<p>próximo a linha lateral, onde ocorre um dos assistentes, fez com que a partida atrasasse em 50 minutos [...] Em dias de chuva é comum que a linha lateral do gramado dos Eucaliptos seja sobreposta pela água e o assistente tenha dificuldades em andar por ali”</p>	
Violência/Segurança	<p>“Sobrou confusão e faltou futebol”</p> <p>“Com 15 minutos, um torcedor do Inter/SM jogou um rojão na área do Riograndense e o jogo parou de novo”</p> <p>“O clima nervoso de antes da partida se refletiu no gramado”</p> <p>“O capitão da brigada militar Frank Hernani Schweinitz, fez o contato com os torcedores e ressalta a importância deste tipo de encontro para prevenir problemas”</p> <p>“Na pauta, não apenas orientações para o clássico, mas para todo o campeonato da Série B, abordando regras gerais de convivência e o que pode e o que não pode entrar no estádio”</p>	<p>“Amistoso de sábado não teve gols e ficou marcado por confusões”</p> <p>“De pouca qualidade técnica, Riograndense e Inter-SM protagonizaram um jogo sem gols, mas com vários incidentes”</p> <p>“A delegação do Inter-SM teve seu ônibus atingido por um objeto na chegada ao Estádio dos Eucaliptos”</p> <p>“O amistoso ficou parado por cerca de dois minutos após um rojão ser arremessado para o campo pela torcida do Inter-SM”</p> <p>“BOE orientou integrantes de torcida organizada para o clássico”</p> <p>“A segurança nas arquibancadas (...) foi o assunto de uma reunião na sede do BOE”</p>
Torcida	<p>“Para quem desconfiava sobre o público no clássico, uma grata surpresa [...] o clima de decisão parecia contagiar a todos, que se dirigiam aos portões de entrada”</p> <p>“A ideia é incentivar o pessoal que torce para a dupla grenal a se interessar pela dupla rional, tanto no dia do clássico santa-mariense, quanto no campeonato inteiro”</p>	<p>“Há outros fatores a serem comemorados [...] nas arquibancadas, os torcedores de Inter-SM e Riograndense souberam se comportar e proporcionaram uma bela festa no Estádio Presidente Vargas”</p> <p>“Dentro do estádio, as torcidas Fanáticos da Baixada, do time vermelho, e Ferroviários 78, dos donos da casa, trocavam farpas e faziam um desafio extracampo: o de quem cantava mais alto”</p> <p>“Por iniciativa da Associação Avante Alvirrubro e da Diretoria Jovem do Riograndense, campanhas estão sendo feitas para fortalecer o clássico Rio-Nal”</p>

Clássicos Temáticos		<p>“O entorno dessa noite tem contornos de revolução mesmo”</p> <p>“Os dois comandantes não revelam a estratégia para o clássico. Uma arma invisível, porém, importante para ganhar a batalha que será o Rio-Nal Farroupilha”</p> <p>“A partida vai ter peleia sim e tem cara de Revolução Farroupilha para nós. Tomara que a bravura do gaúcho esteja do lado da gente”</p>
----------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao tratar de temas abstratos como estrutura, violência/segurança, torcida e clássicos temáticos, o enunciador fez uso de figuras para dar credibilidade do seu texto ao enunciatário. No caso da estrutura o enunciador trouxe questões de problemas em torres de energia, falta de vistoria nos estádios e problemas na drenagem que impossibilitaram a água de escoar do gramado. Envolvendo o tema violência/segurança, confusão, torcedor atirando rojão para o campo, delegação do Inter-SM tendo seu ônibus apedrejado e reuniões com a BOE serviram para concretizar a temática ao enunciatário. Por parte da torcida, figuras como a festa das torcidas, os não incidentes no clássico e a campanha feita pelos clubes, fizeram que a torcida e o apelo feito pelos jornais fossem ilustrado por AR e DSM. Já o tema clássicos temáticos foi abordado por figuras diretamente ligadas à Revolução Farroupilha, como o próprio termo revolução, além de estratégia, batalha, peleia e bravura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender a cobertura extracampo dos dois principais jornais impressos de Santa Maria: A Razão e Diário de Santa Maria. Com a análise de matérias publicadas sobre os clássicos entre Riograndense e Inter-SM de 2012 a 2015, buscou-se possíveis temáticas que fugissem da questão dentro de campo. Após a pesquisa, observou-se que ambos os veículos de comunicação analisados não se limitam apenas à cobertura de treinos, prováveis escalafões e crônicas esportivas.

Para respondermos a estas questões, dividimos o trabalho de modo que, no primeiro capítulo, tratássemos de questões diretamente ligadas ao surgimento do futebol, sua chegada ao Brasil, a identidade do brasileiro com o esporte e como ele se assumiu um caráter de negócio e espetáculo. As questões foram abordadas para tentarmos entender um pouco mais sobre a importância do futebol na sociedade atual e os motivos que o levaram a se tornar uma paixão nacional. Apresentamos ainda alguns trabalhos acadêmicos pertinentes aos assuntos tratados no trabalho em questão.

No capítulo seguinte trouxemos questões sobre o jornalismo esportivo, sua linguagem específica e sobre os valores-notícia e critérios de noticiabilidade. Estas questões foram tratadas para refletirmos sobre os espaços do esporte e da cobertura dentro do jornalismo, dentre eles, os motivos que levam o clássico Rio-Nal a ser noticiado por AR e DSM. Ainda no segundo capítulo, mostramos uma breve história dos meios de comunicação santa-marienses, além dos times envolvidos na análise – Riograndense e Inter-SM – além da história do clássico.

No terceiro capítulo, mostramos os caminhos metodológicos que conduziram a pesquisa e a definição dos mesmos. No último capítulo, realizou-se a análise do *corpus* e a escolha das temáticas extracampo presentes na cobertura midiática de AR e DSM. A partir de análises, foram definidas quatro categorias: estrutura, violência/segurança, torcida e clássicos temáticos. Em questão, os quatro temas baseiam-se em questões extracampo do clássico Rio-Nal.

Após estas considerações mais gerais, podemos entrar em algumas questões mais específicas obtidas durante a pesquisa. Com um total de 19 matérias inseridas em quatro categorias de análise, constatamos algumas semelhanças e diferenças entre os jornais. Na questão de estrutura, três aspectos foram tratados pelos jornais: falta de luz, vistoria e campo em más condições. Os três itens foram publicados pelos jornais em algum momento. A falta de luz e o campo em más condições foram retratadas de uma maneira muito semelhante por AR e DSM. Com seções mais específicas após o jogo e dois dias da realização do mesmo, o DSM tentou mostrar com mais clareza os motivos das más condições. A vistoria, item que fez um dos clássicos ser transferido, foi tratada em cinco e oito matérias de AR e DSM, respectivamente. A tratativa foi semelhante, quando os jornais trouxeram as questões das reuniões do Corpo de Bombeiros e Brigada Militar. Assim, como nas más condições do gramado, o DSM esclareceu os detalhes e trouxe dados sobre as resoluções utilizadas nas vistorias.

Outra categoria analisada foi a da violência/segurança, a qual foi a que mostrou maior semelhança na cobertura entre os dois jornais impressos. No item violência, o Rio-Nal 260, partida que teve inúmeros incidentes, foi tratado de forma semelhante. Na ocasião, ambos os jornais deixaram o futebol de lado para abordarem as questões extracampo que atrapalharam o andamento da partida, como ônibus da delegação do Inter-SM apedrejado antes do jogo, torcedor atirando objeto no gramado e discussões entre jogadores e dirigentes. Com a mesma semelhança de cobertura, o item segurança foi abordado por ambos em reuniões envolvendo torcedores organizados com a Brigada Militar.

Nas temáticas de torcida e clássicos temáticos diferenças entre A Razão e Diário de Santa Maria são mais notáveis. A temática torcida foi dividida em dois itens: torcida como notícia e apelo ao torcedor santa-mariense. No primeiro caso, AR abordou discretamente o torcedor como centro das atenções, enquanto o DSM levou a torcida como destaque em algumas oportunidades, nas quais o torcedor teve voz ativa dentro do texto. No caso do outro item envolvendo a torcida, AR e DSM falaram da campanha “Viva o Clássico #Rio-Nal”, com uma preocupação maior dada pelo AR, que abordou os motivos da campanha e a voz de seus idealizadores. Ainda no apelo, o DSM trouxe uma matéria no começo da Divisão de Acesso 2015 sobre os motivos que levam a cidade a torcer para a dupla Rio-Nal e os motivos pelos quais a cidade não torce. Para ilustrar a matéria, diversos especialistas foram utilizados pelo enunciador numa tentativa de dar

credibilidade aos textos, o qual mostrou, pelo menos nesta matéria, a importância que o jornal teve em aproximar o torcedor santa-mariense aos clubes locais.

Na última temática, a diferença foi a de maior expressão. Nos clássicos temáticos, o DSM falou da Semana Farroupilha como uma alegoria do texto que abordou o clássico Rio-Nal. Diferente da AR, que em nenhum momento utilizou-se dessa linguagem para anteceder um clássico. Observamos que tal atitude se dá pelo fato do DSM ser um jornal mais novo, o qual se utiliza das novas tendências com maior facilidade. Enquanto o AR, um dos jornais mais antigos da cidade, opta pelo texto mais tradicional, relatando de forma sucinta, o clássico entre Riograndense e Inter-SM.

Todas as questões apresentadas nos ajudaram a compreender que além da cobertura esportiva tradicional, os jornais de Santa Maria trazem questões extracampo que envolvem o clássico entre Riograndense e Inter-SM. Por se tratar de um trabalho destinado a análises de temas e figuras que os concretizem, obtemos os resultados a partir de análises feitas por apenas um analista, o qual não exclui que a cobertura do clássico Rio-Nal poderia ter tido mais temas e outras figuras que os representassem. Como falamos de temas e discursos, nossa interpretação pode ser entendida de formas diferentes por outros destinatários. Por questões de dificuldade de acesso ao arquivo físico do jornal AR e pelo tempo hábil para a execução do trabalho, algumas matérias que tratavam dos temas analisados foram excluídas da análise, assim como possíveis outras temáticas que poderiam ser incluídas na cobertura do clássico Rio-Nal.

Ao fim deste trabalho, notou-se que a cobertura extracampo de meios de comunicação sobre clássicos futebolísticos pode ser levada a outros times. Com os inúmeros clubes do interior do Rio Grande do Sul surge uma ampla possibilidade de usá-los como material de pesquisa, seja em seus clássicos regionais ou municipais, ou até mesmo de como os meios de comunicação os tratam nos diferentes veículos. Além dos times do interior do Rio Grande do Sul e do Brasil, as questões extracampo se espalham para qualquer time de futebol brasileiro e para qualquer outro esporte.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Rodrigo Miquel. **A construção da notícia**. Tradução: Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ASSAF, R.; NAPOLEÃO, A.; C. **Seleção Brasileira: 90 anos (1914-2004)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2013.
- BARBOSA, G. et. al. Figueirense x Avaí: o “clássico do século”: estudo sobre mídia e cultura esportiva em Florianópolis. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 21, n. 1, 361-368, 1999.
- BUENO, E. **A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral**. Rio de Janeiro. Objetiva. 1998. p. 91.
- CARVALHAES, José Ricardo Faleiro. Esporte e Sociedade: Uma breve introdução aos principais paradigmas utilizados na análise sociológica do fenômeno esportivo. In: **Caderno de Filosofia e Ciências Humanas**. ed 2, n.2. p. 62-67, 1994.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERNÁNDEZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. **Futebol: fenômeno linguístico**. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.
- FILHO, Mauro. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FLORES, João Rodolpho Amaral. **Rio Grandense Futebol Clube: No Coração Gaúcho, 100 Anos do Rubro-Esmeraldino**. Santa Maria: NEP/UFSM, 2012.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular no país. São Paulo: Contexto, 2014.

HELAL, Ronaldo. **As novas fronteiras do ‘país do futebol’**. Rio Pesquisa. Rio de Janeiro, v.3, n.11, p.37-39, 2010. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/274926_as-novas-fronteiras-do-pais-do-futebol-pesquisa-rio-faperj.pdf>. Acesso em 29 de out. de 2015

HELAL, Ronaldo, GORDON Jr, Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV. v. 13, n. 23, p.157, 1999.

HELAL, R. & SOARES, A.J. **O declínio da pátria de chuteiras**: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. Anais Recife COMPÓS 2003 (CD-rom XII reunião anual da Associação de Pós-Graduação em Comunicação 2003).

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso Futebol, Futebol Querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R., SOARES, A.J., LOVISOLO, H., **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

LUZ, Candido Otto da. **Clássicos, conquistas e grandes jogos**: registros do Futebol santamariense. Santa Maria, RS: O Autor, 2002. v. 2.

_____. **E. C. Internacional Campeão do Interior/1981**: Um time inesquecível. Santa Maria: Edição do Autor, 2006.

LUZ, Candido Otto da. **E. C. Internacional, Santa Maria, RS: Almanaque dos 80 Anos.** Santa Maria: Edição do Autor, 2008.

MACHADO, Bruno Tech. **Uma análise da cobertura jornalística do clássico grenal realizadas pelo jornal Zero Hora.** 2009. 72p. Monografia. (Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de Ciências Sociais – Habilitação em Jornalismo – Área de Artes, Letras e Comunicação) Centro Universitário Franciscano: Santa Maria, 2009.

MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, clãs e nação. **Dados.** Rio de Janeiro, v.43, n.1, p.183-197, 2000.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados.** Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p.179-188, jan./dez. 1999

_____. Memórias do Futebol Brasileiro. **Estudos Avançados.** v. 13, n 37. São Paulo, set/dez, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n37/v13n37a09.pdf>>. Acesso em 14 de jun. de 2015.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?!. In: CARRANO, Paulo César (Org.). **Futebol: paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 11-23.

MICHEL, Maria Helena. Pesquisa e metodologia científica. In: MICHEL, Maria Helena. **Metodologias e pesquisa científica em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 2005

MILLS, John. **Charles Miller: O Pai do Futebol Brasileiro.** São Paulo: Panda Books, 2005.

MOSCA, Hugo Motta Bacêllo. **Fatores institucionais e organizacionais que afetam a profissionalização da gestão do departamento de futebol dos clubes.** 2006. 189p. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas do Departamento de Administração da PUC-Rio) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de semiótica da comunicação.** 3 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Entender persuasão**. Curitiba: Honoris Causa, 2010.

RIBEIRO, Nely. **Jornais Gráficos do RS (1827-1900) e o Jornal em Santa Maria (1883-1992)**. Santa Maria: Santa Maria, 1993.

RINALDI, Wilson. Futebol: Manifestação Cultural e Ideologização. **Revista de Educação Física da UEM**. v. 11, n.1, p. 167 a 172. Maringá, 2000.

ROSAUDO, Maiquel. **GRE-NAL: Os jogos de sentidos no agendamento do clássico gaúcho**. 2006. 84p. Monografia. (Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de Ciências Sociais – Habilitação em Jornalismo – Área de Artes, Letras e Comunicação) Centro Universitário Franciscano: Santa Maria, 2006.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 51 – 61.

TOURAINÉ, Alain. **”Esporte cria relações de proximidade”**, em Folha de São Paulo, 21 jun. 1998, p.4-8 e p.8-9

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (ORG). **Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’**. Lisboa: Veja, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 ed. Lisboa: Presença, 1999.

ANEXOS

ANEXO A: Por que Santa Maria não torce para a dupla Rio-Nal?

ESPECIALISTAS	Por que Santa Maria não torce para a dupla Rio-Nal?
<p>Cristiel Gasparetto, 37 anos, editor de esportes do Diário Gaúcho</p> 	<p>A grandeza da dupla Gre-Nal, que não dá espaços para o crescimento da maioria dos clubes do Interior, com exceção de Caxias, Juventude e Brasil-Pel. O Riograndense sofre bastante com o longo período que se manteve inativo. Também contribui para um público pequeno, a qualificação dos times. Quando as equipes estão fortes, a torcida comparece</p>
<p>Diogo Viedo, 32 anos, editor do Portal EsporteSul</p> 	<p>Notamos que os próprios santa-marienses torcem para a dupla mais famosa da Capital. Além disso, a Divisão de Acesso não é um campeonato televisionado. Notamos em outras praças, como Caxias e Pelotas, que os clubes têm força. E, aqui, os dois padecem por questões que ainda estamos tentando entender</p>
<p>Fernando Ramos, 54 anos, editor de fotografia do "Diário"</p> 	<p>O futebol mudou dos anos 80 para cá. Ficou mais caro. Nos anos 80, fazia-se futebol com menos dinheiro. Além disso, os jogadores se identificavam mais com os clubes. Hoje, eles (ogadores) rodam muito. Em Santa Maria, que não tem grandes empresas, a dupla Rio-Nal se distanciou da dupla Ca-Ju, em Caxias e dos times de Pelotas</p>
<p>Gilson Piber, 46 anos, comentarista da Guarathan e professor de jornalismo da Unifra</p> 	<p>O apelo sobre a dupla Gre-Nal é muito grande. Os clubes do Interior têm muita dificuldade de fazer futebol o ano inteiro. O torcedor também se acomoda. A visibilidade do futebol pela televisão é muito maior. É o torcedor de sofá. Outro aspecto é a categoria de base. Falta ainda uma identidade dos jogadores com o próprio clube</p>
<p>Lucianinho Périco, 38 anos, repórter e apresentador da Rádio Gaúcha</p> 	<p>Santa Maria acaba tendo essa força da dupla Gre-Nal, que é normal em outros municípios do Estado também. Não é domínio dos clubes da cidade, mas é a força das equipes da Capital. Claro, que, também não estão em um bom momento. E isso faz com que as marcas da dupla Gre-Nal se sobressaiam, até porque Grêmio e Inter ultrapassam as fronteiras</p>
<p>Marion Mello, 59 anos, narrador esportivo e apresentador de TV</p> 	<p>A relação passa pela família, principalmente pelo pai que incentiva seus filhos, desde recém-nascidos, a torcer por Grêmio ou Inter, de Porto Alegre, deixando a dupla Rio-Nal em um segundo plano. Muito também pela pouca representatividade dos times locais no cenário nacional, sem conquistas que estimulem essa paixão local</p>
<p>Nilo de Oliveira, 61 anos, gestor técnico de futebol</p> 	<p>O problema maior é a questão de gestão, que não é voltada para o cliente, o torcedor. Eles (torcedores) têm péssimas instalações (nos estádios) e não participam das diretorias. São pequenos grupos de abnegados que comandam os clubes. Isso faz com que o espetáculo não seja apreciado. Não há uma novidade. O torcedor tem de ser o número 1 nos clubes</p>
<p>Viviana Fronza, 35 anos, coordenadora de jornalismo da Rádio Gaúcha SM</p> 	<p>Santa Maria tem uma dificuldade em cativar o público mais jovem. Também tem a questão do descrédito. As pessoas se questionam até hoje se o clube teria condições de montar uma boa equipe ou se ia ter saúde financeira para movimentar times o ano inteiro. E são poucas pessoas que realmente abraçam a causa. São sempre os mesmos à frente dos clubes</p>

ANEXO B: Por que Santa Maria deveria torcer para a dupla Rio-Nal?

Por que Santa Maria deveria torcer para a dupla Rio-Nal?
A cidade deveria prestigiar mais os clubes para que eles cresçam e sediarem bons jogos, para ter a chance de ver clubes grandes sem ter de ir à Capital. Que bom se Grêmio ou Inter fossem atuar no Presidente Vargas ou Eucaliptos. Santa Maria deveria torcer para a dupla Rio-Nal para que os times se solidifiquem e levem o nome da cidade para todos os cantos do país. E, principalmente, para que os estádios não deixem de ser um lugar de passeio para pais e filhos
É importante para a economia da cidade. Mesmo quem não gosta de futebol, é um meio onde também se gera a economia. Um time na primeira divisão vai atrair outras torcidas, que são mais fiéis em jogos. A própria televisão vai vir. A publicidade das empresas apoiadoras será mostrada a nível estadual. Os hotéis vão ganhar um incremento, o comércio. Toda a economia gira. O futebol movimenta muito mais do que um jogo nas quatro linhas
O torcedor tem de decidir se apoia ou não. De outra maneira, não vem receita para o time. Tem que acreditar no time e ir ao estádio. Começar a criar essa cultura de ir ao estádio para que o time se sustente e se mantenha. Tem que confiar e dar um tempo para o time crescer e formar uma equipe. Não simplesmente esperar um jogo considerado importante para ir acompanhar
O futebol profissional valoriza a cidade. Você estar na elite, significa uma verba melhor. Os patrocínios são melhores, porque a visibilidade aumenta. Uma coisa é você enfrentar adversário da Divisão de Acesso, outra é trazer a dupla Gre-Nal, os clubes de Caixas, o Brasil de Pelotas. Santa Maria é uma das principais economias do Estado em matéria de população. Uma cidade universitária, com base na prestação de serviços, que tem muito a crescer e a oferecer
Nada melhor do que a cidade abraçar os dois times. A cidade poderia ter algum incentivo dos clubes e, claro, as pessoas deveriam, naturalmente, apoiar os times da sua cidade. Pode torcer para Grêmio ou Inter, mas apoie o time da sua cidade. Criar um vínculo local. Santa Maria precisa dar esse passo à frente e dar carinho aos clubes locais. Nos anos 80 e 90, a cidade teve um bom momento. Santa Maria precisa de um time na Série A (do Gauchão)
Temos a obrigação de torcer pela dupla Rio-Nal, na medida em que houver uma conscientização de que a nossa cidade tem potencial para ter um time na divisão especial. Mas, para isso acontecer, temos que incentivar a formação de atletas nas categorias de base, onde será possível a aproximação dos familiares junto aos clubes, criando uma paixão dos atletas em vestir a camiseta do time e o orgulho em representá-lo
A partir do momento que o torcedor se tornar cliente, ele terá benefícios. Se tiver um clube-escola, o clube vai interagir com a comunidade. O aspecto social é importante também. Essa interação é o que está faltando. Além disso, o futebol gera empregos. E, se for profissionalizado, movimentará a prestação de serviços. É uma coisa que mexe com a cidade
O futebol é uma possibilidade também de projeção para a cidade. O Inter-SM e o Riograndense tendo mais sócios, com certeza teriam mais dinheiro e condições melhores de formar boas equipes. Formando-se uma boa equipe, disputa-se um bom campeonato e se busca visibilidade. A importância de se ter torcida nos estádios e eles acreditarem que os clubes têm condições de irem adiante, é que vamos conseguir mostrar um pouco mais a cidade